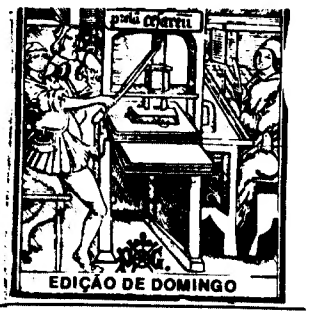
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

Domingo, 15 de Outubro de 1972 — N.º 17 893 — Ano 52.º — PREÇO 1$50

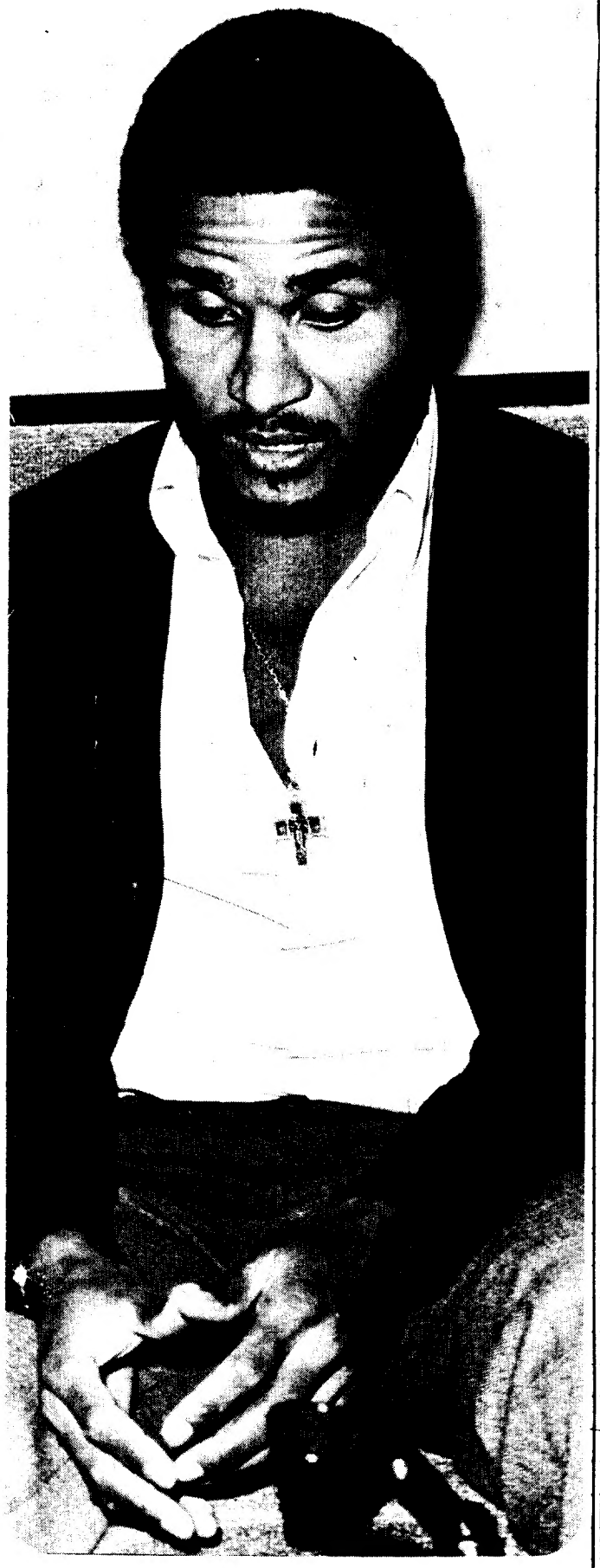


A VOLTA DE PERÓN

Durante os últimos dezassete anos, políticos e altas patentes militares revesaram-se na Casa Rosada, tentando ignorar ou desmentir esta realidade: governar a Argentina sem Perón, ou sem o apoio decisivo de Perón, é uma tarefa impraticável. O presidente Lanusse parece ter compreendido esta particularidade do país ao fixar para 1973 a realização de eleições gerais, nas quais, pela primeira vez desde 1965, os peronistas estarão representados. Perón deve voltar a Buenos Aires no próximo dia 17. O seu plano e a realidade política argentina estão na pag. 14.

HOJE: 32 PÁGINAS

Perón (noutro tempo) com o presidente Ibanez do Chile.



EUSÉBIO

Em Mesa Redonda

Eusébio, o maior futebolista português, é também a vedeta da semana (quatro golos contra o Sporting) esteve na nossa redação em mesa-redonda com seis jornalistas: Armindo Branco, Neves de Sousa, Cesário Borga, Orlando Dias Agudo, Daniel Reis e Jesus da Cunha. Duas horas decorridas, o arquivo fonográfico da conversação resgistava declarações de extraordinário interesse que são reportagem em quatro páginas neste D. L. Dominical.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

O QUINTO PRÉMIO

A publicação da lista dos livros que constituem o quarto prémio da iniciativa «Homem que lê vale por três», provocou o maior entusiasmo entre os nossos leitores, como verificamos pelas duas centenas de cartas que nos chegaram, logo de manhã, à redacção.

Apesar dos esclarecimentos que temos prestado, ainda havia quem pensasse declinar visìvelmente a qualidade dos livros a partir dos dois primeiros prémios...

Para que ninguém tenha dúvidas sobre este ponto, publicamos, hoje, a lista dos livros que constituem o quinto prémio e, amanhã, a dos que constituem o sexto prémio.

Ficam todos, portanto, esclarecidos acerca da qualidade dos prémios instituidos.

Como não podia deixar de ser, há uma diferença entre os prémios, mas essa diferença não afecta a qualidade e o interesse dos livros escolhidos...

Do quinto prémio, fazem parte, entre outras, as obras completas de Eça de Queiroz, as obras completas de Gil Vicente, o Teatro Modernode Luis Francisco Rebelo, as obras de Fernando Pessoa, as obras completas de Dostoievski, e a História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV. Podiamos continuar, mas não vale a pena — os nossos leitores preferirão, certamente, ler a lista completa que abaixo publicamos.

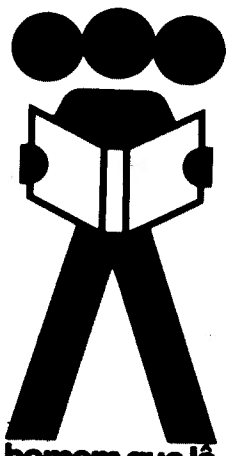
Voltamos a insistir na utilidade de todos os nossos leitores se inscreverem como «Leitores do Diário de Lisboa» a tempo de ainda participarem nesta iniciativa.

As suas vantagens são tantas e tão evidentes que não voltamos a descrevê-las, mas relembramos que a participação depende em primeiro lugar da inscrição — quem não se tiver inscrito não poderá figurar no sorteio.

Para além disso, o que é preciso?

Apenas coleccionar os cabeçalhos dos jornais publicados de 9 de Outubro a 22 de Novembro.

Haverá coisa mais simples?



LIVROS DO BRASIL: Obras de Eça de Queiroz, 15 vol.

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO: Rimas, Autos e Cartas de Luis de Camões, Obras Completas de Gil Vicente, História de Portugal, 9 vol.

LIVROS HORIZONTE: Geografia da Península Ibérica; O Socialismo e o Futuro da Peninsula; Autómatos, Automatismo e Automatização; Do Sebastianismo ao Socialismo Em Portugal; Portugal na Balança da Europa; Da Filosofia; Cooperação Agrícola; Alexandre Herculano; História de Espanha; Introdução à História Económica; A Situação Universitária Portuguesa; Emigração Portuguesa; A Primeira República Portuguesa; A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX; Introdução à Atitude Científica; Da História - Crónica à História - Ciência; Eça de Queiroz e o Seu Tempo; «Formas de Tratamento» na Língua Portuguesa.

EDITORIAL INOVA: Memórias de Alegria.

LIVRARIA BERTRAND: Cem Mil Anos de Vida Quotidiana; História da Europa e do Génio Europeu; História da Arte.

PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA: A Centelha de Vida; Tempo Para Amar e Tempo Para Morrer; A Caserna; A Guerra; A Derrota; Nem Só de Pão Vive O Homem; Fontamara; A Pousada da Sexta Felicidade; O Último Justo; Desenraizados; Exodus; Deus Dorme Em Mansúria; A Sentença; A Guerra das Bananas; Fábrica de Oficiais; O Regimento da Morte; Mães e Filhas; O Céu Não Tem Favoritos; A Felicidade Não Se Compra; A Ponte; Não Matem a Cotovia; A Rua; Uma Noite Em Lisboa; Os Carros do Inferno; Rebelião dos Perdidos; O Ferrolho; A Noite dos Generais; O Processo de Adão Pollo.

PRELO EDITORA: Teatro Moderno; Pantagruel.

EDITORIAL PRESENÇA: Os Amores de Luciano Leuwen; O Inspector; As Viagens do Gulliver; Diário da Peste de Londres; A Política; A Arte de Amar; Pais E Filhos; Cyrano de Bergerac.

EDITORIAL PRESENÇA: Satiricon; Anti-Cristo; Diário de Um Sedutor; O Político; O Crespusculo dos Deuses; Hamlet; Macbeth; Sonho duma Noite de Verão; Julio César; Otelo; O Rei Lear; Ricardo III; António e Cleopatra; O Mercador de Veneza; História da Filosofia, 14 vol.

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE: Conjuntos Miguel Angel Astúrias, encadernados constituidos Pelas seguintes Obras: Lendas da Guatemala; O Senhor Presidente, Fim de Semana na Guatemala, Espelho de Lida-Sal, Furacão; Que Futuro para o Vietname; Checoslováquia na hora da Democratização; Biafra; O Desafio Americano; Médio Oriente-Solução Impossível; A Rodésia e a Independência; Japão-Outro Gigante; O Brasil na Encruzilhada; Droga, Inferno ou Paraiso, Lua-Sim Ou Não; De Adenauer a Willy Brandt; India Sem Na-

Continua na pág. 2

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

O QUINTO PRÉMIO

Continuação da pag. 1

tal; Inglaterra-Trabalhistas Conservadores ou Europeus; F. B. I. Abuso de Autoridade; Marrocos-Hassan e as Conspirações; A Mitologia; Maomé e Carlos Magno; Caminhos Para a Europa; A Civilização de 1995; 20 Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada O Mundo Alucinante; Destruir, Diz Ela; Bestiário; Os Filhos de Viriato; Uma Abelha na Chuva; Pequenos Burgueses; A Casa Na Duna; Aprendiz de Feiticeiro; Gaivotas em Terra; Suão.

EDITORIAL ESTÚDIOS CÔR: O Fim da Aventura; Teresa Desqueiroux; Oriente Expresso; Motim Em Julho; As Confissões de Félix Krull; Ciclone na Jamaica; O Vestido Vermelho; Páscoa Feliz; A Sibila; Cavaleiro da Noite; Reflexos Nuns Olhos de Oiro; O Navegador; A Grande Aventura; Um Lugar Ao Sol; Os Vodis; Madre Joana dos Anjos; Barrabás; Conde Belisário; O Tambor; Memed, Meu Falcão; A Califa; Herzog; O Cão de Hitler; A Vida Ardente; Tobias O Peregrino; O Jogo da Morte.

EDITORIAL ÁTICA: Poesias de Fernando Pessoa; Poesias de Álvaro de Campos; Poemas de Alberto Caeiro; Odes de Ricardo Reis.

EDITORIAL ÁTICA: Poemas Dramáticas de Fernando Pessoa; Poesias Inéditas (1930-1935) de Fernando Pessoa; Poesias Inéditas (1919-1930) de Fernando Pessoa; Quadros Ao Gosto Popular de Fernando Pessoa; A Confissão de Lúcio; Poesias de Sá Carneiro; Cartas a Fernando Pessoa I; Cartas a Fernando Pessoa II; Céu Em Fogo; Serra Mãe; Diário; Cabo da Boa Esperança; Campo Aberto; Itenerário Paralelo; O Segredo é Amar; Pelo Sonho é que Vamos; O Amansar da Fera; Os Anjos e o Sangue; António Marinheiro; Anunciação; Auto da Barca do Motor Fora da Borda; O Barão; O Crime da Aldeia Velha; Felizmente Há Luar; O Gigante Verde; A Grande Feira do Mundo; O Inferno; O Judeu; O Lugre-A Irmã Natividade; As Mãos de Abraão Zacut; O Pecado de João Agonia; A Promessa; A Qualquer Hora o Diabo Vem; Sua Excelência; Boca Bilingue.

EDITORIAL ESTAMPA: História das Ideologias; Contos e Novelas de Almada Negreiros; Romance-Almada Negreiros; Teatro-Almada Negreiros; Ensaios I Almada Negreiros; Textos de Intervenção I-Almada Negreiros.

EDITORIAL MINERVA: O Homem que Tinha Tudo; O Último Segredo; Como Eu Vejo A China; As Kennedys; E Tudo O Vento Levou; Fadado para Vencer; Corpos e Almas.

EDITORIAL ARCÁDIA: Obras Completas de Dostoievski, 10 vol.

LELLO E IRMÃO: Séguier; Shakespeare (Especial) 4 vol.; Biblioteca Moliére, 15 vol., Júlio Diniz (Biblia) 2 vol.

MORAES EDITORES: História da Filosofia Ocidental I; História da Filosofia Ocidental II; Entre o Homem e a Gestapo; 1917-História de Uma Revolução; Anatomia Social do Crime; Experiência da Droga; Minha Mulher - Minha Irmã; A Quadrilha de Bonnot.

PARCEARIA A. M. PEREIRA: Traços do Extremo Oriente; Dai Nippon; Relance da História do Japão; Antropologia I; Antropologia II.

LIVRARIA SÁ DA COSTA: IN-Memorian; História da Administração Publica Em Portugal Nos Séculos XII-A-XV, 11 volumes.

ATENÇÃO: O QUE TEM DE FAZER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"
3.ª FASE

NOME: _____

MORADA: _____

LOCALIDADE: _____ TEL: _____

PROFISSÃO: _____

Os leitores já inscritos que tenham mudado de residência, para concorrerem a esta 3.ª fase, têm obrigatòriamente de renovar a sua inscrição preenchendo este cupão e indicando que ele se destina a substituir o anterior. Para o fazerem basta-lhes indicar a sua morada antiga na linhaque segue

_____

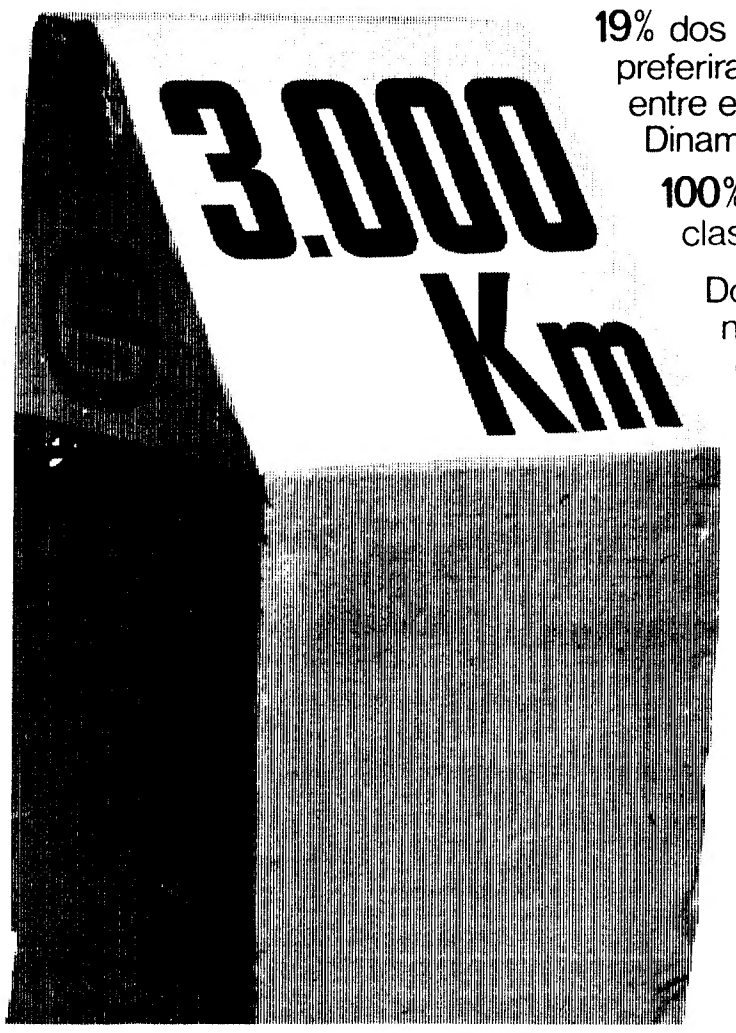
Os Leitores que ainda não estejam inscritos preenchem sòmente a parte de cima.

1.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer de qualquer das iniciativas que este jornal dedicou aos seus leitores, não precisa de fazer mais nada e não deve preencher este cupão, porque já é «Leitor do Diário de Lisboa» e já está, portanto, habilitado aos prémios instituídos para a nova iniciativa, mesmo que tenha perdido o seu «Bilhete de Identidade», desde que, a verificar-se a hipótese de ser premiado, tenha em seu poder uma colecção dos cabeçalhos dos jornais que sairem durante o período de duração da iniciativa.

2.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer duma das iniciativas anteriores, mas mudou de residência desde a sua inscrição, deve preencher novamente este cupão 'indicando no mesmo, a sua antiga morada, para que possamos substituir a sua antiga ficha por uma nova.

3.º) Se nunca se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» e deseja aproveitar esta oportunidade para o fazer, deve preencher este cupão, recortá-lo e enviá-lo, juntamente com um selo de 1$00. a «Homem que lê vale por três», Serviços Administrativos do Diário de Lisboa, Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa. O selo de 1$00 será usado pela organização da iniciativa para lhe enviar o seu «Bilhete de Identidade de leitor do Diário de Lisboa».

A MABOR E OS 3.000 QUILÓMETROS DO 6º RALLY TAP

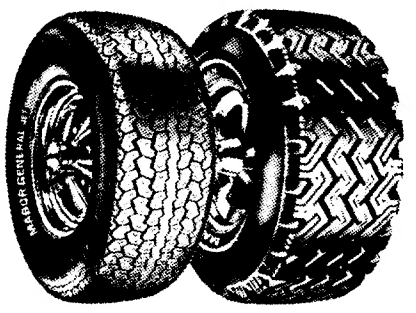


19% dos concorrentes
preferiram pneus MABOR
entre eles 9 equipas da Bélgica
Dinamarca, Espanha, Finlândia e Suécia

100% dos concorrentes com pneus MABOR
classificados no final da 1ª e 2ª etapas

Dos concorrentes em prova
no início da 4ª etapa
os pneus MABOR
mantêm a participação de 19%

JetSport
WINTER CLEAT RADAN



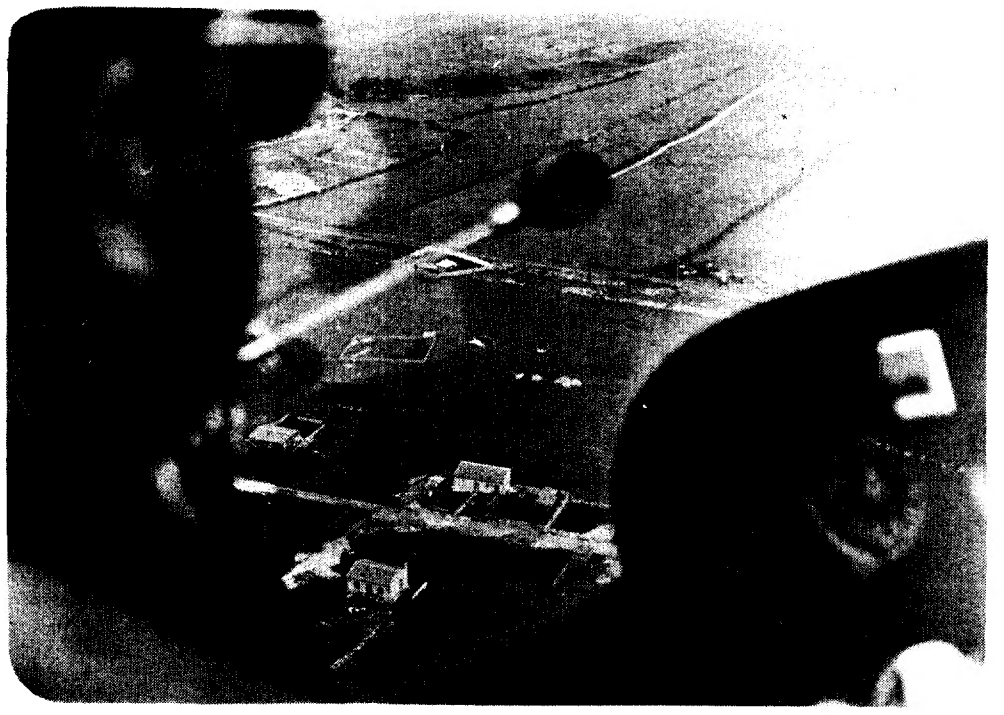
Confie na qualidade MABOR GENERAL

VIVER NO AR

Portugal, país de marinheiros por tradição e condicionalismo geográfico, não tem encontrado na aviação, para além da celebrada Travessia Aérea do Atlântico Sul por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, uma forma corrente de estar na História.

Até agora a arte de pilotar tem ficado reservada a uma minoria restrita de privilegiados, a uns poucos que puderam dispor de meios económicos para adquirir o indispensável «brevet» passado pelo Aero Clube de Portugal, colectividade que desde a sua fundação, verificada em 14 de Fevereiro de 1909, apenas diplomou 672 pilotos.

Texto:
MANUEL GERALDO
Fotos: RUI PACHECO



Voar: uma certa forma de liberdade

Novo regulamento

Procurando indagar no local o que de concreto se está a passar com esta actividade, numa altura em que o incremento do tráfego aéreo e a utilização de aviões numa agricultura altamente mecanizada está a exigir um número cada vez maior de profissionais bem remunerados, fomos tentar informar-nos junto de quem melhor conhece a situação.

Sampaio Melo, subdirector do Aero Clube de Portugal, a quem contactámos, começou por esclarecer-nos a propósito: **Presentemente, estamos a tentar integrar-nos dentro de um conceito mais actual do que deve ser a aviação da era cósmica. Pilotar um avião não pode continuar a ser um mero passatempo, para transformar-se numa profissão altamente especializada onde os conhecimentos técnicos não se podem descurar. Aqui no Aero Clube estamos a lutar por um novo regulamento, que passe a exigir o 2.º ciclo liceal ou equivalente, como habilitações mínimas para um candidato ao «brevet». Na preparação teórica de um piloto entram matérias que necessitam de bases que já não se podem compadecer com a falta de conhecimentos elementares.**

— Mas para além das habilitações mínimas, o custo do «brevet» não poderá constituir sério impedimento para muitos aspirantes a profissionais de pilotagem?

— **Não creio que esse pormenor possa ser um impedimento de maior, pois a Direcção da Aeronáutica Civil concede subsídios que reduzem substancialmente o custo do «brevet». Assim, um jovem menor de vinte anos paga apenas 3200 escudos pelo curso, ao passo que indivíduos acima desta idade gastam sete contos e quinhentos. Qualquer piloto terá depois uma carreira aliciante e bem remunerada à sua frente, na aviação militar ou comercial. Os cursos constam de trinta horas de voo e de uma série de aulas teóricas acompanhadas de testes.**

— Existem muitas mulheres a frequentar estes cursos? perguntámos ainda.

— **De momento, apenas três representantes do sexo feminino o fazem. O ano passado tivemos quatro, em paralelismo com os cinquenta homens que concluíram o curso, e o Aero Clube desde a data da sua fundação, apenas «brevetou» trinta mulheres. Este quadro desolador não é mais do que o reflexo natural das enormes limitações que a mulher portuguesa forma de estar da mulher na nossa sociedade.**

Vista aérea do aeródromo de Tires, onde funciona a escola de pilotagem do Aéro Clube de Portugal

Forma... de emancipação

As aulas práticas são ministradas por dez instrutores no aeródromo de Tires, onde o Aero Clube possui catorze aviões e dois planadores. Ali encontrámos Sharon Klain, uma súbdita americana de vinte anos, residente em Portugal desde 1960 e diplomada naquela Escola. Alta, esguia, descontracção patente em cada palavra a que sabe associar o gesto exacto.

Voar para si, representa uma forma de emancipação? — perguntá-mos-lhe

— **Para mim é isso mesmo! Mostrar que sou eu, mulher (ser humano) sem inibições de sexo ou de potencialidades físicas. Uma forma, não a única nem a mais importante, de me sentir livre. Só é pena que poucas mulheres pratiquem esta actividade em Portugal.**

Motivos para esta apatia, para esse desinteresse? — **Talvez a pouca confiança que a mulher portuguesa tem nas suas próprias possibilidades, para além das dificuldades económicas que muitas sentem para poder satisfazer esse desejo, se ele acaso existir. Quanto a mim, não se poderá fazer desporto ou emancipação enquanto não existir uma relativa e sempre necessária descontracção financeira. E repare que após o «brevet» quem quiser continuar a prática da pilotagem, tem de se sujeitar a pagar seiscentos escudos por hora de voo. A quantas se torna isso acessível?...**

Um português, Ferreira Silva, dezoito anos, o «brevet» como catapulta para uma ambicionada carreira militar: — **Se o conseguir tirar até ao fim do próximo ano lectivo, altura em que devo completar o sétimo ano, irei para a Força Aérea. Aliás, não concebo outra actividade que me possa conduzir a uma realização tão plena. É por isso mesmo que aqui estou, porque «viver» ao comando dum avião me proporciona um amplo e inexplicável sentimento de liberdade.**

Profissão aberta

O repórter teve oportunidade de «saborear» ao vivo esse elixir de liberdade de que nos falam os mais acesos amantes da aeronáutica a bordo de um avião pilotado por Licino Soares, consultor técnico do Aero Clube, que uma vez cá em baixo teria oportunidade de nos dizer: — **Voar é belo como teve agora oportunidade de verificar, mas também pode ser um poço de dificuldades para quem não estiver bem preparado, técnica e psicològicamente. Já tem acontecido a muitos pilotos, desistirem de toda a actividade logo após o primeiro susto. Então aqueles que tudo podem comprar, para quem voar é mesmo e apenas um passatempo meramente aristocrático, e «muito bem» um susto inesperado pode servir de severa lição. A pilotagem tem de deixar de ser uma actividade para raros privilegiados e passar a constituir uma profissão aberta a toda a gente, pois só assim poderá surgir a selecção dos mais aptos.**

Também nós somos da mesma opinião! Que a pilotagem passe a ser uma profissão aberta aos mais áptos de «entre toda a gente» e não um mero passatempo para raros privilegiados, uma Escola onde ao longo de trinta anos de existência apenas 672 pilotos foram «fabricados» entre uma população de oito milhões de candidatos em potência.

O ALENTEJO

COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L.

Comunica a todos os seus Segurados, Colaboradores e Amigos, assim como ao público em geral que, por portaria de 9 de Agosto de 1972, «Diário do Governo» de 31 de Agosto de 1972, se encontra autorizada a explorar o RAMO VIDA.

Estão activamente em curso todos os trabalhos de preparação inerentes à criação e funcionamento dos serviços do citado Ramo. O ALENTEJO tem o prazer de anunciar que a subscrição de seguros deste Ramo começará no decorrer do presente ano.

Com a ampliação da sua actividade, ao Ramo Vida, fica assim a nossa Companhia apta a explorar todos os Ramos e, consequentemente, a melhor colaborar num esforço de renovação e progresso do País.

Um certo fatalismo...

CIDÁLIA MOREIRA

UMA CIGANA NO PARQUE

Alta, muito morena, longos cabelos negros caindo sobre o tronco, olhos onde brilha uma agressividade animal__ eis Cidália Moreira quando entra no palco do teatro para cantar o fado. É uma atracção na revista «Cá vamos pagando e rindo» e a sua actuação contrasta com todos os outros números ali apresentados. Quando ela canta, faz-se silêncio, obrigatóriamente.

Fotos de J. TAVARES

«Se o fado é isso
que vocês choram
não quero o fado
Se o fado é isso
que assim adoram
não quero o fado»

Uma letra-protesto dentro de uma música castiça. Uma canção contraditória. E a intérprete?

__ **Canto este fado porque o achei muito giro...Mas, pessoalmente, não faço da letra uma afirmação de propósitos. Gosto de cantar todo o fado, fado a sério. Mas o meu género é o clássico, o chamado fado castiço.**

Em Cidália Moreira, o que resulta imediatamente é a presença. Sabe estar no palco e agarrar o público. Tem um poder de comunicação extraordinário. Mesmo com aquele ar agressivo, de animal ferido, amedrontado e vingativo. As palavras ganham força na sua voz. Quer cante o fado ou canções ciganas.

__ **Sou mesmo cigana. Ou por outra: a minha mãe era cigana. Mas o meu pai era alfacinha. Não tinha voz, mas era fadista porque sentia o fado e cantava-o com sentimento. Talvez este meu gosto seja uma herança.**

O DIA DE ANOS

No dia em que a entrevistamos, Cidália Moreira comemorava os seus 28 anos. Uma festa simples, nos intervalos do espéctaculo, com champanhe para os amigos e alguns presentes, entre eles uma guitarra em filigrana.

__ **A menos que esteja doente, festejo sempre o meu aniversário...**

Dir-se-ia uma pessoa feliz. No entanto, Cidália respira fatalismo por todos os poros. Ser fadista é, para ela, mais uma condição do que uma profissão.

__ **Não, nunca resolvi ser fadista. Até certa altura da minha vida, desconheci que existia essa tendência em mim. Depois, um dia, ela despertou bruscamente. E agora acho que não vale a pena iludir aquilo que sou.**

Começou há dez anos. Decorria um almoço e pediram-lhe que cantasse. Ela cantou. Foi o princípio da sua carreira. Depois, veio a estreia como profissional no Pavilhão dos Desportos. **Nunca mais esquecerei esse dia** __ comenta como se voltasse a respirar o nervosismo, o entusiasmo, a expectativa do primeiro dia.Vieram os convites para as casa típicas, umas a seguir ás outras. A subida foi fácil. **Assim fosse tudo na vida.** O pessimismo fatalista ronda-lhe as palavras, espreita-lhe os gestos: **Há tantas coisas que a gente quer e não consegue!... E tantas que a gente consegue e não quer!..** Mas o fado foi sempre uma carreira linear, certa. Até houve o Brasil, entretanto.

__ **Estive lá quatro anos, sempre a trabalhar. Se gostasse de falar nos meus sucessos, diria que foram bons.**

Cidália Moreira é algarvia. Viveu em Olhão até ser **descoberta**. Mas não gosta de falar desse tempo. Da infância, diz **Foi uma infância normal, igual à de toda a gente.** Mas logo acrescenta que detesta falar nisso. **Faz de conta que foi feliz** __ diz em jeito de esquiva confissão.

__ **Que fazia? Nada de especial. Estudei o que me obrigaram a estudar, para aprender a ler e a escrever. Já então me interessava por cantorias e não ligava a mais nada.**

Mas nunca aprendeu música. Afirma, no entanto, que ninguém a engana a cantar.

__ **A intuição é muito importante para um fadista. Depois é preciso não esquecer que, para ser fadista é necessário sofrer. Não me venham dizer que se pode cantar o fado como quem canta qualquer outra coisa. É uma coisa complicada. Não basta ter boa voz, é necessário um certo sentimento cá dentro.**

Nas veias, sangue cigano...

O fado, antes de tudo o mais

UMA MULHER CONTRADITÓRIA

__ Como se sente na revista, um ambiente tão diferente daquele que se respira nas casas típicas?

__ Mentalizo-me fàcilmente. . Mergulho no meu trabalho e não me interessa o que está à volta. Sou muito independente.

Do público, diz, porém:

A sua presença é muito importante para mim, como para qualquer artista. Felizmente, nunca fiquei desiludida com o público.

O seu reportório não é muito variado. Embora também cante outros géneros, (principalmente canções brasileiras) o fado ocupa a maior parte. Números que ela repete quase sempre nas suas actuações habituais. Por exemplo: «Amar», o poema de Florbela Espanca e «Não acordes minha dor».

__ **Por um lado, procuro cantar apenas coisas de que gosto. Por outro lado, é o próprio público que me obriga a repetir os mesmos fados. O que não quer dizer que não me preocupe em mudar.**

Ambições? Sim, tem-nas. Mas não fala muito disso. Aliás, fala pouco de si. Com um certo tom amargo na voz. Como mulher considera-se complicada, esquisita, **chata**, «tudo isso». Em contrapartida, tem gostos muito simples e muito femininos, no sentido mais tradicional da palavra.

__ **Sou uma pessoa caseira. Adoro tratar da minha casa e tenho a mania de que ninguém faz as minhas coisas melhor do que eu. Passar a ferro, lavar, cozinhar são para mim verdadeiras distracções.**

E esta mulher que todas as noites actua, como **atracção especial** numa das revistas do parque Mayer. Alternando o trajo de fadista com o de cigana. Contestando o fado tradicional, a tristeza por destino, o o saudosismo, o marialvismo. Chamam-na a «fadista cigana». O seu nome é Cidália. Vinte e sete anos, alguns dos quais prefere esquecer. Cantando de olhos fechados, a canção mais saudosista que existe em Portugal.

Sonha. E do que sonha, diz apenas:

__ **Gostaria de ser considerada uma grande artista. E, no entanto não gosto de mim. Mas não me pergunte o motivo, porque não sei explicar.**

BEJA — REGIÃO DE CAÇA

BEJA, cidade rainha da planície alentejana e celeiro de Portugal, para além do seu valor histórico e monumental e da magnífica situação que a coloca numa importante encruzilhada rodoviária de todo o País e o Algarve e a vizinha e típica Sevilha, é um dos maiores e mais procurados centros cinegéticos do País.

O intenso movimento turístico que na capital do Baixo-Alentejo se tem verificado nos meses de Verão vai agora continuar com a presença já tradicional de numerosos caçadores que além da prática do seu desporto preferido, podem também apreciar os bons vinhos da região e a velha e afamada cozinha alentejana.

Micro gong

Os DESPERTADORES que despertam a boa disposição

Estupendos! Económicos!

distribuidores: HORA ELECTRICA, LDA rua andrade 18-20 lisboa

EXTERNATO
Almada Negreiros
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-1.º
Tels. 538308 - 538349
Junto ao Teatro Monumental
CICLO PREPARATÓRIO, LICEAL
INSTITUTOS
DIURNO — NOCTURNO
(ABERTAS AS INSCRIÇÕES)

Técnicos da construção civil da Associação de Nova York visitaram os empreendimentos da firma J. Pimenta SARL

Especialistas americanos, na construção civil, num grupo de 300 pessoas, da Associação de Nova Iorque deslocaram-se ao nosso País a fim de tomarem contacto com empreendimentos urbanísticos em curso na periferia de Lisboa, fazendo-se acompanhar dos dirigentes S. Gordon T. Parks, presidente; Gerald Goldie e Sid Marcus, vice-presidentes; Elton Finch, Herman Rudy, Sam Hankin e Robert Stackler.

O Sindicato Nacional dos Construtores Civis promoveu um colóquio, no Estoril, tendo falado o seu dinâmico presidente, sr. José do Espírito Santo Silva, e o dr. Carlos Castro, do Ministério das Obras Públicas.

Dando cumprimento ao seu programa de observação directas, os visitantes estiveram, com larga demora, nos centros urbanos e turísticos das empresas J. Pimenta, na Reboleira, Paço de Arcos e Cascais onde foram recebidos pelo industrial João Pimenta e eng.º Mário Martins, administrador, e membros do departamento técnico que prestaram amplos esclarecimentos. Os construtores civis norte-americanos, que foram obsequiados com um beberete, manifestaram a mais viva admiração pelo que lhes foi dado observar, felicitando particularmente o sr. João Pimenta pela tarefa a que meteu ombros e que, segundo afirmou o seu presidente, se reveste de particular interesse no âmbito dos mais importantes problemas habitacionais.

À noite os técnicos novaiorquinos retribuíram as gentilezas recebidas com um jantar em que foram convidados de honra o Sindicato Nacional dos Construtores Civis e a Organização J. Pimenta.

Teatro infantil

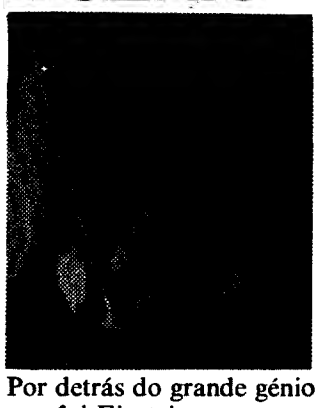
O Teatro do Arco da Velha que iniciou ontem a sua 3.ª temporada, de novo no Capitólio, estará todos os sábados, domingos e feriados à disposição das crianças com espectáculos de Teatro infantil. Hoje, pelas 16 horas, será apresentada a peça «A Gata Borralheira».

Dentro de alguns dias será estreada, no mesmo teatro, a peça de Maria Clara Machado, «A Menina e o Vento», para maiores de 4 anos, e nos dias 21 e 26 será resposta a peça «Era Uma Vez Uma Carochinha», à qual se seguirá «O Cavalinho Azul». Estas duas reposições serão efectuadas no Teatro S. Luis.

"D. QUIXOTE" EM CASELAS

A convite do Ginásio Clube de Caselas, desloca-se àquele bairro de Lisboa o Grupo de Teatro do Campolide Atlético Clube para apresentar, hoje, pelas 22 horas, a peça de António José da Silva «A Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança» que, no fim da última temporada, mereceu os mais rasgados elogios da crítica e do público.

EINSTEIN HOMEM E GÉNIO



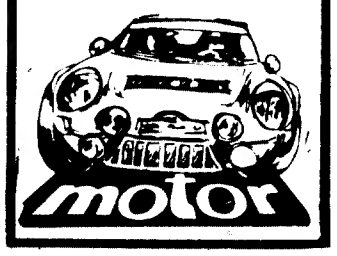
Por detrás do grande génio que foi Einstein estava um homem profundamente vivo, dinâmico, irónico, irreverente. Esse homem, que a genialidade nunca relegou para segundo plano, era o grande segredo que tornava Einstein numa pessoa estimada por toda a gente e de fascinante convívio.

Leia um interessante artigo que revela alguns pormenores inéditos do Einstein-homem, publicado no número de Outubro de Seleções do Reader's Digest. Compre hoje mesmo o seu exemplar.

NOVA PEÇA DE BELLIDO

MADRID — Com «Letras Negras en un Muro» José Maria Bellido terá em Madrid a sua segunda estreia. A peça será levada à cena pela companhia do «Corral de las Comedias», durante a temporada em curso, num teatro ainda não escolhido. Trata-se de uma comédia dramática com seis personagens apenas.

LEIA O JORNAL



FILEME

EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO

AMANHÃ INAUGURAÇÃO

DE 16 A 22 DE OUTUBRO

A organização científica do trabalho, as modernas técnicas de gestão administrativa, equipamentos funcionais - ao serviço da produtividade e do desenvolvimento empresarial

DIAS ÚTEIS : DAS 10 AS 20 HORAS
SÁBADO E DOMINGO: DAS 15 AS 23 HORAS

NAFEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

MELHORES LIVROS PARA MAIS LEITORES

EIS PAX
Jorge de Oliveira/Norberto Nunes
Uma nova personagem na história da banda desenhada. PAX comenta o Mundo em que vivemos e o nosso quotidiano. Ou o cómico e o absurdo da civilização. Col. PAX — n.º 1 — 20$00

ARNIE NA ILHA DOS MARES DO SUL
Pierre Levie/Nadine Forster
O primeiro de uma série de oito álbuns em que se contam as (maravilhosas) aventuras da jovem ARNIE e dos seus estranhos amigos: Wal, o canguru; Bafou, o pelicano; «Pusse-Pusse», o polvo. Quem não gostará de os conhecer? Álbuns de grande formato e profusamente ilustrados.
Col. ARNIE — n.º 1 — 50$00

VIDA SEXUAL CONJUGAL
Paolo Monteleone
Segundo volume da **Biblioteca da Educação Sexual** que será composta por 22 volumes.
BIBLIOTECA DA EDUCAÇÃO SEXUAL — n.º 2 — 45$00

PLÁTANO EDITORA
AV. DE BERNA 31, 2º E. LISBOA

VÁ AO TEATRO!!!

BREVEMENTE: COMUNA—TEATRO DE PESQUISA

TEATRO Telef. 555133
MONUMENTAL
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.
RAUL SOLNADO
na famosa revista
PRA FRENTE LISBOA!
com
FLORBELA
os artistas convidados
IRENE ● JOSÉ de ISIDRO CASTRO
LINDA SILVA
a fadista
ANA ROSMANINHO
e o extraordinário
BALLET PICCADILLY STARS BALLET
4.º MÊS
GRUPO D — M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037
VARIEDADES
2.as, 3.as e 5.as-Feiras
às 21.45 h.
6.as, Sáb. e Domingos
2 sessões 20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.
SIMONE e RUI
na divertida comédia
A CAMA DOS COMUNS
com
IO APOLONI
CANTO e CASTRO
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
4.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586
VILLARET
2 SESSÕES
20.45 e 23 h
Domingo, à tarde 16 h.
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia
SUA EXCELÊNCIA O PENDURA
com
DORA LEAL
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA
7.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 361740
MARIA VITÓRIA
2 SESSÕES
às 20,45 e 23 horas
Domingo, matinée às 16 h.
SALVADOR
IVONE SILVA
NICOLAU BREYNER
na super-revista popular
CA VAI OS PAGANDO E RINDO...
com
ANABELA
Victor Mendes
Carlos Queiroz
BARROSO LOPES
a atracção sul-americana
VERA SANDERS
a grande revelação
CIDÁLIA MOREIRA
e um fabuloso
BALLET INTERNACIONAL
Produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
Grupo D/18 anos

TRÊS ESPECTÁCULOS APRESENTADOS POR VASCO MORGADO

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

TEMPO PARA VIVER

Teatro, cinema, bailado, concertos, exposições, reuniões culturais ou, se quisermos, de puro convívio informal entre pessoas que gostam de falar sem estarem convencidas de que, com isso, estão a virar o mundo do avesso (e se o virassem, a experiência não resultaria?), de tudo isto uma capital como Lisboa, fora as limitações, que são muitas e a vários níveis, nos dá um pouco. E eu até gosto. De teatro, de cinema, de bailado e de música. Bastante mais do que de reuniões culturais e isto porque naquelas em que já estive alguma vez senti (como hei-de dizer?) algo perplexo com o que lá se disse, pensando eu o que se ia dizer seria de outro teor. Mas o teatro é um apelo. Mesmo quando mau. O cinema idem, ainda quando nos apercebemos que a máquina da publicidade (contra a qual nada temos, ora essa!) nos levou ao equívoco. E, no entanto, o que é que eu vi de teatro de há cinco anos a esta parte? Três sessões? Ou quatro? Sim, quatro, pois a última, lembro-me perfeitamente, aconteceu-me em Cascais, com Arrabal. E cinema? Dez ou doze sessões nos mesmíssimos cinco anos, uma que outra vez incompletas, tendo que entrar tarde e a más horas com um quarto de hora de filme passado ou tendo que sair, em alvoroço a vinte minutos do fim.

Pois claro que, se eu quiser, desculpo à vara larga, com milhentos argumentos e todos eles perfeitamente válidos, a minha tremenda falta de atenção a quantas manifestações culturais a minha terra me oferece. O trabalho, a família, etc. Contos velhos. Um homem pode tudo o que quer e se quiser assistir a todas as estreias teatrais, a todas as primeiras exibições de filmes, sejam eles de boa fibra hollyoodesca ou «á italiana», arranja-se tempo que sobra. Pois não é assim?

. O pior... Pois, o pior é que dê-lhe eu as voltas que lhe der, o tempo foge-me que é um regalo — e passe em branco uma expressão tão prosaica, porque o que eu devia escrever, ali deliberadamente deixei **regalos** era **desgraça**. Uma desgraça, sem dúvida. E lá vem outra vez o meu vizinho do lado ou antes, o meu subconsciente, atirar-me: **Ora! Desculpas.** Claro, desculpas. Mas, já agora, eu pediria aos que arranjam tempo para tudo, aos que estão em todas as estreias e em todas as reposições, aos que em cima disto ainda conseguem um par de horas para o cavaqueio ameno na mesa do café (**ameno** também será eufemismo, visto que quase sempre se trata de um morder raivoso na casaca do parceiro ausente) aos que, como se possuíssem aquilo que eu adoraria possuir, isto é, o dom da ubiquidade, arranjam modo de se encontrar atentos em todos os locais de cultura ou de simples diversão ou de devaneio, pediria, repito, a esses, que me dessem a receita. E terá que ser uma receita substancial, porque o meu caso parece um caso perdido. Ora vejamos.

Oito ou dez horas de trabalho diário e voluntário (que remédio!) repartido pelo jornal pròpriamente dito e pelos biscatos que vamos arranjando, sempre com o fantasma dos duros fins-de-meses nos olhos e mais o trabalho que, como uma maldição sisifiana, me aguarda em casa, às vezes até à uma ou duas da madrugada e mais a preocupação de fazer outras coisas nos **momentos de folga** — garanto-lhes que é ironia, sim, senhor — que considero importantes, como seja escrever um livro, tudo isto, meus amigos, me deixa cinco horas para dormir — à noite, naturalmente — e uns bocadinhos para tragar aquilo a que pomposamente chamamos refeições. E como me custa quando, ao projectar uma ida ao cinema ou ao teatro, tenho de cancelar a hipótese, porque não me chega o tempo. Porque o tempo assim preenchido — inventado? — é a única forma de nos salvar dos fins-de-meses aflitos e já não apenas isso: a vida empurra-nos, enrola-nos, a pressa da cidade, deste nosso mundo todo-feito-à-pressa, persegue-nos, e nós vamos indo na onda e acabamos até por não saber onde estamos e o que somos e tudo quanto gostaríamos de fazer por gosto, como isso de estar no teatro ou no cinema, vai ficando preterido, remoto, esquecido. Preteridos acabamos, acabando por esquecer a vida, nesta ânsia que, feita a pergunta, nos leva onde?

. Pessoalizei o caso. E não devia de o fazer. Porque, afinal, este meu caso de deserção (de alienação?) é o caso do homem de hoje sem distinções. Arrastados na torrente ambígua dos interesses que este mundo nos desperta, passamos ao lado da vida, indiferentes e mal-humorados, desprezando dela os valores que ainda nos podiam oferecer, em contraste, um derradeiro refúgio de solidariedade com essa vida de que nos despegamos, ferozmente. Entretanto, o teatro que espere, o cinema que suspire por plateias a abarrotar. O drama ainda não acabou.

JOSUÉ DA SILVA

A Comuna

«PARA ONDE IDES?»

Dentro de dias vai surgir num barracão da cidade (ou num armazém, ou num ginásio) um curioso espectáculo de teatro. Trata-se da primeira representação de A COMUNA (grupo feliz de actores) com o nome de **PARA ONDE IDES?**, montado sobre os autos **Da Alma** e **Da Barca do Inferno** de Gil Vicente, numa coordenação (encenação) de João Mota.

Ele e 13 companheiros (António Rama, Carlos Paulo, Eduarda Pimenta, Fernando Heitor, Fernando Loureiro, Francisco Pestana, João Guedes, Luís Lucas, Madalena Pestana, Manuela de Freitas, Maria Emília Correia, Maria João Galope e Melim Teixeira), vestidos de **blue - jeans**, sapatilhas e humildade, pegaram em mestre Gil, destruiram-no, amaram-no, fizeram-no renascer; à base do gesto e da palavra, da sugestão e da inteligência.

O **«Auto da Alma»** é a explosão do corpo; o do **Inferno**, a da alegria. O cenário reduz-se a um simples rectângulo demarcado por canas (surpreendentes os seus efeitos!) onde latejam as peças e os actores — e o que eles (nós) representam (os); Ringue que é um universo formidável de sugestão, de ascetismo, de força desbalizada.

INVENTIVO; SENSUAL; MODERNO; PARA ONDE IDES? é uma obra contagiante de comunicabilidade, feita por gente viva que no final dança e canta, faz os outros dançar e cantar: **«é o tempo, é o tempo que inventamos, é o tempo que escolhemos... é o tempo, é o tempo da procura, é o tempo da coragem...»** (poema de Manuela de Freitas, música de José Jorge Letria).

Muito em breve o grupo vai andar por aí a oferecer-se sem local fixo nem arquitectura própria. É, será, uma experiência mais de teatro a teimar sobre uma cidade de indiferenças. Quererá o leitor encontrá-la?

FERNANDO DACOSTA

MUITOS COROS UMA SÓ VERDADE

Realizou-se no passado fim-de-semana em Évora o II Encontro Internacional de Grupos Corais, promovido pela Secretaria de Estado de Informação e Turismo. Do que nele se passou se deu, oportunamente, notícia. Creio, porém, ser útil ressaltar o que desse encontro disseram algumas pessoas conhecedoras do «métier»: os regentes corais que, paralelamente ao II Encontro, se reuniram para discutir problemas relacionados com os coros portugueses.

Todos ou, pelo menos, uma esmagadora maioria, se mostrou em desacordo com a política de escolha dos grupos corais que actuaram no festival de Évora. Afirmaram, mesmo, que por menos dinheiro se poderiam ter contratado grupos portugueses de maior nível do que o da maior parte dos estrangeiros que passaram pela cidade-museu.

Quer isto dizer que nem tudo o que vem de «lá fora» é que é bom, por um lado e, por outro, que, mesmo em relação aos produtos (musicais ou outros) importados é necessário saber escolher. Isto, claro, para não falarmos dos coros portugueses presentes.

Destes, convém falar da diferença entre, por exemplo, o que foi de Vila Praia de Ancora até ao Alentejo e o do próprio Alentejo: os Ceifeiros de Cuba.

Foram eles, os «Ceifeiros», que estiveram mais certos, mais verdadeiros. A sua música não tem floreados ou harmonizações desnecessárias: tem o Alentejo, a verdade de uma canção tradicional que se mantém assim, nostálgica, segundo uns, triste, segundo outros, e forte, apesar de tudo.

É essa verdade que gostaríamos de ver, e não só em futuras organizações de encontros corais. Há, mesmo, outras canções verdadeiras, digamos assim, triste, também, porque quase têm de o ser e, como as alentejanas, fortes, apesar de tudo.

NUNO GOMES DOS SANTOS

«Ceifeiros de Cuba» — a verdade de uma música, sem máscaras, sem gestos dispensáveis: uma parcela da cultura popular que, por ser isso, marcou uma presença — a mais digna — no II Encontro de Évora

"AS CRIADAS", DE JEAN GENET, ESTREIA-SE DIA 24 EM CASCAIS

T-40-72 BTD

1970

TORRALTA / Ano IV do Turismo

4

O nosso quarto ano de existência ficou assinalado com o início do empreendimento turístico em Tróia que tornará essa magnífica península, com trinta quilómetros de praia, num centro turístico à escala mundial. Estávamos a cumprir o programa que nos tínhamos imposto, diversificando geogràficamente os centros turísticos e preparando-nos para o grande salto qualitativo de diversificarmos as opções turísticas, propondo um Turismo em qualquer altura do ano e da praia à neve. Era a prova provada que somos uma empresa que acelera o futuro fazendo-o viver no momento presente.

1969

TORRALTA / Ano III do Turismo

3

Desde o primeiro momento pensámos que o clima, o sol ou as belezas naturais eram condições necessárias mas não suficientes para a promoção de um turismo que resistisse ao seu ritmo de crescimento e ao crescente nível de exigências dos turistas. Os nossos empreendimentos reflectem essa maneira de pensar e propõem sobretudo um modo de viver as férias, de forma diversificada e de acordo com a zona de interesses. Como empresa turística que enfrenta o futuro destruimos o tédio, o pior inimigo do Turismo.

1968

TORRALTA / Ano II do Turismo

2

Com o fim de proporcionar às mais vastas camadas de população portuguesa os benefícios auferidos com as actividades turísticas, criámos acções que denominámos Títulos de Férias que além dos dividendos normais derivados da actividade principal da sociedade, conferem ao seu possuidor o privilégio de gozar gratuitamente férias nas instalações da empresa. Essa nossa iniciativa, que era original, adquiriu rápida popularidade e foi logo de início um êxito, êxito que se afirma através dos anos, garantindo-nos que atingimos o objectivo social que nos propunhamos.

1967

TORRALTA / Ano I do Turismo

1

O Turismo existia no nosso pensamento como uma actividade coerente e global que proporcionasse às mais vastas camadas da população portuguesa os benefícios auferidos com as actividades turísticas. Investimos anos a amadurecer a nossa ideia e com os objectivos perfeitamente determinados, iniciámos o trabalho de organizar uma empresa turística que no mais breve espaço de tempo concretizasse uma obra que valorizasse o Turismo nacional competindo no mercado internacional. 1967 viu-nos surgir para o Turismo e pelo Turismo.

6º
rallye
internacional
TAP
70
TAP
ALPINE RENAULT
motor
TAP um grande
acontecimento automobilístico
motor, o jornal
dos grandes acontecimentos
publica-se
às quintas-feiras
VROOM

Banco Borges & Irmão

PORTO

AUMENTO DE CAPITAL

EMISSÃO DE 300 000 ACÇÕES

Por portaria de 4 de Agosto de 1972, publicada no «Diário do Governo», III Série, de 17 de Agosto de 1972, foi autorizada a elevação do capital social de 400 000 para 700 000 contos, mediante a emissão de 300 000 acções do valor nominal de 1 000$00 cada.
A emissão far-se-á nas seguintes condições:

1) 200 000 acções por incorporação de reservas

Os Accionistas terão direito a receber gratuitamente uma nova acção por cada duas que possuírem, contra o pagamento de 50$00 de imposto de mais-valias.

2) 100 000 acções para o público em geral

As acções serão emitidas ao preço de 4 500$00, sendo a subscrição sujeita a rateio.

Condições de pagamento

O pagamento das acções será realizado integralmente no acto da subscrição. As importâncias relativas a acções não atribuídas após rateio, serão devolvidas a partir de 2 de Novembro de 1972.

Prazo e locais de subscrição

A subscrição poderá ser feita em qualquer dos estabelecimentos do Banco nos dias 16 a 18 de Outubro de 1972.

A apresentação dos títulos antigos para efeito de carimbagem, relativos à emissão de acções por incorporação de reservas, será feita a partir de 13 de Novembro de 1972.

Dividendos

As acções representativas deste aumento de capital darão direito a parte do dividendo relativo ao exercício de 1972, proporcional ao tempo decorrido a partir de 16 de Outubro corrente.

O critério de rateio a adoptar pelo Banco será condicionado pelo resultado da subscrição.

Prevê-se que a entrega dos títulos definitivos seja feita dentro do prazo de seis meses após a subscrição.

O prospecto referente a este aumento de capital, pode ser obtido nos locais de subscrição.

Após esta emissão o capital e as reservas elevar-se-ão a 1 462 702 contos.

Porto, 4 de Outubro de 1972

O Conselho de Administração

DL/DOMINICAL

Apresentada como a cantora «mais mimada do mundo» e comparada por Vinicius de Moraes, a Edith Piaf e Billie Holiday, Amália Rodrigues está a realizar um feito que poucos artistas conseguiram no Brasil: esgotar com a sua presença diária, a lotação de uma das maiores cervejarias do Rio de Janeiro, o **Canecão,** onde cabem, folgadamente, cerca de duas mil pessoas. Mais do que isso, Amália consegue também, cantando e contando a sua vida, manter caladas estas pessoas, durante os noventa minutos de duração do seu «show» A Imprensa brasileira referindo-se ao espectáculo que foi escrito por **Ivon Curi,** dá-lhe os qualificativos de «surpreendente» (para o texto) «desprentensioso» e «extremamente agradável».

●O Brasil está a apaixonar-se pelo Oriente. Pelo menos esta é a dedução a que vai chegar quem acompanha diàriamente o noticiário internacional: **Delfim Neto, o irriquieto ministro da Fazenda brasileiro acaba de voltar do Japão. Esta é a sua segunda viagem àquele país, em menos de um ano. Entretanto, Giulite Coutinho,** presidente da Associação Brasileira de Exportação, chefia uma missão comercial que mantém uma aérie de «encontros amistosos» com os dirigentes políticos de Pequim. E, para coroar este intenso namoro, anuncia-se que o primeiro-ministro **Kakuei Tanaka,** do Japão, possìvelmente se deslocará ao Brasil para inaugurar, em Março de 1973, a Exposição Nipónica, pela primeira vez realizada no Brasil.

●De vez em quando a imprensa internacional lembra-se de que ele continua vivo. Nessas ocasiões, invariàvelmente recorda que a sua manutenção na prisão de Spandau, onde é o único hóspede, custa cerca de cinco mil contos anuais ao governo de Bonn e às forças aliadas, o que faz dele o mais caro prisioneiro do mundo. E também que ele foi o braço direito de Hitler até que resolveu tentar fazer as pazes entre a Alemanha e a Inglaterra, em 1941. Tudo isso nos foi lembrado uma vez mais no último dia 9, data em que **Rodolfo Hess,** hoje com 78 anos de idade, comemorou o seu vigésimo sétimo ano de prisão em Spandau.

●Quem vai a Roma espera, pelo menos, ver o Papa. **Paulino Menecio,** um cidadão da República Dominicana, de 42 anos de idade também o esperava. Só que, ao contrário dos outros turistas, Paulino não se contentou em aguardar no pátio da catedral de São Pedro que Sua Santidade, o Papa **Paulo VI** aparecesse numa das janelas do Vaticano. Impaciente, Paulino disfarçou-se de bispo, deslocando-se a Castelgandolfo, onde acreditava estar Paulo VI, com quem queria avistar-se. Ao dizer que fora «enviado por Deus», o dominicano foi descoberto e preso pelas autoridades do Vaticano. **Paulino Menecio** está agora internado no Asilo Provincial de Doentes Mentais, estabelecimento mantido pela Santa Sé.

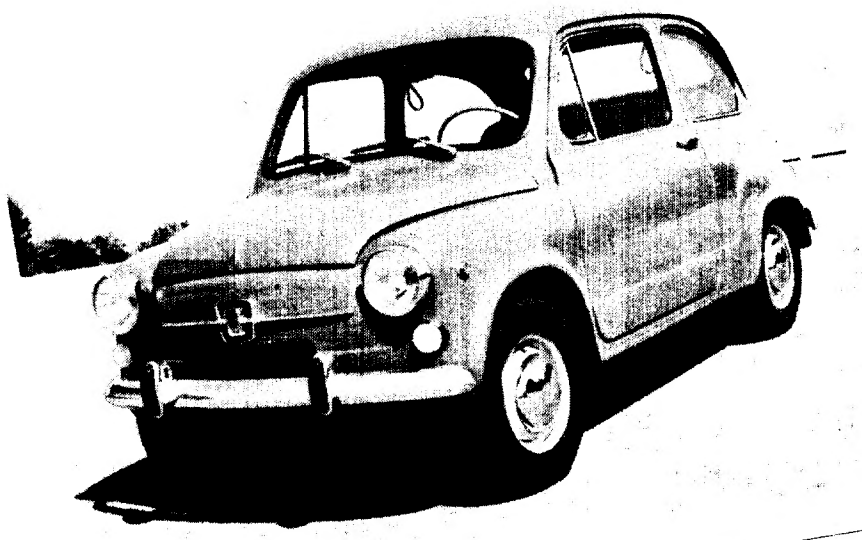
●Todo o guerreiro que se preza merece descansar, nem que este repouso seja apenas uma pausa para outras batalhas. **Emerson Fittipaldi,** que aos 25 anos conquistou o título de «o mais jovem campeão mundial da história do automobilismo desportivo», não foge à regra. Depois de participar, no próximo dia 22, da **Corrida dos Campeões,** que será realizada em sua homenagem no circuito de Brands Hatch, na Inglaterra, **Emerson** seguirá para o Brasil, onde pretende passar algum tempo «na praia e junto aos amigos». O que ele não sabe ainda é que isto será pràticamente impossível, pois alertadas sobre as suas férias, as autoridades brasileiras estão-lhe preparando uma série de homenagens, às quais vai ser difícil a Emerson, não comparecer.

●Para quem queira ser notícia, eis um conselho: esteja sempre em evidência. Mas isto não vale para **Howard Hughes, o excêntrico milionário norte-americano que, há mais de vinte anos não aparece em público, alimentando com este mistério, as colunas da imprensa internacional. Depois da abundância de notícias acerca da sua falsa biografia ou das suas secretas andanças pela América Central e Bahamas, Howard Hughes** volta às colunas pela boca do capitão **Bob Rehak,** de 55 anos, comandante do iate «Cignus», que o teria transportado recentemente até Miami. Com efeito, em entrevista exclusiva ao jornal «Miami Herald» Rchak declarou que **Howard Hughes** estava com a barba até à cintura e os cabelos até aos ombros. Completando o retrato do milionário, deu ainda o seguinte pormenor: as unhas dos seus pés e mãos estão tão longas, «tão compridas que até se curvavam».

●Pode uma mulher viver vinte e dois anos na companhia de um homem cheio de defeitos e que, ainda por cima, nunca foi o seu tipo? **A resposta é positiva se esta mulher se chamar Silvana Mangano e o homem for o seu marido Dino De Laurentiis.** Na verdade foi isso que Silvana declarou as separar-se definitivamente dele, esta semana. A actriz, que trocou a luxuosa casa de campo em que morava por um apartamento na Piazza de Espanha, disse ainda que vai iniciar uma nova vida, sustentando-se ùnicamente dos rendimentos dos seus filmes. E, para provar que estava mesmo disposta a romper com o passado, modificou um hábito cultivado religiosamente durante os anos do seu casamento, deixando de comparecer às segundas-feiras, á missa das sete horas.

PASSAPORTES
Com rapidez
e economia
TRANSNAUTICA
Agência de Viagens
e Turismo
R. Duque Palmela, 35/37
LISBOA

JUDO E KARATE
e gin. correct. Hom., Senh. e Criança, no Ginásio Kio Shu Kan
Rua João Saraiva, 38 - 3.º
ALVALADE—Tel. 722665

GRANDE CONCURSO
*AUTOMÓVEIS PARA SI
de 15 em 15 dias na compra de artigos com
GARANTIA OCL OLAVO CRUZ LDA
UM AUTOMÓVEL PARA SI
da marca FIAT
a sortear entre todos os clientes
que comprarem qualquer dos artigos
das marcas
SCHAUB LORENZ / INDESIT
RILI / ODACLA / SIERA
REMINGTON / SEVERIN
ROLLER GRILL / GRAETZ
NECCHI / STARMIX / ZURCO
VESUVIUS - SAUNIER DUVAL
RADAR / JOLLY EXPRESS
É tão simples! basta pedir o certificado de garantia

* COMPRE ONDE VIR ESTE SINAL
EXIJA O CERTIFICADO DE GARANTIA
GARANTIA OCL OLAVO CRUZ LDA

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

UMA LISBOETA DE 16 ANOS FALA DOS SEUS PROBLEMAS

Sou português. Mais do que isso, sou lisboeta. No entanto, minhas funções, aqui nesta página semanal, é falar do Brasil. Escolhi, por vontade própria, o Brasil humano e nativo das ruas, dos morros, das favelas, das praias distantes, das cidades do interior — embora eu viva por espírito de contradição no tumulto de Copacabana (onde há pouco de tudo o que fica acima).

Dessa dualidade é que, nestas cartas, tudo nasce ou morre num sorriso. É a minha maneira de fazer jornalismo.

Tem excepções. Às vezes, é certo amanheço aí em Lisboa e esqueço o Brasil. Então descubro oceanos onde novas ilhas dos amores, vêm ao meu encontro, revelando-se para mim numa geografia sentimental...

Bem, com isto estou querendo justificar o que vai ser, em parte, a minha conversa de hoje.

Não vou contar nenhuma história. Ponho de parte tudo o que de fabuloso enriquece a pasta a que dei o título de Temas Importantes. Vocês querem mais Brasil, eu sei. Mas hoje não tem disso, não. Porém, continuem lendo pois o negócio é importante.

Vou falar-lhes de uma jovem lisboeta que me escreveu de Lisboa.

ANTECEDENTES

Como, por ser alfacinha, conheço de sobra a malícia dos meus conterrâneos, quando falo em cartas que recebo de leitoras e leitores, logo os indentifico com nomes e endereços. De muitas dessas cartas nem aqui faço referência. Respondo directamente. De aí resulta, que de lá para cá, e de cá para lá mantenho diálogos que nos permitem o sigilo e a franqueza de que nos preserva a imensidão do atlântico e essa coisa pequenina e colorida que é um selo do Correio...

MENINA E MOÇA - 1

Hoje porém, preciso começar referindo-me á jovem acima mencionada, mesmo apesar dela, na longa carta de quatro páginas não ter ousado botar o nome, nem dizer a rua onde vive. Trata-se porém de um desabafo intimo, instintivo, embora indefinido, de uma aluna do liceu que, como ela diz «para o ano entro na Faculdade».

Mas foi bom que não se identificasse posso livremente transcrever o que ela diz sem que em volta da sua pessoazinha se ergua um inábil alvoroço familiar. Tanto mais que, logo de começo ela diz: «O « Passo os dias no meu quarto a ler ou ouvir musica, ou então converso com meu pai, geralmente sobre moral quando eu então, insulto o seu Kant, ou falo com minha mãe que no fundo é apenas uma mulher frustrada por uma vida que a oprime demasiadamente».

MENINA E MOÇA - 2

Mas isto não é nada e é comum universalmente, porque estamos na era das Golda Meir, dos Nixon, dos Brefenev dos árabes, do napalm, do terrorismo, do Vietname, de tudo enfim, que desilude a juventude de todo o mundo. Coisas que chegam até ela indirectamente numa comunicação que bem pode ser sobrenatural entendendo-se nisto o para além do consciente e que não tem fronteiras.

Diz ela: «Tenho 16 anos, estudo no liceu e sou filha única. Costumo geralmente ter duas vidas: uma durante as aulas e outra nas férias. Em cada uma ocupo-me a destruir a outra. Sabe? Quando me descontraio logo o mundo exterior se isola de mim. Por isso sempre acabo um pouquinho tocada nos nervos».

POR FAVOR!

Leitores, chamo a atenção para o que ela escreve, pois creio que isso interessa a todos, pais, mães, professores, gente de todas as idades e de todas as posições sociais, o que ela diz exige a preocupação de uma nação de um povo.

TENTATIVA DE FUGA

— Ora direis, parafraseando um velho poeta brasileiro ouvir crianças.

Certo. Tenho mesmo remorsos. Esta página do nosso «Diário de Lisboa» eu ia dedicá-la hoje a um assunto difícil. Dificil para mim. Sabem os leitores das minhas andanças por estes brasis. Mas, de um assunto que não me é familiar pouco tenho falado. Refiro-me aos primitivos habitantes deste hemisfério, rico de feitiçaria. Não me têm faltado cartas de leitores pedindo:

— Fale do problema dos índios no Brasil.

Tento, e desisto. Eu falo com facilidade do povo que conheço mas sobre o tema indigena sinto-me pouco á vontade. Os indios! São de origem milenar, como sabemos. Já foram milhões em milhentas tribos, guerreando-se mutuamente. Do universo que eram, estão hoje reduzidos a escravos milhares. Têm sido vitimas em situações as mais contraditórias. Primeiro dos brancos que os guerrearam, e venceram, e dominaram (embora sem jeito). Depois por outros que os têm querido expulsar dos seus ultimos territórios, e por outros ainda que os quiseram e ainda hoje querem, integrar na nossa civilização por mais moribunda que ela esteja.

Na verdade, o que me tem faltado é um ponto de vista meu, na compreensão do indio.

Ora acontece que, neste momento foi posto á venda, da autoria de dois irmãos que raramente saem da selva. Orlando e Claudio Vilas-Boas, um loiro que tem por título «XINGÚ», osíndios e os seus mitos».

Foi então na leitura atenta das duzentas páginas do volume, tentando quase fotográficamente reter na memória tudo o que escreveram esses dois apóstolos do indianismo — que consegui esb o çar uma ideia minha, pessoal sobre o problema dos indios brasileiros.

É isso que pensara trazer, hoje para estas colunas. Mas veio essa menina anónima de desasseis anos, e ela com a sua carta não me sai da cabeça. Perdoem. Mas é a ela que vou voltar. Já sabem como é. Teimosia de cronista...

MENINA E MOÇA - 3

Então, se vocês permitem transcrevo mais um pouco das suas quatro páginas inquietas:

«Às vezes saio e vou até á Baixa. Isso por vezes é muito doloroso. Quando vou na rua olho muito as pessoas nos olhos a ver se encontro alguém que também esteja assim disponível como eu. Mas as pessoas vão demasiado depressa e aquelas que me olham não o fazem pelas mesmas razões que eu. E da procura passo á defesa. Fico rígida, infeliz, velha e só».

Sobe Chiado, desce Chiado, encharcada de pessimismo. É como se chovesse sobre ela todo o desalento do mundo. É um barco á deriva...

MENINA E MOÇA - 4

Numa revista de Nova Iorque saiu agora, no mês de Setembro, uma entrevista com uma jovem que diz o seguinte:

— «Meu optimismo não tem limites. Há oitocentos anos que lutamos para que haja justiça no nosso país, e há oitocentos anos que somos presos e massacrados por isso. Hoje nossa coragem é maior do que antes e amanhã será ainda maior. Quando a gente sonha com alguma coisa por muito tempo, o sonho se torna realidade. Isto vai acontecer. Ninguém poderá nos deter».

Pois bem. Essa jovem é Bernardette Devlin e defende no Parlamento Britânico os interesses dos católicos da Irlanda do Norte. Moral da história: o importante é cada um de nós saber o que quer, e ir em frente.

VOLTO A MINHA HEROINA!

Releio de novo a carta. Em férias ou no ano lectivo sua vida é um longo rosário de interrogativos, porquês, e para quês.

Se as férias são, para ela, três meses de inquietação a volta ao liceu é o retorno ao aquário. Ou aos mesmos patinadores fazendo na pista a monotonia dos mesmos oitos. E confessa:

— «Nosso trajo comum é a frustração. Terrivelmente desiludidos, os meus colegas. Para eles, que já têm uma experiência mais ou menos relativa da vida as desilusões têm outras causas. Para mim, apenas a impossibilidade de conversar com os outros. Ou pelos menos de atingir neles o que sei que existe e eles escolhem».

CONSULTA

Peguei então a carta e levei-a a uma universitária, minha amiga, professora de psicologua. Leu, de testa franzida.

Que achou?

Olhe ela tem um complexo de culpa...

— Culpa de quê?

Meu caro, desejar seja o que for, é no quaotidiano, o modo pelo qual nos fastamos da angustia da existência. E o nome da angustia de quem foge da angustia, é um so: culpa. Ela sofre da vivência mais arcaica da nossa cultura: — o desejo. Talvez ela tenha lido o que São Paulo ordenou aos romanos: Não vos é possível desejar.

— Que lhe aconselha? diga.

— A viver, em liberdade, á solta. É só isso.

Saí indignado. Não estas quarentonas formadas em psicologia só sabem repetir o que for, é no quotidiano, o modo pelo qual nos afasta que não é nada disso. Mas o que é então?

HESITAÇÃO

Sim, agora estou arrependido. Eu devia mesmo é falar do livro dos irmãos Meireles, sobre os indios e os seus mitos.

Lá aprendi que eles vivem desde sempre uma especie de tragédia grega. Odios. Massacres. Predomínio. A guerra é entre eles, o seu destino milenar. Quando em paz, passam anos envenenando as suas flechas. O perigo a toda a hora os cerca. Mas chega e destroi e mata. Então os raros sobreviventes pensando em revides, aguardam de longe a retirada do inimigo, enquanto na aldeia arrasada os invasores passam o tempo tocando numa flautinha e dançando ao redor dos cadáveres.

Isto desde quanto? Desde sempre. O indio é guerreiro e nómada por natureza. Acima de tudo, desconfiado. Nunca sabe o que o espera no escuro das matas, ou nas curvas de um rio. Há lugares que considera sagrados. É a sua terra mitica envolta numa aura de mistério. As lagoas são apontadas como antigos dominios de legendarias nações. Outras, como morada de animais monstruosos que são os deuses do mal.

Uma tribo, há séculos vogava por uma imensa região descampada quando avistaram muita fumaça brotando do chão. Aproximaram-se e verificaram que as colunas de fumo saiam de um grande numero de buracos que havia no solo. Eram a morada dos Tatu — Karaiá que logo foram mortos, a pau e flechas, ao terem de abandonar as suas tocas. E de novo os vencedores dançaram em volta dos cadáveres insepultos.

Milhares de histórias assim são contadas pelos autores de «Xinguos, índios e os seus mitos. Todas porém encerram a mesma lição. O indio tem medo. Um medo ancestral. Terrível. Medo de tudo que se áproxima. Em eras mais recentes o inimigo tem sido o branco. O medo do branco leva-o a tudo. Até a impiedade que nasce de supresa. Então é o medo de lado a lado. Medo que vai criando raizes. Esse mesmo medo que hoje, em nações mais adiantadas, conduz a todas as guerras.

ATENÇÃO

Sabem? Julgo mais fácil compreender os problemas dos indios do Brasil do que interpretar os problemas de uma jovem de 16 anos, igual por certo a milhares de outras, porque como ela diz «foge de olhar em volta de si no receio de se julgar prostituida por tentar arrancar dos outros um pouco de solidariedade».

Leitor, reflicta com todo o seu coração no problema desta menina que me escreve de Lisboa por sua vez com medo da vida, mas com os olhos secos e sem lágrimas.

Copacabana, 2 de Outubro

PAQUETE «PÁTRIA»

COMUNICADO

AVISAM-SE OS SENHORES PASSAGEIROS DE QUE A SAÍDA DESTE PAQUETE, INICIALMENTE MARCADA PARA 18 DO CORRENTE MÊS, FOI ALTERADA PARA O DIA 20, ÀS 16 HORAS.

O EMBARQUE DOS SENHORES PASSAGEIROS INICIA-SE ÀS 14 HORAS, DA ROCHA DO CONDE DE ÓBIDOS.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

UGANDA: TEMPO DE LOUCURA

Ao ouvi-lo falar, perguntamo-nos como é que o mundo pode passar sem ele durante tantos anos.Em vinte meses de governo entre o golpe de Estado de Janeiro de 1971 e hoje o presidente do Uganda, Adi Amin, declarou pùblicamente ser o maior homem político deste século, fez compreender que quer promover-se a marechal de campo, advertiu as tropas para estarem prontas para libertar África do Sul dos brancos, ofereceu à Inglaterra a sua mediação para resolver a crise irlandesa, «revelou» que Washington pediu o seu auxílio no Vietname, condenou em bloco o socialismo, o comunismo e o capitalismo, declarou querer nacionalizar as equipas de cricket e de hockey do Uganda, anunciou (no seu inglês muito coxo) que está a aprender francês, prometeu colocar a bandeira britânica e um retrato da rainha Vitória no tecto de um grande centro islâmico actualmente em construção na capital, Kampala.

O Ditador do Uganda, Idi Amin (à direita) com o general Bokassa, presidente da República Centro-Africana

Quem e Idi Amin o ditador que esta a aterrorizar o pais?

Além disso, (mas isto não o diz), levou o país à miséria, desbaratando todas as reservas e transformando em défice vertiginoso (56 milhoẽs de dólares) o balanço moderadamente activo do seu antecessor Milton Obote: conseguiu isso graças a um intenso programa despesas militares, que passaram de 20 milhões de dólares do governo de Obote em 1968-69 para 90 milhões de dólares em 1971-72. Criou profundas rivalidades entre as tribos da Uganda, que são várias, fracturas insanáveis nos próprios meios militares, descontentamento geral: por isto, fazendo apelo ao nacionalismo africano para recuperar simpatias, decidiu expulsar os 80 mil asiáticos residentes já há gerações no Uganda, sem se dar conta de que, desse modo, a vida económica do país ficará completamente paralisada. Sem aquele exército de administradores, banqueiros, industriais, comerciantes e profissionais, vindos há tantos anos da Ásia, o Uganda não pode manter-se em pé. Finalmente, os recontros armados destes últimos tempos com os exilados fiéis ao ex-presidente Obote, que com ele se encontram refugiados pela Tanzânia, são o último acto de uma **escalada** que faz já falar com grande apreensão de um «novo Congo» de sangrentas lutas fratricidas, de indescritíveis horrores.

Amin afirma ter nas mãos a situação, porém, os acontecimentos dos últimos tempos (incluindo a prisão sem motivo de numerosos europeus) deixam entrever as premissas de um grande drama, tipo Congo ou Biafra.

Amin é um oportunista sem ideias precisas, dizem os seus críticos: exige uma disciplina férrea, mas, depois, recorda-se de Obote e dos seus simpatizantes, e encoraja as tropas a «prender os oficiais que dão ordens erradas». Depois, são as suas façanhas de estadista. Tranquilamente, Amin pergunta ao embaixador canadiano quando é que o seu país se desembaraça da rainha Isabel, conduz uma violenta campanha anti-britânica, mas no seu gabinete mandou pendurar dois grandes retratos: o da soberana de Inglaterra e o de Mao (embora odeie os chineses). Em Londres, tratam-no já abertamente como louco, paranóico, mesmo a nível governativo, aonde se está às voltas com a urgência de encontrar lugar para dezenas de milhar de exilados, os quais se vão juntar à já numerosa comunidade asiática das ilhas britânicas.

A ordem de expulsão dos asiáticos , afirma Amin que é muçulmano crente, foi lhe dado por Deus em sonho. Alguém, como é sabido, apresentou uma tese muito mais terrena, o seu imprevisto ódio racial deverá ser procurado na recusa de um pai indiano, que teria mandado a filha para o estrangeiro em vez de a dar a Amin como sexta mulher (já tem cinco). A verdade é que a expulsão dos asiáticos poderia render-lhe, em patrimónios confiscados, qualquer coisa como cerca de 13 milhões e quinhentos mil contos.Não só, poderia reconquistar-lhe muitas simpatias perdidas, porque serve de alavanca a um nacionalismo que, em

Exclusivo

MONDADORI

Africa, é ainda anticolonialismo: os asiáticos do Uganda são considerados resíduos do Império Britânico, detentores de um poder económico que o Uganda reivindica para si.

O **ultimatum** é preciso: até ao dia 7 de Novembro todos os asiáticos deverão partir do Uganda, deixando todos os seus haveres. Devem partir, quer os 57 mil com passaporte britânico (e, portanto, «culpados» de não se quererem integrar), quer os 23 mil com passaporte ugandês, obtido — diz Amin — de modo ilegal. Mas, depois, é ele o primeiro a embaraçar a sua partida: faz andar lentamente a concessão dos vistos de saída, e recusou uma ponte aérea organizada por Londres, impondo que os voos sejam os da sua companhia nacional, muito mais onerosos e numèricamente insuficientes para este êxodo em massa. «Os ingleses querem-me morto», disse há algumas semanas, «e sei que alguém ofereceu 50 mil libras esterlinas pela minha morte». Agora vê bruxarias de Londres em todas as suas desventuras, incluindo a invasão armada de há semanas. «A Inglaterra», disse, «tenciona atacar-me por terra, por ar e por mar». A quem lhe observa que o Uganda não tem vias de acesso marítimas, replicou: «Isto demontra quão idiotas são os ingleses ao querer-me atacar também por mar».

O seu maior adversário, neste momento, é o presidente da Tanzânia, Julius Nyerere. Amin nunca lhe perdoou ter dado asilo político a Obote, nem ter recusado um reconhecimento oficial ao novo regime do Uganda. Amin acusa Nyerere de ter armados os adeptos de Obote — e até o facto dele próprio ter dado um contributo de tropas — e replicou com «expedições punitivas», bombardeamento algumas aldeias da Tanzânia (dispõe de uma esquadrilha de **Mig 17** contrau os poucos **Piaggio** de instrução, de dois lugares, **que**

Um grupo de asiáticos expulsos do país, faz bicha para ingresso no aeroporto, exibindo o seu passaporte inglês

Amin entre os oficiais do seu Estado Maior. Ao pescoço ostenta as oito maiores condecorações do Estado do Uganda, que lhe foram conferidas pelos seus fiéis colaboradores militares

constituem toda a aviação de Nyerere).

O PUGILISTA

O presidente Amin tem 44 anos, nasceu em Arua, uma aldeia do Nilo ocidental pouco afastada da fronteira com o Congo, e é filho de camponeses da tribo Kakwa. Andou na escola sòmente durante dois anos, e ainda hoje tem alguns problemas quando necessita escrever. Em 1946, com dezoito anos, decide que a sua constituição física (é alto, com 1 metro e 90 cm) poderia tornar-se útil na vida militar, e alistou-se como simples soldado. Tornou-se sargento ajudante, através de um tirocínio que durou anos, não tanto pelos seus dotes militares como pela bravura no desporto: depois de ter tentado **rubgy** e natação sem grande êxito, experimentou o pugilismo e, aí, saíu-se bem: de 1951 a 1960 foi campeão do Uganda na categoria dos pesos máximos. Ninguém lhe permite que se esqueça disso, mesmo agora que é presidente: «Sòmente o cérebro desorientado de um ex-pugilista idiotizado», escreveu recentemente o **Times of Zambia**, «pode pensar que as perseguições contra os indianos não danificam toda a África».

Amin tornou-se oficial pouco antes do Uganda se tornar independente em 1962. Em 1964, no auge da luta congolesa, foi nomeado oficial de ligação com o Congo: durante aquele período desapareceram das caixas militares grandes quantidades de dinheiro, e agora, diz-se que tivessem sido subtraídas para financiar em seguida o golpe de Estado. Em 1966, Amin decidiu eliminar o general Opoloto, comandante supremo do exército. Convenceu o presidente Obote a nomear Opoloto ministro da Defesa, e poucos meses depois fê-lo perder o lugar acusando-o de traição.

Em 25 de Janeiro de 1971, chega a vez de Obote: enquanto o presidente se encontrava em Singapura, para assistir á conferência dos primeiros ministros do **Commonwealth,** Amin aussumia o poder. Naquele momento os ingleses apoiavam-no: parecia um tipo preferivel a Obote que tinha ousado por-se á venda de armas inglesas á África do Sul e ameaçara nacionalizar 60 por cento dos investimentos britânicos no Uganda. Fora um golpe de Estado quase sem derramamento de sangue. Amin havia anunciado eleições próximas, negando querer assumir todos os poderes por tempo indefinido.

Três semanas mais tarde, pelo contrário «aceitava» a nomeação de presidente, e em Junho eliminava — com o pretexto de ter de dominar uma rebelião — 700 soldados e oficiais das tribos setentrionais dos Acholi e dos Langi, fieis a Obote. Aos seus oficiais, depois do massacre, prémios e retribuições: o caminho das despesas loucas estava, assim aberto.

Não obstante aquela purga sangrenta, os problemas não haviam terminado. Fracturas no seio do exercito, rivalidades tribais, intolerância também de carácter religioso têm tornado difícil a vida deste ditador, que parece viver de expediente, para conservar o poder e os privilégios que o acompanham. Já todos o criticam, sobretudo depois da decisão de expulsar os aisáticos. O ministro dos Negócios Estrangeiros inglês, Douglas Home definiu-o como «desumano e injusto». O presidente da Zâmbia, Kenneth Kauna, definiu como «terríveis, abomináveis, vergonhosas», as acções de Amin. O presidente do Quénia, Jomo Kennyatta, um patriarca venerado em todos os novos Estados africanos, tem seguido com silencioso horror a ascensão de Amin. Nyerere, presidente da Tanzânia, criticou ásperamente o racismo negro do Uganda ao que o presidente Amin respondeu (isto ainda antes dos recontros armados) com um telegrama que já deu a volta ao mundo: «Desejo assgurar-te que te quero muito bem e que se fosses uma mulher teria pensado sériamente em casar contigo, não obstante os teus cabelos grisalhos. Mas porque és um homem, esta possibilidade não se apresenta».

O CIRCO

O seu único amigo continuou a ser o general Bokassa, presidente da República Centro-Africana, aquele que inventou novas penas para os ladrões: uma orelha cortada para o primeiro furto, a outra orelha para o segundo, depois a mão direita, finalmente a cabeça. Com Bokassa, acolhido recentemente em Kampala com grandes honras militares, tem aprendido a organizar fuzilamentos e flagelações — ás vezes até á morte — em público dando prova de uma crueldade que, até agora, sómente os seus directos inimigos haviam conhecido: diz-se que na purga de Junho de 1971 tenha morto milhares de Acholi, fazendo-os literalmente cortar em pedaços ou lançando-os como pasto aos crocodilos.

Está, porém a emergir um novo amigo: Muammar el Gheddafi, o ditador líbio. Foi ele quem lhe deu o primeiro milhão de dólares para a compra de armas, e lhe prometeu maiores auxílios financeiros agora que a Inglaterra anulou o seu contributo anual de quatro milhões e meio de libras esterlinas. E foi Gheddafi quem lhe enviou recentemente 399 pára-quedistas. A esta amizade alia-se a primeira campanha nacionalista de Amin, a anti-semítica, que foi uma «prova geral» em vista do forçado êxodo dos asiáticos. Apenas subiu ao poder Amin, estabeleceu relações com Israel, para ter ajudas técnicas e científicas. A lua de mel acabou quando Amin pediu dinheiro. Israel recusou, e então o ditador expulsou todos os israelitas do Uganda, incluindo os conselheiros militares, em troca do auxílio líbio. Remonta a essa altura, a outra proeza diplomática de Amin, aquele seu telegrama ao secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim: «Hitler e os alemães sabiam que os israelitas não são gente que trabalha no interesse do mundo. Eis o motivo por que queimaram vivos os israelitas no solo alemão». Evidentemente, Amin ignora que, ao tempo de Hitler, Israel ainda não existia.)

Depois dos israelitas os aisáticos e dentro em breve — prevê-se os 11 mil europeus. E, depois? A Amin pouco importa. Vive na vaidade do poder (quem lhe dirige a palavra deve inclinar-se se é homem, e ajoelhar se é mulher) e dá-se a luxos que os recursos estatais não consentem. A sua colecção de automóveis juntou-se recentemente um **Maserati.** Passa o dia na piscina, fazendo ostentação da própria corpulência, ás vezes reune á sua volta grupos de estudantes e, involuntáriamente, diverte-os com os seus toscos discursos.

Apoia-se no exercito, porém, o seu exercito é daqueles que está a esbroar-se, pois falta-lhe também quem o saiba adestrar,depois da partida forçada dos conselheiros militares ingleses. Tem mais inimigos do que amigos. E os amigos, ninguém pode dizer até que ponto — ou até que soma em metal sonante — lhe são fieis.

VAI CASAR?

Grande oferta aos noivos

Consulte e visite a

FOTOGRAFIA ESTÚDIOS NOVA GOA

e terá 20 % de desconto nas suas fotos. Serviços entregues ao balcão

Rua S. João da Mata, 71-A. Telef. 66 73 62

PROVA ANUAL DO DIREITO AO ABONO DE FAMÍLIA E ASSISTÊNCIA MÉDICA

Em complemento das instruções que tenham sido ou venham a ser distribuídas directamente pelas caixas de previdência, considera-se conveniente informar a todos os interessados as disposições legais em vigor com as alterações recentemente introduzidas, relativas à prova anual do direito ao abono de família e à assistência médico-social.

I — DECLARAÇÃO ANUAL DE MANUTENÇÃO DO DIREITO

Através de declarações directamente feitas pelos interessados em impresso próprio gratuitamente fornecido pelas caixas de previdência, deverá ser comprovado que se mantêm as condições de que depende a manutenção do direito ao abono de família e à asistência médico-social dos beneficiários em relação aos seus familiares.

A entrega deste documento nas Caixas de Previdência deverá ser efectuada **até 31 de Outubro de 1972.**

II — PROVA DE ESCOLARIDADE

1. Escolaridade obrigatória:

A escolaridade obrigatória observa-se até aos 14 anos de idade e só cessa com a habilitação do ciclo complementar do ensino primário (aprovação no exame da sexta classe) ou do ciclo preparatório necessário para o ingresso em qualquer ramo do ensino secundário.

Passa a ser da competência das instituições de previdência a verificação da prova do direito ao abono de família em relação aos beneficiários que estejam a receber abono por descendentes cuja idade os sujeita à escolaridade obrigatória, **pelo que os beneficiários ficam dispensados de entregar nas instituições certificados escolares de matrícula ou de habilitação.**

2. Escolaridade facultativa

Os descendentes que tiverem completado 14 anos só conferem direito ao abono de família e à assistência médico-medicamentosa até aos 18 anos, 21 ou 24, se, respectivamente, estiverem matriculados em curso secundário, médio ou superior, com comprovada frequência escolar.

Os menores que sofram de incapacidade que impossibilite a matrícula em qualquer dos cursos referidos, conferirão direito àqueles benefícios até aos 16 anos desde que seja efectuada prova de frequência em escolas de reeducação para anormais.

Assim, para comprovação das correspondentes situações escolares, devem os beneficiários entregar nas respectivas caixas de previdência **até 31 de de Dezembro de 1972,** consoante as situações, documento passado por estabelecimento de ensino comprovando a frequência até ao final do ano lectivo de 1971/72 e a matrícula na época escolar de 1972/73.

Prova de invalidez

Não se observa qualquer limite de idade ou condição de escolaridade para os descendentes que sofram de invalidez geral.

Os beneficiários que estejam no uso de direitos por descendentes nas referidas condições, devem apresentar também **até 31 de Dezembro de 1972,** atestado passado por médico do posto clínico que os abranja, provando que se mantém a incapacidade.

Qualquer esclarecimento referente a situações específicas ou informações mais detalhadas sobre o teor da presente informação será prestado pelos respectivos serviços das caixas de previdência.

Lisboa, Outubro de 1972.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

ANÚNCIO

Fez-se público que nos Serviços de Aprovisionamento dos Hospitais da Universidade de Coimbra, se encontra aberto o concurso público seguinte:

Concurso N.º	*Aquisição de*	*Caução Provisória*	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			Data	*Hora*
1/72	2 viaturas automóveis pesadas	10 000$00	27.X.72	15.00 horas

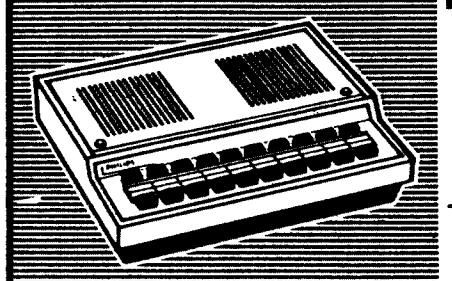
O respectivo caderno de encargos pode ser consultado nos Serviços de Aprovisionamento todos os dias úteis das 9.30 às 12.30 e das 14 às 17.30 horas e aos sábados das 9.30 às 13 horas.

As propostas devem ser entregues até às 16 horas do dia 26 de Outubro de 1972, nos referidos Serviços.

Coimbra, 12 de Outubro de 1972

O Director dos Serviços de Apoio Geral, (Aprovisionamento)

Dr. Cândido Pacheco de Araújo



INTERCOMUNICADORES

PHILIPS

- **Sistemas simplex, duplex e intermix.**
- **Sistemas de procura de pessoas por rádio.**
- **Sistemas de chamadas por amplificação sonora.**

PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.

Av. Eng. Duarte Pacheco, 6 · Tel. 683121 · Lisboa 1
Rua Fernandes Tomás, 760 · Tel. 28161 · Porto

O PLANO E A VOLTA DE PERON

Governar a Argentina sem Perón, ou sem o apoio decisivo de Perón, é uma tarefa impraticável. Durante quase vinte anos perto de uma dezena de pessoas, entre civis e altas patentes militares, revesaram-se na Casa Rosada, tentando ignorar ou desmentir esta realidade.

Desde a queda de Juan Domingo Perón, no dia 16 de Setembro de 1955, aquele país tem conhecido uma sucessão de golpes militares, greves operárias e estudantis, além de registar nos últimos anos o aparecimento de alguns movimentos guerrilheiros que escolheram para actuar o palco dos grandes centros urbanos, como Córdova, Rosário, Santa Fé e Buenos Aires.

Por outro lado, com a revogação da política financeira de orientação nacionalista, posta em prática durante o Governo de Perón, a Argentina assumiu vários compromissos internacionais que, ao contrário de fortalecerem e desenvolverem a economia do país, a levaram ao estado de debilidade crónica em que hoje se encontra. Na verdade, de 1970 para cá, a Argentina conhece um crescente processo inflacionário. E, já nos princípios de 1972, o peso passou a figurar nominalmente na lista das moedas negociáveis, sem receber cotação nas bolsas de câmbio internacionais.

Nos últimos dezassete anos, sempre que a Argentina se encontra numa situação de impasse político ou financeiro, fala-se no regresso de Perón, hipótese que é imediatamente afastada à vista do primeiro sinal de adiamento da crise institucional do país. Entretanto, 1967 para cá — ano em que foi registada a presença de guerrilheiros na área rural fronteiriça com a Bolívia — os militares argentinos foram compreendendo, gradualmente, que a saúde política do país não admitia mais paliativos.

Esses dados por certo pesaram na balança e em muito ajudaram a subida de Alejandro Lanusse ao Poder, em 1971. Seria normal, portanto que, uma vez na presidência, Lanusse fixasse como grande meta a ser atingida pelo seu Governo, a volta do país à normalidade democrática. Daí o anúncio de eleições livres e directas para 1973 e o crescente namoro com Perón, cujo fim normal será o seu consequente regresso ao país e — quem sabe — talvez à Casa Rosada.

ELEIÇÕES COM PERÓN?

Anunciada por Lanusse, essa disposição — como era de se prever — foi recebida com cepticismo pela oposição, além de encontrar os seus naturais inimigos entre as classes conservadoras e certos sectores das Forças Armadas do país. E, a Lanusse, caberia resolver este dilema: como realizar eleições livres num país onde a grande maioria do povo era e é peronista, sem que Perón fosse o candidato natural à presidência da República — com o que não concordam certos militares e conservadores — uma aspiração acalentada pelo velho general no seu longo e confortável exílio em Espanha.

Muitos foram os voos da Aerolíneas Argentinas entre Madrid e Buenos Aires, que conduziram pelos céus os emissários de Lanusse e Perón. E, nos primeiros dias de Outubro, ao que tudo indica, as duas partes estavam em vias de solucionar o dilema. Aliás, a solução encontrada tem o seu quê de engenhoso: Perón desistiria das suas aspirações presidenciais e, de comum acordo com os militares e partidos políticos, indicaria um candidato de pacificação nacional, a quem emprestaria o seu decisivo apoio. Voltaria então para a Argentina e a paz interna seria devolvida ao país.

Martinez e Campora: o início do diálogo

Texto de WANDERLEY DINIZ

COMEÇOU O JOGO

Esta hipótese — agora em vias de concretização — começou a desenhar-se nos últimos dias de Setembro. No dia 27 houve uma reunião do gabinete ministerial de Alejandro Lanusse, após a qual cresceram os rumores — não desmentidos pelo Governo — de que Perón teria redigido um plano que possibilitaria o entendimento e a convivência das suas forças com os actuais detentores do Poder. Procurado pelos jornalistas, o dirigente peronista Alberto Saru Garcia anunciou como verdadeira a existência desse plano de paz, o que mais tarde seria confirmado pelo delegado pessoal de Perón na Argentina, Hector Campora, que solicitara uma audiência à Junta de Comandantes Militares, a quem entregaria o documento de dez pontos que o velho general baptizara solenemente de «Plano de Pacificação e Reconstrução Nacional» (Publicado na íntegra pelo DL de 13.10.72).

No dia 2 de Outubro Lanusse esteve reunido à porta fechada com cinquenta generais do Exército, discutindo o pedido de Hector Campora, que, dois dias mais tarde, foi recebido pelo brigadeiro Ezequiel Martinez. De uma certa maneira e, como comentou a Imprensa de Buenos Aires, estes foram os primeiros sinais de que se estava a iniciar «uma nova fase nas relações entre as Forças Armadas e o peronismo». Mas, pode ser também que este seja apenas um lance a mais num jogo onde as cartas decisivas não foram ainda lançadas na mesa.

UMA PAZ DE RENÚNCIAS

Embora Hector Campora não tenha sido recebido pela junta e o seu encontro com Martinez tenha acontecido numa sala do 8.º andar do Ministério da Fazenda e não na Casa Rosada, como esperavam os peronistas, algo de positivo aconteceu: o Governo deve dar uma resposta oficial sobre a proposta dentro de dez ou quinze dias.

Quanto ao documento, nele Perón faz observações óbvias — **O país, após dezoito anos de instabilidade governamental e desordem administrativa, ficou com a economia e as finanças comprometidas, a paz ameaçada e o estado social numa depressão sem precedentes** — e dita soluções onde desponta o que se considera ser a sua renúncia a candidatar-se, desde que as duas partes encontrem um terceiro candidato, capaz de reunificá-las: «Sòmente um acto de grandeza e patriotismo pode salvar a nação da grande crise; este nobre e patriótico objectivo **merece todas as renúncias de que sejamos capazes**» (o itálico é original).

AS ESPERANÇAS DOS ARGENTINOS

Ainda na introdução ao documento, Perón faz uma exortação aos militares, para que acatem as suas ideias — «pois do contrário só Deus é capaz de dizer o que poderá acontecer na Argentina» — condição sem a qual seria impossível o seu pacífico regresso ao país, e que significaria, por outras palavras, que eles devem retornar aos quartéis. Portanto, como observam algumas publicações de Buenos Aires, «Perón está disposto a renunciar à sua aspiração máxima, mas exige, em contrapartida, igual renúncia por parte dos militares que governam o país desde a sua deposição. As suas condições, embora capazes de realizar as esperanças dos argentinos, parecem não ter sido feitas para a aceitação da Casa Rosada».

LIBERDADE E AMNISTIA

Na verdade, no plano de Perón existem alguns pontos que dificilmente serão aceites pelos militares: um deles é a exigência de liberdade para todos os presos políticos, ponto que inclui os guerrilheiros. Além disso Perón exige ainda o «rompimento dos compromissos internacionais que prejudicam a soberania nacional ou a submetem a ditames hemisféricos». Uma vez acatado este ponto do documento, certamente a política exterior de Lanusse enfrentaria dificuldades. O «rompimento dos compromissos» e a rebeldia contra «os ditames hemisféricos» pode significar, quem sabe, a ruptura unilateral dos acordos e resoluções firmadas por Buenos Aires na OEA. o que levaria a Argentina, no mínimo, a ficar isolada da restante América Latina, ao lado do Chile e de Cuba.

Como se não bastasse isso, Perón vai mais longe e pede a nomeação de um «oficial superior das Forças Armadas como ministro do Interior, a fim de afastar toda a suspeita de parcialismos partidaristas e garantir aos cidadãos a máxima limpeza no processo de institucionalização». Acontece que esse postulado, como todos os outros do documento, serão examinados por Arturo Mor Roig, actual ministro do Interior, que, certamente não concordará com o seu afastamento.

Há que se levar em conta ainda, o facto de, além dos dez pontos preconizados por Perón como condições básicas para se conseguir a paz interna, existir o problema da escolha do candidato presidencial, que, de certeza, causará tantas divisões nas fileiras militares como nas peronistas, sem se considerar as que ocorrerão nos outros partidos políticos.

Uma coisa é certa: para surpresa geral, o secretário de Imprensa de Lanusse, Edgardo Sajón, òbviamente falando em nome do Governo, apontou no documento «coincidências básicas e primárias» com os objectivos anunciados como prioritários pelo Governo argentino. Ou seja: pacificação nacional, convocação de eleições gerais e suspensão do estado de sítio. Mais tarde, no dia 6, Lanusse ratificaria esse comunicado, dizendo estar disposto a dialogar com Perón, a partir dos dez pontos.

Quanto a Perón, segundo Campora, está a preparar a «operação retorno». A data está prevista para o próximo dia 17. A «operação» será realizada com um avião fretado e, acompanhando o velho general, estará a bordo um grupo de jornalistas internacionais.

ASSUNTO EXPORTAÇÃO

MISSÃO COMERCIAL

A ESPANHA — DE 10 A 17.12.72

Consciente do interesse de que se reveste o desenvolvimento e aprofundamento das relações económicas luso-espanholas, promove o F. F. E. em Dezembro a deslocação a Espanha de uma Missão comercial portuguesa. Espera o Fundo poder integrar tal Missão com representantes de empresas nacionais cuja exportação maior atractivo ofereça para o país vizinho. Os componentes da Missão participarão em encontros individuais com importadores espanhóis — em Madrid e em Barcelona —, encontros a cuja realização dará a melhor colaboração a delegação local do F. F. E. Aproveite, pois, senhor exportador, mais esta oportunidade de crescer com o País. Desta vez — rumo a Espanha! Informações e inscrições: na sede do Fundo, ou na sua delegação no Porto.

fundo de fomento de exportação

Rua Camilo Castelo Branco, 2-3.º — Tel. 47928/59156
LISBOA 1
Delegação
Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq. — Telef. 380214
PORTO

Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca

Sede: Av. Elias Garcia, n.º 123-2.º — Tel. 765023/24

Centro Social: R. da Palma, n.º 278-2.º — Tel. 860034

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos e do Decreto-Lei n.º 49 058, convoco uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no dia 18 de Outubro p. f., pelas 21 horas, no Centro Social deste Sindicato, Rua da Palma, 278-2.º, com a seguinte ordem de trabalhos:

1) Indagar das razões que determinaram o envio de um anteprojecto de revisão do A. C. T. com a TAP aos associados, que não corresponde ao elaborado pela Comissão Técnica da TAP, sem que a esta tenha sido dado prévio conhecimento.
2) Discutir da veracidade do teor da circular de 18/8/72 que capeou o envio do projecto designado como da autoria da Comissão Técnica da TAP.
3) Medidas a tomar em relação aos responsáveis pelas ocorrências citadas nos pontos 1 e 2.

Não havendo número legal de associados a Assembleia reunirá meia hora mais tarde com qualquer número.

A qualidade de sócio deve ser comprovada com a apresentação do respectivo cartão.

Lisboa, 10 de Outubro de 1972.

O Presidente
da Mesa da Assembleia Geral

Ernesto Gil de Oliveira

97 OPORTUNIDADES

para o progresso da sua empresa... ...e para o sucesso da sua carreira

NORMA

Com a NORMA encontrará o programa de formação de que precisa.
Para os Gestores. Para os Quadros. Para o Pessoal Especializado da sua Empresa.
E para si mesmo...
Durante as suas Férias,
os técnicos da NORMA
conceberam um programa completo de Formação Técnico-Profissional.
Ele está à sua espera...
...com 97 OPORTUNIDADES.

Conhecimentos Gerais Básicos

Científicos e Técnicos

1—Matemáticas aplicadas à Gestão
2—A investigação operacional e suas aplicações práticas
3—Estatísticas e suas aplicações nas empresas e serviços públicos
4—PERT e Derivados (Técnicas de Coordenação e Controlo)
5—Informática de Gestão

Económicos e Financeiros

6—Economia da Empresa
7—Contabilidade e Finanças para não especialistas (método A. G. L.)
8—Iniciação ao Controlo Orçamental
9—Tableaux de Bord

Comerciais e Jurídicos

10—Princípios Básicos de Marketing
11—Constituição de Empresas
12—Legislação do Trabalho e Previdência
13—Contratação Colectiva

Sociais ou Humanos

14—Princípios Básicos de Chefia
15—Sensibilização à Dinâmica de Grupos
16—Relações Psicossociológicas no Trabalho
17—A Comunicação no Trabalho
18—Estrutura das Organizações
19—Relações Públicas

Métodos de Trabalho - Meios de Expressão

20—Princípios e Prática de Condução de Reuniões
21—Leitura Rápida
22—Criatividade e Inovação
23—Análise de Valor
24—Técnicas de Comunicação Oral (Domínio de si próprio e da sua expressão oral)

Management Geral

18—Estrutura das Organizações
14—Princípios Básicos de Chefia
25—Direcção por Objectivos
26—Formação psicológica no trabalho em grupo e na gestão de empresas
27—Management Information System (MIS)
28—Planning, Programing, Budgeting System (PPBS)
29—Controlando o Futuro
30—Psicologia da Decisão
9—Tableaux de Bord
31—Panorama actual e perspectivas das ferramentas de:
31.1—Marketing
31.2—Produção
31.3—Gestão Financeira
31.4—Gestão dos Recursos Humanos
31.5—Informática
24—Técnicas de Comunicação Oral (Domínio de si próprio e da sua expressão oral)
32—Como construir e utilizar modelos de Marketing e modelos Financeiros
33—Análise-diagnóstico de uma empresa ou serviço
21—Leitura Rápida
34—Rentabilidade e Controlo de Investimentos
35—Organização das Pequenas e Médias Empresas para a Exportação
17—A Comunicação no Trabalho
16—Relações Psicossociológicas no Trabalho
36—Fundamentos e Prática da Entrevista
19—Relações Públicas

Marketing

Direcção de Marketing

10—Princípios Básicos de Marketing
19—Relações Públicas
22—Criatividade e Inovação
37—Publicidade, Promoção, Merchandising
38—Técnicas Financeiras Aplicadas ao Marketing

Marketing Internacional

39—Como Vender nos Mercados Estrangeiros
40—Organização Administrativa da Exportação

Investigação de Marketing

41—Estudos de Mercado
42—Técnicas Estatísticas Aplicadas ao Marketing
32—Como construir modelos de Marketing e modelos Financeiros

Vendas

43—Direcção de uma Rede de Vendedores
44—Técnicas de Vendas

Produção-Conservação

Produção

45—Gestão da Produção
46—Técnicas de Redução dos Custos de Produção
47—Gestão do Planeamento e Controlo da Produção
48—Aperfeiçoamento de Chefes de Fabricação
49—Encarregados de Fabricação

Coservação

50—Gestão da Conservação
51—Preparadores de Conservação
52—Encarregados de Conservação

Estudo do Trabalho

53—Analisadores de Trabalho
54—Cronometristas—Avaliação de Ritmos
55—Análise por Observações Instantâneas
56—M. T. M.
57—Simplificação do Trabalho
23—Análise de Valor
58—Racionalização do Desenho Industrial

Aprovisionamento

59—Gestão dos Aprovisionamentos
60—Modernas Técnicas de Gestão de Stocks
61—Organização do Serviço de Compras
62—Chefes de Armazém

Recursos Humanos

63—Recrutamento e Selecção de Pessoal
64—Apreciação do Pessoal
65—Técnicas de Remuneração
15—Sensibilização à Dinâmica de Grupos
16—Relações Psicossociológicas no Trabalho
17—A Comunicação no Trabalho
36—Fundamentos e Prática da Entrevista
66—Preparação Pedagógica de Monitores
67—Os Áudio-Visuais e a Formação

Informática

5—Informática de Gestão
68—Introdução aos Ordenadores
69—Técnicas de Programação
70—COBOL ANSI (Teoria e Prática)
71—Análise de Sistemas
72—Recolha de Dados
73—Tratamento

Contabilidade - Finanças - Fiscalidade

Contabilidade

7—Contabilidade e Finanças para não especialistas (método A. G. L.)
74—Iniciação aos Sistemas de Custos
75—Planeamento Contabilístico na Era da Informática
76—Controlo e Auditoria de Contas
77—Os Custos Standard Instrumento do Management

Finanças

78—Bases de Gestão Financeira
79—A Gestão Moderna da Tesouraria
8—Iniciação ao Controlo Orçamental
34—Rentabilidade e Controlo de Investimentos

Serviços Administrativos

Organização do Trabalho de Escritório

33—Análise-diagnóstico de uma empresa ou serviço
84—A Produtividade na Função Administrativa
85—Análise de Valor no Campo Administrativo
86—A Mecanização Administrativa e os Computadores de Escritório
87—Racionalização dos Circuitos de Informação
88—Estudo e Análise dos Impressos
89—Estudo e Implantação dos Postos de Trabalho Administrativo
90—Organizar um Serviço de O e M

Documentação e Arquivo

91—Classificação, Codificação e Arquivo
92—Organização de um Centro de Documentação

Secretariado

93—A Secretária Eficiente Colaboradora do Chefe (Iniciação)
94—A Secretária Eficiente Colaboradora do Chefe (Aperfeiçoamento)
95—A Secretária Eficiente Colaboradora do Chefe
96—A Secretária Eficiente Fulcro das Relações Humanas da Empresa
97—A Telefonista—«Public Relations» n.º 1

Administração Pública

Direcção Geral

25—Direcção por Objectivos
84—A Produtividade na Função Administrativa
14—Princípios Básicos de Chefia
28—Planning, Programing, Budjecting System (PPBS)
85—Análise de Valor no Campo Administrativo
7—Contabilidade e Finanças para não Especialistas (método A. G. L.)
18—A Estrutura das Organizações
20—Princípios e Prática de Condução de Reuniões
21—Leitura Rápida
8—Iniciação ao Controlo Orçamental

Quadros e Órgãos Executivos

16—As Relações Psicossociológicas no Trabalho
63—Recrutamento e Selecção de Pessoal
64—Apreciação do Pessoal
5—Informática de Gestão
86—A Mecanização Administrativa e os Computadores de Escritório
92—A Organização de um Centro de Documentação
93—A Secretária Eficiente Colaboradora do Chefe (Iniciação)
94—A Secretária Eficiente Claboradora do Chefe (Aperfeiçoamento)
95—A Secretária Eficiente Colaboradora do Chefe
96—A Secretária Eficiente Fulcro das Relações Humanas da Empresa
89—Estudo e Implantação de Postos de Trabalho Administrativo
87—Racionalização dos circuitos de informação
88—Estudo e Análise dos Impressos
91—Classificação, Codificação e Arquivo
97—A Telefonista—«Public Relations» n.º 1

Solicite informações ou o «Programa de Formação 72/3»

NORMA

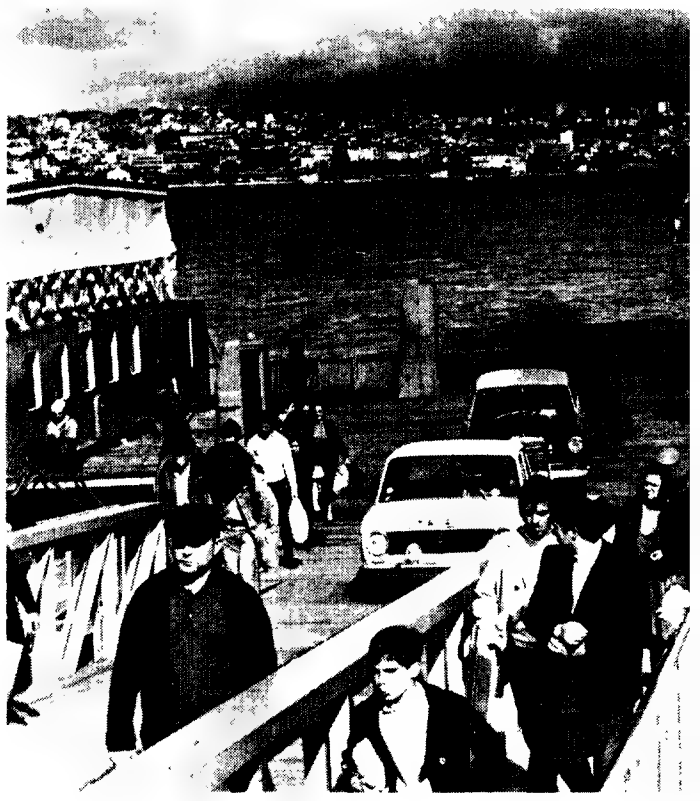
AV. 5 OUTUBRO, 122
TELEF.: 76 77 11/2 — LISBOA

O preço da portagem mantém-se inalterável desde o primeiro dia. É graças a isso que a ponte vai sendo paga.

A ponte do Tejo em "idade escolar"

A GENTE DA "OUTRA BANDA" E O TEMPO DOS COMBOIOS SOBR

É impossível determinar o número de pessoas que já miraram Lisboa do alto da ponte sobre o Tejo. Sabe-se, isso sim, que, no dia em que completou seis anos (é, pois, uma criança em idade escolar desde 6 de Agosto último), já a haviam atravessado 32 620 479 veículos, cujos ocupantes, deixando nas portagens 726 259 589$30, pagaram aproximadamente um terço do seu custo



Apesar do crescimento de tráfego na ponte, milhares de pe os velhos barcos para atravessar o

Dois milhões e 200 mil contos foi quanto custou a construção da ponte, incluindo o grande viaduto sobre a zona de Alcântara, os acessos rodoviários e os dois túneis destinados, no futuro, à passagem do caminho-de-ferro. Que futuro? O Governo decidirá da sua oportunidade. E, enquanto o assunto é estudado, milhares de habitantes da margem sul sonham com comboios que os transportarão econòmicamente para Lisboa.

As obras de construção da ponte sobre o Tejo, que até ao dia da inauguração não teria outro nome, foram iniciadas em 5 de Novembro de 1962. Nessa altura, escrevia-se: «**É a ponte sobre o Tejo a maior obra do género que se construiu fora dos Estados Unidos da América, nação que continua a ser pioneira na construção das grandes pontes suspensas. Considerando que a obra está concebida para mais tarde permitir a instalação de uma via férrea dupla electrificada para combóios pesados, esta ponte vem a ser a maior ponte suspensa do mundo para um tráfego misto rodoviário e ferroviário**».

Da América do Norte veio não só o modelo de grandiosidade, como a maior parte dos capitais. Do concurso público internacional de que a obra foi objecto, saiu vitorioso o grupo chefiado pela empresa United States Steel Internacional Inc, com a qual colaboraram, na execução, 19 empresas, 11 das quais portuguesas. A elaboração do ante projecto por sua vez, foi confiado às firmas Steinman, Boynton, Gronquist e London, Consulting Engineers e Tudor Engineering Company. Na passagem para o projecto, teve papel decisivo o Laboratório Nacional de Engenharia Civil. E o planeamento geral, condução e fiscalização estiveram a cargo do Gabinete da Ponte sobre o Tejo, sob a direcção do eng. Canto Moniz.

Cerca de três mil operários portugueses, dos quais seis perderam a vida, chegaram a trabalhar simultâneamente na obra, para a qual foram escavados 6 milhões e meio de metros cúbicos de rochas e solos, fabricados e moldados 300 mil metros cúbicos de betão e fabricadas e montadas 82 mil toneladas de peças de aço.

Finalmente, após um tempo-«record» que não chegou a atingir os quatro anos, a ponte ficou concluída. E, no dia 6 de Agosto de 1966, cerca de 12 mil portugueses assistiram à sua inauguração. Ao mesmo tempo, selos potais e de moedas 20$00, com a imagem da ponte, eram postos em circulação, para desaparrecerem ràpidamente nas mãos dos coleccionadores.

TRÁFEGO EM CRESCIMENTO

Quinze mil veículos por dia, em ambos os sentidos, era a previsão de 1966 para o tráfego sobre a ponte. Se, nos primeiros anos de exploração, os volumes de tráfego se situaram abaixo das previsões, a partir de 1970 deu-se uma viragem na situação, registando-se um total de 5.941.186 veículos, o que representa uma taxa de crescimento de 22,9 por cento — o mais elevado valor atingido em obras congéneres em todo o mundo. De 1970 para 1971, ano em que o volume de tráfego ascendeu a 7.287.743 veículos, a progressão é sens velmente a mesma.

E os números relativos aos oito primeiros meses do ano corrente, permitem prever que pelo menos, se mantenha esta taxa. No entanto, os estudos de previsão de tráfego, baseados na progressão económica do País e da região, permitem antecipar que, em 1978, o actual tabuleiro com quatro vias de circulação, duas em cada sentido, dificilmente suportará o tráfego. Segundo estudos elaborados pelo Gabinete da Ponte sobre o Tejo, o tabuleiro já estará, nessa altura, dotado de duas vias adicionais, entrando ao serviço do público a actual capacidade ociosa do tabuleiro rodoviário.

Contudo, só o caminho de ferro poderá resolver no futuro, numa base económica, o problema do transporte das grandes massas de população entre as duas margens do rio. Com efeito, para o grosso da população com automóvel, a portagem (variando entre 10$00 e 25$00 para os veículos automóveis de passageiros), apresenta-se excessiva.

O transporte colectivo de passageiros foi concedido, desde o primeiro dia de funcionamento da ponte, à empresa Transul, que mantém carreiras de Lisboa para Almada, Centro Sul, Costa da Caparica, Seixal e Praia do Rei, transportando, sobretudo nos meses de Verão para a Costa da Caparica, muitos milhares de pessoas (por 6$00 e 6$50 por passageiro, respectivamente de Alcântara e Praça de Espanha). A utilização das carreiras da Transul tem subido gradualmente de ano para ano, desde 451.181 passageiros transportados em 1966 (desde 6 de Agosto), passando por 736.774 no ano seguinte, até atingir o número-«record» de 1.259.731 em 1971. E, nos primeiros seis meses do ano corrente, perfez 623.416 o total de passageiros transportados, o que permite supor que se entrou numa fase de franco crescimento.

E OS BARCOS?

Poderia pensar-se que esta crescente utilização da ponte teria como contrapartida uma diminuição do tráfego fluvial entre as duas margens, explorado pela Administração-Geral d Porto de Lisboa e pela C.P. No entanto, aumenta de ano para ano o número de passageiros que se fazem transportar por esta via. E esse número é bastante superior ao das pessoas que utilizam os autocarros que atravessam a ponte. Registando em 1966 um total de 31.941.570 passageiros transportados, atingia em 1970 a cifra de 37.581.676. Embora aumente de ano para ano a frequência das carreiras fluviais, estas revelam-se mesmo assim, insuficientes para satisfazer a procura. Ao mesmo tempo, crescem as reclamações contra as deficiências do serviço prestado. Incomodidade, morosidade, susceptilidade às condições atmosféricas e conse-

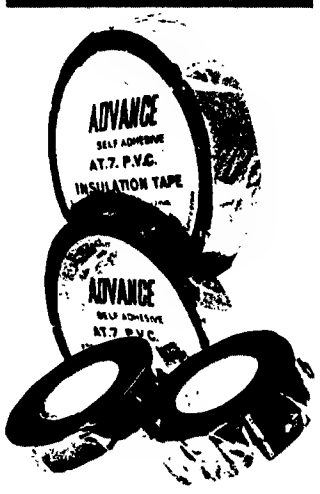
Anos	Receitas
1966 (a)	29 493 476$50
1967	81 846 821$20
1968	96 454 972$30
1969	113 092 811$00
1970	135 964 832$60
1971	158 956 230$70
1972 (b)	110 507 130$00
TOTAL...	726 259 589$30

a) De 6 de Agosto a 31 de Dezembro
b) De 1 de Janeiro a 6 de Agosto

Anos	Despesas com conservação Manutenção e exploração
1966 (a)	4 356 674$10
1967	6 330 787$90
1968	8 800 038$50
1969	9 032 585$30
1970	13 074 014$60
1971	13 608 075$20
1972 (b)	5 151 132$60
TOTAL...	60 353 308$20

a) De 6 de Agosto a 31 de Dezembro
b) 1.º Semestre

FITAS ISOLADORAS



JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

MADEIRA TRANQUILA
7 DIAS DE FÉRIAS QUE V. RECORDARÁ
Partidas diárias de Lisboa, Porto ou Faro
Estadias em Hotéis e Residências de 1.ª classe.
Máximo conforto.
PREÇOS DESDE 2.740.00
(Casal por pessoa)
Se viajar com os seus filhos beneficiará de grandes reduções de preço.
Pague suavemente com o CREDI-STAR
Peça-nos informações detalhadas, e não perca muito tempo até decidir a sua inscrição.
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

ESPERA RE O RIO

ssoas continuam ainda a utilizar o rio.

o quente insegurança são alguns dos defeitos que se apontam ao transporte fluvial (automobilistas e peões) revelou-nos que são razões de ordem económica as que mais pesam na escolha.

— **Se por 1$70 posso fazer a viagem do Terreiro do Paço par.i Cacilhas, porque havia de ut.'izar os autocarros que nos levam os olhos da cara?** — interroga-se uma das muitas mulheres que trabalham em Lisboa e (também por razões económicas...) residem na **outra banda.**

Mas logo se apressa a acrescentar:

— **O que não quer dizer que eu esteja satisfeita com o transporte que utilizo. No Inverno, principalmente, é bastante desagradável. Quantas vezes não se passa uma hora ou mais à espera de um barco que não parte devido ao nevoeiro? É um desgaste para os nervos e uma maneira de arranjar complicações no emprego...**

Com os automobilistas passa-se sensívelmente a mesma coisa. Um oficial da Armada que reside em Lisboa e exerce as suas funções na outra margem, utilizando o barco para a travessia, afirma-nos:

— **Ao passo que na ponte gastaria 40$00, utilizando o barco pago apenas 28$00, ida e volta. É uma diferença que compensa...**

Quanto ao tempo, a verdade é que, em muitos casos, há poupança e não desperdício.

— **Como moro no Alto de S. João, demoro menos tempo saindo no Cais do Sodré do que de Alcântara. Sem falar na gasolina que se poupa. A ponte não trouxe, até agora, qualquer vantagem para o meu transporte diário.**

Trata-se de um caso modelo. A verdade é que a simples construção da ponte não resolveu o problema da ligação entre as duas margens. Sob o ponto de vista da crescente população que reside nos **dormitórios** da outra margem e tem o seu emprego na capital, a ponte vale para utilizar nas férias, em passeio. Para o transporte diário o preço da portagem é insuportável.

— **In s t alem comboios a preço acessível, com ramificações para os vários centros populacionais da margem sul, e o caso mudará de figura** — profetiza um habitante do Seixal, em nome de muitos. — **Até a ponte ficava paga em pouco tempo...**

AS RECEITAS TAMBÉM CRESCEM

Vinte anos é o prazo previsto para a amortização. Mas, tal como se verifica com o tráfego, as receitas obtidas são inferiores às previstas. A diferença deve-se, em boa parte, à composição do tráfego. Enquanto que as estatísticas que fundamentaram os estudos sobre a viabilidade financeira do empreendimento permitiram admitir uma composição de 60 por cento de veículos ligeiros e 40 por cento de veículos pesados, a verdade é que a composição média nos cinco primeiros anos foi de 88 por cento de ligeiros e apenas 12 por cento de pesados. O resultado foi uma quebra na portagem média prevista lapesar disso, o ritmo de crescimento das receitas permite calcular que asprevisões serão atingidas num futuro muito próximo.

Enquanto no ano de 1967 apenas se rondou os 82 mil contos em 1971 já se atingia perto de 159 mil. E até dia 6 de Agosto do ano que decorre alcançou-se a cifra de 110'5 mil contos.

Os cobradores de portagem já receberam mais de 726 mil contos, donde, deduzindo 61 mil contos para as despesas de conservação, manutenção e exploração, resulta uma receita líquida de cerca de 665 mil contos.

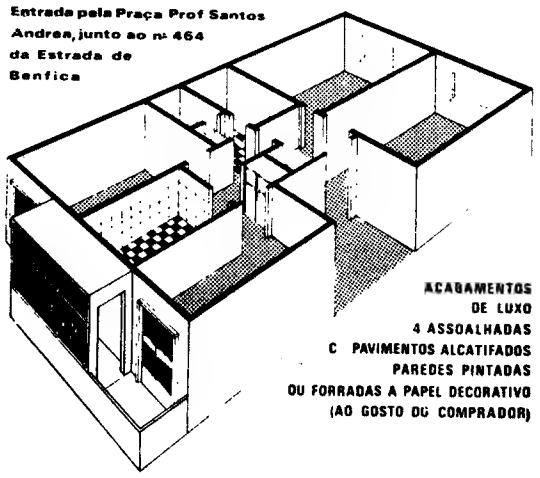
A partir daqui se pode calcular que já não falta tanto tempo comoinicialmente se previa para a ponte estar paga aos bancos americanos e franceses que financiam a sua construção.

PARA HABITAÇÃO OU RENDIMENTO

ANDARES

EM BENFICA - Rua Dr José Batista de Sousa, 11

Entrada pela Praça Prof Santos Andrea, junto ao nº 464 da Estrada de Benfica



ACABAMENTOS DE LUXO
4 ASSOALHADAS C PAVIMENTOS ALCATIFADOS
PAREDES PINTADAS OU FORRADAS A PAPEL DECORATIVO (AO GOSTO DO COMPRADOR)

DESDE 580 CONTOS
30% ATÉ À ENTREGA DAS CHAVES.
O RESTANTE EM 3 a 10 ANOS.
VEJA NO LOCAL O ANDAR MODELO.

SPOC
SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA.
ROSSIO, 74 - 3º TELFS. 35438, 366257

BANCO FERNANDES MAGALHÃES

BANCO FERNANDES MAGALHÃES 1905

Aumento de Capital de 75.000 para 350.000 contos

RATEIO

Foram oferecidas 42.000 acções para subscrição do público em geral, com preferência para os depositantes e 35.000 acções para o público em geral.

Receberam-se para as duas subscrições 103.697 boletins correspondentes a 992.291 acções, pelo que a relação entre os números de acções a atribuir e subscritas é de 7,75%.

Desta totalidade, para a subscrição do público em geral, foram recebidos 77.668 boletins, correspondentes a 515.130 acções. E porque, deste montante, em boletins de 1 a 5 acções se receberam subscrições de 46.172 acções, portanto mais do que a totalidade das acções a atribuir, evidente se torna a impossibilidade de considerar os referidos boletins de 1 a 5 acções.

Em presença do exposto, o Conselho de Administração deliberou, forçado por esta circunstância não considerar os citados boletins de 1 a 5 acções, muito embora tenha procurado satisfazer preferentemente as pequenas subscrições.

Quanto à subscrição com preferência para os depositantes, receberam-se 26.029 boletins correspondentes a 477.161 acções o que levou o mesmo Conselho de Administração a proceder a rateio.

O quadro relativo aos supracitados rateios é o seguinte:

DEPOSITANTES	
1 a 12	— 1 acção (100% a 9%) *
13 ou mais	— 8% * com o máximo de 19 acções

PÚBLICO EM GERAL	
1 a 5	— Eliminadas
6 a 20	— 1 acção (17% a 5%)
21 ou mais	— 5% * com o máximo de 7 acções

* Com arredondamento por defeito

A entrega das cautelas definitivas e a restituição das importâncias depositadas em excesso far-se-á a partir do dia 16 do corrente nos balcões onde foram entregues os boletins, com excepção das Dependências Urbanas.

Para sua própria comodidade, pede-se aos Senhores Subscritores que respeitem tanto quanto possível o seguinte escalonamento:

PORTO

Subscrição Pública (R. Sá da Bandeira)
Boletins de 1 a 5 acções — dia 16 e seguintes
Boletins de 6 e mais acções — dia 18 e seguintes

Subscrição Depositantes (R. Sá da Bandeira)
Boletins de 1 a 12 acções — dia 16 e seguintes
Boletins de 13 e mais acções — dia 17 e seguintes

Subscrição por intermédio de outros Bancos
A partir do dia 16

Dependências Urbanas
Boletins de Depositantes

LISBOA

Subscrição Pública (Entrada: Rossio 51)
Boletins de 1 a 5 acções — dia 16 e seguintes
Boletins de 6 e mais acções — dia 18 e seguintes

Subscrição Depositantes (Entrada R. 1.º Dezembro)
Boletins de 1 a 12 acções — dia 16 e seguintes
Boletins de 13 e mais acções — dia 17 e seguintes

Subscrição por intermédio de outros Bancos
A partir do dia 16

PORTO, 12 de Outubro de 1972
O Conselho de Administração,

FB

AS MULHERES EM FRANÇA:

AS QUE GRITAM E AS QUE CALAM

Quando elas se reunem num 10.º andar de um arranha-céus de Paris, depois de anunciar que vão empreender um programa em larga escala de «Denúncias dos crimes cometidos contra a mulher». já não há sorrisos de complacêncua como acontecia há uma dúzia de anos. Em vez de espanto, o mais frequente é surpreender a pergunta, muitas vezes feita pelos próprios simpatizantes do movimento: «Mas até onde é que elas querem chegar?»

A primeira comandante de bordo

O GRANDE OBSTÁCULO

Mais de 50 por cento da população feminina (em idade activa) em França é constituída por estas mulheres que casaram pouco depois dos 20 anos com consentimento dos pais, depois de experimentarem discretamente uma experiência pré - matrimonial: que, se alguma vez estiveram empregadas, resolveram consagrar-se ao lar, mal surgiu o primeiro filho; que, quando podem «despachar» as crianças para o jardim infantil, já estão demasiado apegadas aos electrodomésticos e às receitas culinárias transmitidas pelas avós para se interessarem um pouco com o que se passa no Vietname. Gostam de ouvir rádio, de ler livros de psicologia, de acompanhar o trabalho escolar, de assistir a uma conferência no seu clube — um dos muitos clubes de mulheres que se multiplicam como cogumelos e cujas actividades vão desde o tricot à literatura, da cozinha à gestão financeira. São mulheres - caixas, que recebem ao fim do mês o salário do marido, de que ficam administradoras. Passados os primeiros 10 anos de casadas, se as coisas não correm conjugalmente na perfeição, começam a sonhar com as bodas de prata, em vez de pensar no divórcio. Inferiorizadas? Minimizadas? Não se sentem nada disso. E ficam muito contentes, como se se tratasse de uma vitória pessoal ou de uma vitória colectiva em que também elas participassem, quando sabem de um novo cargo que se abriu à mulher, seja na política ou na empresa.

Do que elas representam em força e ousadia, tomaram os franceses conhecimento quando surgiu o célebre «Manifesto das 343». **«Declaro ter abortado!»** — proclamavam as anónimas militantes do Movimento de Libertação da Mulher». Era a bofetada na lei, que muitos consideram «revogada pela prática de todos os dias», mas que poucos se atrevem a desejar ver abolida.

Sabem que a França é um dos países onde a mulher é mais favorecida no plano de ascensão profissional: Recordam Françoise Giroud, directora do jornal «L'Express»; Jacqueline Baudrier, directora do 2.º canal da Televisão; Marie - Madeleine Dienesch, secretária de Estado de Acção Social e Readaptação; Colette Besson, campeã olímpica; Jacqueline Camus, piloto da linha e primeira mulher comandante de bordo. Congratulam-se com tudo isso, sentimento que faz parte do seu feminismo passivo e, ao mesmo tempo, pensam que é bom estar em casa, cuidar dos filhos, esperar o marido, pensar no futuro da rapariga mais velha que vai a caminho da Universidade e a quem é preciso, custe o que custar, dar um curso. Aliás, as jovens têm uma representação muito importante no ensino superior: as Universidades reúnem 43 por cento de mulheres e o bacharelato 50 a 51 por cento. Além disso, a mais elevada proporção ocidental de mulheres médicas, advogadas e engenheiras pertence à França.

Em face deste mar de rosas, desta abertura cada vez mais larga de posições **lisonjeiras** à mulher (é certo que não há nenhuma embaixatriz, nem nenhum perfeito do sexo feminino, em França...) a francesinha média acha despropositadas as reivindicações do Movimento para a Libertação das Mulheres e inúteis os esforços das associações feministas que tentam insuflar-lhe um pouco de consciência. De resto, conhece o movimento apenas através das suas vedetas: Simone de Beauvoir, Delphine Seyrig, Anne Wiazemski.

DO SINDICATO À URNA

Estas e as outras que constituem o grosso do Movimento não desistem, porém. Se não conseguem actuar directamente com eficácia junto das suas compatriotas. Chamam a atenção da opinião pública. A maior parte tem menos de 25 anos. São estudantes, artistas, professoras. Algumas vêm das organizações políticas surgidas em Maio de 1968. Outras têm motivações espontâneas: **«Não queremos ser bonecas de amor, somos seres humanos»** — gritam. Usam calças largas, têm o rosto sem pintura, aboliram o **soutien** e falam uma linguagem crua, precisa, mesmo diante dos meninos vestidos à **hippie** a quem dão a mão. Simples manifestações exteriores? Mas 27 por cento dos membros do Partido Comunista são mulheres, embora apenas 7 façam parte do Comité Central (num total de 107 membros). Michelle Cota afirma que as mulheres não gostam de se embrenhar nos partidos políticos. No Comité director do Centro Democrata, há apenas 5 mulheres; no Partido Socialista, 3 mulheres para 81 homens.

Resta analisar como é que esta consciência se traduz ao nível elementar do boletim de voto: qual o uso que as mulheres fazem desta conquista ganha após algumas querua. Gisèle Charzat, que num livro recente analisou o comportamento político das mulheres, aponta três razões para estas preferências moderadas. Primeiro, um argumento demográfico: eleitorado feminino é um eleitorado idoso, onde predominam as mulheres com mais de 44 anos — e as categorias idosas são adversas às transformações. Segundo, uma razão ideológica: a Igreja tem maior número de adeptos entre as mulheres do que entre os homens e entre as pessoas que assistem regularmente ao culto católico, 68 por cento escolhem os partidos moderados e apenas 9 por cento se inclinam para as esquerdas. Finalmente, um argumento de ordem económica: constituindo apenas 34,6 por cento da população activa, as mulheres estão em franca minoria: logo, em termos globais, é menor a sua sensibilidade , a «consciência política».

OS HOMENS SÃO FRÁGEIS

Que as mulheres representa **da campanha eleitoral, pelo** política a ter em séria consideração, não deixa dúvidas a ninguém. Kate Milett, autora do livro «A Política do Macho», dizia há uma ano, numa entrevista concedida ao «L'Express»: **«Penso que o feminismo está em vias de tornar-se a maior preocupação política dos Estados Unidos. A mensagem foi entendida pela Casa Branca e não é por acaso que a administração de Nixon se prepara para nomear representantes que dirigirão a estratégia da campanha eleitoral, eplo menos em cinco estados.»** Nos Estados Unidos, de resto, os grupos multiplicam-se com uma facilidade espantosa, sobretudo a partir do dia em que Betty Friedan criou a Organização Nacional de Mulheres, em 1966, três anos depois de ter publicado «A mulher mistificada».

Em França, não é tanto assim. A acção é mais isolada, menos teórica.

Nem tudo são, porém, fórmulas-choques, gestos espectaculares, pelos quais são frequentemente apelidadas de «intelectuais frustradas» ou «burguesas nevróticas». São essas mesmas mulheres que defendem as mães solteiras. Que organizam campanhas de informação sobre a contracepção e o aborto, nos mercados, nas fábricas. Que abrem creches selvagens. Que dão apoio aos imigrantes.

Quantas são? Nem elas sabem exactamente. Talvez 4 mil. Nas reuniões de bairro, recebem todas as que as procuram, com toda a espécie de apelos, de confidências.

São expulsas, mal tratadas, acusafdas de colaborar com o inimigo, excomungadas — tal como aconteceu com aquela jovem médica simpatizante que teve a coragem de prevenir: **«Atenção, os homens são frágeis...»**

E são também agressivas, malcriadas, excessivas. Como todas as minorias.

Mais de 50 por cento das mulheres francesas...

batalhas e uma guerra? Se as mulheres não tivessem direito a voto, François Mitterland seria, desde 1965, presidente da República. Em contrapartida, se só as mulheres tivessem direito de voto, o general De Gaulle continuaria no poder em 1969. Quando se substitui os números por intenções, chega-se à conclusão, não só de que o eleitorado feminino se abstém mais do que o masculino mas também que se inclina menos para a es-

O NATAL ESTÁ À PORTA...

E A SAPATARIA OLIVEIRA JÁ RECEBEU OS ÚLTIMOS MODELOS DE CALÇADO PARA HÓMEM, SENHORA E CRIANÇA

—ECONOMIZE COMPRANDO NA OLIVEIRA—

(QUE CALÇA LISBOA INTEIRA)

RUA DO LORETO, 38 LISBOA

Férias de Outono:
Canárias
e
Palma de Maiorca

Canárias
7 dias desde 2.065$00
15 dias desde 2.390$00

Palma de Maiorca
7 dias desde 1.635$00
15 dias desde 2.165$00

incluindo viagens de avião, hotel, «transfers» e outros serviços

Pagamentos até 12 meses

Rua Rosa Araújo, 2

Telefone 536971

Meliá
a mais completa organizacao mundial de viagens

BEDFORD J. 3

6804, p. b. reparada com garantia, vende Lucilio Matos Loupa Quinta do Rio, 10 Sacavém telef. 2519437.

EUSÉBIO EM MESA REDONDA

Fazer quatro golos é mais difícil que fazer três, que é mais difícil do que fazer dois, que é mais difícil que fazer um, que é tão difícil como ganhar um jogo. Mas muito mais difícil, porque impossível, é a gente acreditar na gratidão das pessoas, depois que a fama começa a sofrer a pressão do tempo.

É com este pensamento de Edson Arantes do Nascimento (Pelé), que a revista «O Cruzeiro» (da próxima quarta-feira), abre uma entrevista com o futebolista mais famoso do mundo inteiro. Um pensamento, que bem poderia abrir, igualmente, a mesa-redonda que, na nossa redacção, tivémos com Eusébio da Silva Ferreira, o futebolista europeu de maior projecção.

Em torno de Eusébio estiveram seis dos nossos camaradas de trabalho: Armindo Blanco, Neves de Sousa, Cesário Borga, Orlando Dias Agudo, Daniel Reis e Jesus da Cunha. Duas horas decorridas, o arquivo da conversação registava:

A. B. — Você é um jogador que já conquistou tudo, todas as glórias, só lhe faltando ser campeão do mundo com a selecção portuguesa, o que é um bocado difícil. Poderemos pensar, inclusive, que você já está realizado financeiramente, tem prestígio internacional, etc. Por isso, eu faço esta pergunta: o que é que faz você correr como um garoto, como um principiante, encharcar a camisola como um homem que está conquistando um lugar, como o fez últimamente contra o Beira-Mar e o Sporting?

EUSÉBIO — Eu sinto-me novo (ainda) com 30 anos (não tenho medo de dizer a idade) e, como gosto mesmo de jogar à bola, últimamente eu tenho-me preparado muito, treinado mais do que quando tinha 19 anos. Porque quando chegamos à idade dos 27, 28, 30 anos, temos de treinar cada vez mais e melhor. Eu tenho-me dedicado a isso, porque eu sou aquela pessoa que está sujeita à crítica: que por vezes diz que já estou acabado, estou velho, etc. Então, para mostrar a essas pessoas que estão erradas, tenho de mostrar dentro do campo, mesmo contra equipas consideradas mais fracas (caso do Beira - Mar) que, realmente, não estou ainda acabado para o futebol. Porque não é contra um Porto, ou um Sporting, ou contra outra equipa de valor mais equiparado ao Benfica, que eu vou como que ensaiar as minhas possibilidades. Por outras palavras: quando entro em campo para realizar um desafio de futebol, não olho para o nome ou a categoria do adversário. Tento jogar o melhor que posso e sei, de forma a satisfazer o técnico, o público e o clube. E a prova de que me estou realmente a aplicar a fundo nos treinos, é que abati agora uns quilitos que ganhei quando estive de férias em África. Sinto-me agora em plena forma; e só espero manter-me assim até ao fim do campeonato. E também sem lesões..

N.S. — O facto de, neste momento, tu seres já um «internacional» de grande craveira, com um nome muito famoso, obriga-te a defender, em cada domingo, exactamente esse nome, essa fama, ou tu actuas em cada jogo como se fosse necessário conquistar um lugar na equipa do Benfica?

EUSÉBIO — Eu actuo em cada jogo pensando que necessito de conquistar um lugar dentro da equipa do Benfica. É que não é o nome do jogador que joga: quando o técnico faz a equipa e diz que eu jogo, eu sinto a necessidade de corresponder à essa confiança. Por isso luto e dou o máximo de mim próprio em cada jogo.

N.S. — Jogas pelo prémio, ou pelo teu nome?

EUSÉBIO — Hoje em dia, o «problema-dinheiro» não me preocupa. Nem à maioria dos meus colegas. Somos profissionais do futebol e contra o que pensa muita gente, nós lá dentro do campo não pensamos em prémios. Conheço-os a todos e posso garantir que, quando defrontamos qualquer adversário, só pensamos em conquistar a vitória. Não pensamos, sequer, se há prémio ou não. Não doseamos o nosso esforço e a nossa aplicação, em função dos escudos extra. A única coisa em que pensamos é na vitória no jogo, na defesa da camisola que envergamos.

N. S. — Em relação ao ano passado: quando actuavas a médio, aplicavas-te com a mesma vontade do que quando voltaste à linha avançada?

EUSÉBIO — É muito diferente jogar na linha média ou na linha avançada, na posição em que estou agora a jogar. Como toda a gente sabe, eu sempre fui um jogador de área, sendo aí que (graças a Deus, ao meu esforço e à minha aplicação) eu ganhei fama ao conquistar um lugar certo na equipa do Benfica. O ano passado, por necessidade táctica, houve que procurar adaptar um ou outro jogador à linha média. Eu fui um deles, porque o treinador me perguntou se eu me importava de jogar nesse lugar. Como lhe respondi que não me importava, já que daqui a uns anos prevejo vir a ser esse o meu lugar, fiz alguns jogos a meio-campo. Ao princípio, nos primeiros jogos, a coisa saíu bem: mas, depois, fraquejei, porque o lugar de médio é um lugar que exige muito, e eu não estava, como ainda não estou, perfeitamente adaptado ao posto. Nos últimos jogos do último campeonato, por necessidade da equipa (alguns jogadores não podiam alinhar por lesão) voltei a ponta-de-lança, tendo encontrado o ritmo normal. Foi assim exactamente nos últimos jogos no «Nacional», na final da «Taça de Portugal», depois na selecção: e, neste princípio de época, o meu treinador disse-me que iria continuar como ponta-de-lança. Isso veio ao encontro da minha vontade, pois continuo a preferir esse lugar, não querendo isto dizer que desgosto do lugar do meio-campo.

N.S. — Neste lugar em que estás agora, continuas a pensar que em cada domingo precisas de vincar a tua indiscutibilidade na equipa? E eu faço esta pergunta, porque a «torcida» do Benfica acha estranho que o Artur Jorge, por exemplo, não venha a actuar. Ora, para ele entrar na equipa efectiva, ou sais tu, o Nené ou o Jordão. Que pensas disto?

EUSÉBIO — Continuo a pensar que em cada jogo eu tenho de conquistar o lugar. Não me esforço mais para que o Artur Jorge ou o Vítor Baptista não cheguem lá. Não. Eu jogo porque o técnico assim o entende e eu preciso de corresponder. Actualmente, na equipa do Benfica, nenhum jogador tem o lugar garantido. Por isso todos nos esforçamos para servir bem o clube. Naturalmente que, alinhando a ponta-de-lança, eu tenho mais possibilidades de agradar, pois (como já disse) é aí, nesse sector do campo, que eu me sinto melhor, por o conhecer há muitos anos. A minha obrigatoriedade é marcar golos: e lá os vou marcando.

N. S. — Tu tens o curso de treinador de futebol. Mas disseste recentemente, numa entrevista concedida em Moçambique, que quando acabasses de jogar nunca mais querias ouvir falar, sequer, em futebol. Confirmas a declaração?

EUSÉBIO — Não, não posso confirmar, porque isso foi uma conversa de brincadeira com o Fialho (que foi jogador do Benfica, e é agora o técnico do Benfica de Luanda). Essas conversa aconteceu porque estavamos todos aborrecidos com os atrasos dos aviões. Horas e horas à espera que o avião parta; e os nervos das pessoas têm de ter uma válvula de escape. Daí eu dizer que, quando acabasse a minha carreira de jogador, não queria ouvir falar mais de futebol. Mas era brincadeira. Porque, na verdade, o que eu desejo, quando acabar a carreira de futebolista, é continuar a servir o futebol: como treinador das camadas juvenis, se possível do Benfica. Ou então, em última análise, treinador mesmo de uma equipa de séniores, sendo meu desejo servir o meu actual clube (como treinador da escola de jogadores, por exemplo) não pensem com isto que estou desde já a solicitar um emprego. Até porque penso jogar ainda alguns anos mais e penso que essa fase da minha vida vem longe, ainda.

N. S. — Portanto, podemos admitir que a tua vida está e estará sempre influenciada pelo futebol. Se vieres a treinar uma equipa, pensas que a tua acção seria mais útil com os séniores ou os miúdos, dentro do campo da preparação física e não no táctico, ou no táctico e não no da preparação física, ou ainda nos dois simultâneamente?

EUSÉBIO — Ainda não pensei a sério nesse pormenor, pois acho que posso ainda jogar durante alguns anos. No entanto, na qualidade de treinador, eu

PARTICIPANTES NA «MESA REDONDA»
A.B. — Armindo Blanco
N.S. — Neves de Sousa
C.B. — Cesário Borga
D.A. — Orlando Dias Agudo
D.R. — Daniel Reis
J.C. — Jesus da Cunha

Quem foi que disse que eu sou milionário?

Que faz Eusébio correr? O ídolo esteve no «DL» e desabafou. Contou coisas que nunca dissera: desde a lesão de Pelé (no Mundial de Inglaterra) perante Portugal, até ao triste jogo da nossa selecção ante a Bélgica. Jogar na frente ou na linha média: um dilema ou talvez não. «Jordão aborreceu-se no domingo: mas já passou». Treinador: o futuro de Eusébio que não se considera milionário mas (apenas) «rico de saúde». «A minha popularidade mantém-se» — diz Eusébio que gosta de jogar em Inglaterra «porque, lá, o público sabe ver bola». Elogio de Damas («igual a Iachine») e um terceiro golo contra o Sporting «que foi dos melhores da minha carreira». Na Itália poderia ter ganho uma fortuna: «mas não é verdade que tenha sido impedido de fazer a viagem por causa de mobilizações militares».

«Assinei agora o melhor contrato da minha vida sem qualquer problema». Um «whisky» ou dois nunca fizeram mal a ninguém». «Nós (o Sindicato) estamos a tentar modificar a «Lei da Opção.»

Fui o grande culpado da derrota com os belgas!

Eusébio, Daniel Reis e Armindo Blanco

gostaria de começar com os juniores ou a escola de jogadores. Se isso (no entanto) não for possível, pois não me importo nada de ir para o campo com uma equipa de seniores e dar preparação física e táctica. Em doze anos de profissional, aprendi muito: não quero dizer que já sei tudo ou sei demais. Mas aprendi alguma coisa durante a minha carreira, pois tive os melhores treinadores do mundo.

A. B. — Eu queria fazer uma pergunta de carácter pessoal, não complicada: e seria bom que você respondesse espontâneamente, sem elaborar a resposta. Eu vi você, uma vez no Coliseu, numa distribuição de prémios: e você entrou discretamente, sentou-se no seu lugar juntamente com o Damas, depois foi receber o seu prémio e foi embora, sem dar espectáculo, sem se parecer nada com uma grande «estrela», sem parecer o Cassius Clay. Em toda a parte onde você vai, você procura comportar-se com a maior discrição possível. Você está longe de ser uma pessoa que se comporta como a grande «estrela» da companhia, você que é um jogador de fama mundial. A pergunta é esta: você é tímido por natureza, ou isso é um comportamento pessoal estudado que você acha conveniente para cirar uma sua imagem simpática para o público?

Neves de Sousa e Eusébio

EUSÉBIO — Eu sou tímido de nascença e, ao mesmo tempo, sou aquele rapaz simples que gosta de ser assim. Gosto das pessoas: porque elas também gostam de mim. Sei que há alguns jogadores que se envaidecem com a fama. No meu caso, com o meu nome conhecido em todo o mundo por causa do futebol, isso não afectou a minha maneira de ser, pois continuo a falar com toda a gente que fala comigo. Nasci com este feitio: e julgo que assim morrerei. Gosto de falar com as pessoas, porque isso em nada me diminuiu. Sou simples por natureza.

N. S. — No dia a seguir ao jogo com a Bélgica quando fomos eliminados e a equipa portuguesa jogou muito mal, um sector da crítica atribuiu a desqualificação de Portugal ao facto de tu não teres jogado bem. Não por o árbitro não ter assinalado, logo de início, uma grande penalidade a uma carga sofrida por ti: mas sim pelo facto de teres alinhado lesionado. Inicialmente, disseram que o erro foi teu, por teres dito antes do encontro que estavas em condições de alinhar. Outros afirmam que disseste exactamente o contrário: e que te obrigaram a alinhar para fazer bilheteira. O que é que se passou, realmente?

EUSÉBIO — Antes desse jogo nós estivémos em estágio durante uma semana. E, no treino que fomos fazer ao Estádio Nacional, na 5.ª feira anterior ao jogo, durante a «pelada» que efectuámos, eu contrai uma micro-rotura. Então pensei comigo mesmo que já não teria possibilidades de alinhar, pois a lesão produzia-me muitas dores. Claro que fiz o tratamento aconselhado. Na véspera do dia do jogo, o Ministro da Educação (se não me engano) esteve lá para falar com os jogadores e perguntou-me se eu estava em condições de dar a minha ajuda à equipa. Eu respondi que não estava a cem por cento mas talvez aí a uns trinta: que, no entanto, ainda tinha à minha frente 24 horas para tratamento e que os médicos eram de opinião que eu viria a recuperar. Disse também que não estava habituado a fugir ás responsabilidades e que elas eram ainda maiores pelo facto de eu ser o «capitão» da equipa: e que queria jogar. Mas, pretendia fazer um teste: se aguentasse, poderia contar-se com a minha presença. No domingo, já nos balneários, eu senti grandes dores. Porém, como já não era a primeira vez que actuava em tal circunstância, pedi para ser ligado e dei entrada no campo. Acontece que logo na primeira jogada em que entrei (e que foi a que originou o «penalty» não assinalado) eu senti que não podia correr. E caí, em más circunstâncias. As dores agravaram-se e cheguei até a levantar o braço pedindo a minha substituição. Durante o intervalo, os responsáveis pela selecção verificaram as minhas dificuldades e perguntaram se eu era capaz de prosseguir o jogo. Respondi que não me sentia bem, mas que deixava ao seu critério a resolução final. Pois eu voltei ao jogo. Mas posso dizer que foi dos piores encontros que fiz, durante toda a minha vida de futebolista, mesmo até nos desafios de brincadeira. Foi tão grande a minha tristeza que não tenho vergonha de dizer que chorei no final do jogo. E recordo até que, perante os senhores da Imprensa, fiz a afirmação de o grande culpado por Portugal não se ter classificado para a fase seguinte do Campeonato ter sido eu. Porque se eu tivesse tomado uma atitude, a atitude que se impunha de dizer que não voltaria ao campo de jogo, talvez o resultado do encontro viesse a ser a nosso favor. Mas, como eu gosto imenso de jogar, aceitei continuar na equipa: esse foi o meu pecado...

N. S. — Em contrapartida, quando jogaste em Belo Horizonte com um grande buraco na canela, tiveste uma grande actuação. Custou-te mais alinhar nesse dia, fizeste maiores esforços ou a situação foi idêntica áquela que acabaste de referir.

EUSÉIO — Quando desse jogo no Brasil, eu podia correr perfeitamente. A única coisa que me afectou foi o medo que eu tinha de que viesse a ser tocado por algum dos adversários. Mas pus uma caneleira como protecção. Fiz também um grande esforço, como o verificaram todos. Mas esse encontro era muito importante para nós (estávamos a jogar contra a Rússia) e eu pedi ao «Zé» para me deixar continuar mais um bocado, a ver se eu conseguia fazer um golo ou, ao menos, ajudar um colega a conseguí-lo. Se eu me sentisse em dificuldades, far-lhe-ia sinal para ser substituído.

Pois tive tanta felicidade que, logo que entrei consegui fazer uma jogada com o Jordão, tão feliz que logo proporcionou o golo ao meu colega. Ainda actuei mais uns minutos mas tive de abandonar o campo. É que as dores eram insuportáveis e a ligadura que me rodeava a perna estava toda cheia de sangue. Em meu lugar entrou o Artur Jorge. Mas, que sofri imenso também durante esse jogo, é um facto. Enfim, essas são coisas próprias da vida de um futebolista. Mas também temos muitos motivos de alegria... Ora eu estava ali (na selecção) para ajudar o meu País a conquistar mais uma vitória, e tinha de aceitar esse sacrifício. Já no jogo da final eu tive de actuar com uma caneleira e bem ligado. Mas consegui correr e fiz um jogo menos mau. Infelizmente, tivemos o azar de perder esse encontro, que poderia ser a nosso favor se temos conseguido que houvesse prolongamento...

D. R. — Em complemento da pergunta de Armindo Blanco, sobre a descrição de Eusébio nos lugares públicos: durante o campeonato do Mundo (na Inglaterra). Eusébio mal podia sair à rua. Eras imediatamente assaltado por miúdos e gente crescida que quase te não largava. Entretanto, passaram-se tempos e, há dois anos, em Paris, o Humberto Coelho, o Malta da Silva, eu e tu, fizemos a experiência a mesma popularidade. Verificámos que quase ninguém te conhecia. Como é que acontece agora?

EUSÉBIO — Eu acho que aquela gente que está metida no futebol me conhece bem. Aliás, esse jogo era contra o Sporting, duas equipas portuguesas e quem tratou do jogo foi outro português: o sr. Manuel Barbosa, da Agência Mercury, e a maior parte dos franceses não sabia que havia um jogo de futebol em Paris e que eu estava lá. Exactamente por verificarem isso, o Barbosa mais o Bruno, vieram pedir-me para ir à televisão francesa fazer um programa, para o público me ver: só a partir daí é que muitos franceses apareceram e foram ver o jogo. Tinham visto na Televisão o documentário de um jogo do Benfica e ouvido o que eu dizia. Porque quando nós chegamos a Paris, no aeroporto não estavam fotógrafos franceses nem nada, o que não é normal. Estavam lá apenas os nossos fotógrafos: o Capela, o Nuno e um fotógrafo português radicado em França (o Camilo). Mas, lá por fora, tirando essa ocasião em Paris, continua tudo como dantes. Ainda agora estive na Suécia: logo no aeroporto apareceram muitos miúdos e pessoas que estão metidas no futebol. E eu, como sempre, distribuí fotografias assinadas em grande quantidade. Agora que vamos a Inglaterra (e por acaso gosto muito de jogar em Londres, porque o público gosta de ver futebol, gosta do meu futebol) já estou a preparar mais um monte de fotografias para distribuir, pois sei que vão aparecer muitas pessoas a pedir. Lá, as pessoas estimam-me e gostam muito de mim.

D. R. — Mas, achas que a tua popularidade decresceu ou mantêm-se como nos teus bons tempos?

EUSÉBIO — Acho que é a mesma coisa. Quando se tem nome (como é o caso de Pelé) e apesar da idade (que a idade também conta) fica sempre aquele nome e o público vai ao estádio para ver os seus ídolos, os que conhece de nome ou já os ter visto jogar.

D. R. — A última pergunta que tenho a fazer-te é sobre os jogos Benfica-Sporting. No primeiro jogo entre os dois clubes (a que assisti) vocês (do Benfica) ganharam ao Sporting por 5-0 e o Eusébio marcou três golos. Entretanto continuas a marcar: um, dois golos e, ùltimamente, reapareces nos jogos com o Sporting, em grande. Marcas três na «Taça de Portugal» (aliás os três golos do Benfica) e desta vez marcas quatro. Nestas vezes todas, em que o Eusébio jogou e marcou golos ao Sporting (para todos os gostos e desde um a quatro no último domingo, em qual dos jogos o Eusébio saiu satisfeito consigo? Em qual dos jogos sentiste mais prazer pessoal? Algum em que tenhas marcado o golo decisivo? Na final da «Taça» ou agora na Luz?

EUSÉBIO — Para mim, em todos os jogos com o Sporting (e desde que eu marque golos que ajudem à vitória) saio satisfeito. Sem dúvida nenhuma: estes quatro golos que marquei fizeram com que dos jogos Benfica-Sporting (desde que estou cá na metrópole) este tivesse sido o que me deixou mais satisfeito. Por uma razão: não foi bem por causa dos golos, mas pela maneira como joguei e corri, com verdade: e, depois, o terceiro golo foi um dos melhores da minha vida, porque marquei a um grande guarda-redes. Que eu admiro muito: um rapaz até muito novo, com possibilidades. E estou convencido que ele vai muito longe. E o Damas: e marcando um golo ao Damas, fico satisfeito porque é um grande guarda-redes. Marcando um golo ao Damas é, como por exemplo, marcar ao Iachine: e eu fico satisfeito até mais não poder. O primeiro também foi bonito, mas acho que o terceiro, para um guarda-redes como o Damas, é mesmo para não esquecer jamais.

A. B. — Você mostrou-nos as suas cicatrizes de guerra. E, a propósito disso, queria que me respondesse a duas perguntas. Você sabe que, no Brasil, há a impressão que o Morais «machucou» propositada e deslealmente o Pelé, naquele jogo na Inglaterra. Gostaria de saber qual é a sua opinião sobre este lance e se você encontrou alguma vez na sua vida um jogador de quem pudesse dizer: fulano é um jogador desleal, perigoso, mau carácter, capaz de chegar para «liquidar» um adversário, quebrar-lhe a perna deliberadamente, etc. Portanto, a pergunta (afinal) desdobra-se em duas: o que é que você pensa do lance do Morais (que nos deixou mal vistos até hoje no Brasil) e se você já encontrou algum Morais na sua vida.

EUSÉBIO — Sobre esse jogo e sobre esse lance (no Portugal-Brasil, do Campeonato do Mundo de 66) Morais não entrou para aleijar o Pelé. Aliás, o Pelé, no primeiro jogo (na estreia do Brasil que, se não me engano, foi contra a Bulgária) já vinha «machucado» num joelho. Acontece que no jogo a seguir o Pelé não jogou, para se poupar com vista ao jogo connosco. Aí, digo eu: se o Pelé não jogou (e como toda a gente sabe o Pelé é o Pelé) se ele não entrou contra a Hungria é porque havia qualquer coisa. Ele estava aleijado: e entrou aleijado contra Portugal. Numa jogada em que o Morais (por acaso) entrou duro mas foi correcto, apanhou-o no tornozelo e não no joelho. No fim, falei com o Pelé e ele disse-me (o Pelé não é pessoa para mentir) que fez o jogo dele: caiu no lance. O mesmo que eu faço dentro do campo, quando tenho uma jogada em que já não há possibilidades de ir para a frente, faço uma finta em que o próprio adversário tenta derrubar-me e, nessa altura, eu (em vez de cair de uma maneira) faço com que caia de modo a que o árbitro...

A. B. — ... Vai na conversa...

EUSÉBIO — Não é bem ir na conversa: mas apitar mesmo para «penalty» ou para um livre mais perigoso. Isso aconteceu também quando o Matateu jogava a bola, porque era um jogador que conhecia bem aquele lugar da área (caso igual ao do Di Stefano ou do Pelé. Está a

"Sou timido de nascença"

"Fernando Riera foi o melhor treinador que conheci"

VAMOS TENTAR ACABAR COM A LEI DA OPÇÃO

Eusébio, Daniel Reis, Armindo Blanco, Jesus da Cunha e Orlando Dias Agudo.

ver: O Pelé caíu e agarrou-se ao joelho, mas a pancada foi no tornozelo. O árbitro marcou falta, o Pelé saíu do campo. Reentrou na segunda parte e eu perguntei-lhe: «Como é que está, Pelé: está bem?» E aí ele disse: «Oh cara: não estou, pois já entrei aleijado e piorei». «Mas, olha que ele te tocou só no tornozelo... «Ele aceitou. Aí, a Imprensa explorou: e o Morais (coitado) que até era bom jogador a quem conheço bem pois joguei muitas vezes com ele, não deu pancada. Jogava à ponta-esquerda, depois passou para a defesa: e continuou a ser um jogador correcto. Mas a Imprensa explorou isso, e até hoje, (estive há pouco tempo no Brasil e ouvi ainda falar disso) ninguém esqueceu. Sobre a segunda pergunta: para mim, adversários que entrassem mesmo para partir a perna, não conheço nenhum.

A. B. — Não sei se você sabe, mas o Pelé já quebrou a perna de dois...

N. S. — E o Gerson...

EUSÉBIO — Pois: mas eu (sinceramente) oxalá que acabe o meu futebol sem quebrar ou aleijar propositadamente ninguém. Às vezes pode-se meter o pé e, por azar, aleijar alguém. Mas, voltando à conversa sobre jogadores que me marcaram com mais dificuldades, eu senti uma vez (uma vez, não: foi aí em três jogos, contra o Manchester e a Inglaterra. Encontrei o Stiles. Por acaso, fora do campo até é bom rapaz: mas, nesses jogos, foi o meu marcador directo e, dentro do campo, sem dúvida que é mau. Lembro-me, até: numa jogada do lado esquerdo ele tão depressa apareceu à minha frente como atrás de mim. E estava sempre a dar-me no calcanhar e a irritar-me. Mas, no fundo, tenho que aceitar o jogo dele. No fim, quando acabava o jogo, cumprimentava-me: e eu estendia-lhe a mão e abraçava-o. Porém, sempre foi um jogador que (comigo) entrou mesmo para aleijar. Mas eu aceito-o...

N. S. — Qual foi o maior prémio que tiveste até hoje, num desafio de futebol?

EUSÉBIO — O maior prémio que tive até hoje, em jogos de futebol, foi quando fui o melhor marcador do campeonato do mundo.

N. S. — De quanto foi o prémio?

EUSÉBIO — Foi de mil libras, que na altura representavam cerca de oitenta contos.

C. B. — Prémios... dinheiro... pois virá mesmo a talhe de foice a minha pergunta. Há pouco, o Eusébio afirmou que, quando entra dentro do campo (tal como os seus companheiros) não vai a pensar no prémio: mas sim na defesa da camisola. Ora bem: no seu caso, que camisola? A do Benfica, ou outra qualquer?

EUSÉBIO — Qualquer camisola. Por qualquer que me dêem para defender, eu luto igualmente. Seja a do Benfica, a da selecção nacional, a da selecção de Lisboa: ou de qualquer clube onde alinhe em festas de homenagens. Seja a da UEFA ou a da FIFA, seja a do meu quartel, inclusive. Para mim, a côr da camisola pouco interessa: ela é um símbolo, e é isso que eu defendo...

N. S. — A propósito de quartel: disseram, durante um certo tempo, que não era autorizada a tua transferência para o estrangeiro, porque, cada vez que tinhas um bom convite para ir (por exemplo: para Itália) arranjavam maneira de te mobilizar aqui. Quer dizer: metiam-te medo, dizendo que ias continuar mais uns anos na tropa, impedindo-te de aceitar uma fortuna lá fora. Isso aconteceu alguma vez?

EUSÉBIO — Não: isso não é mais do que especulação. São mentiras que as pessoas lançam. É verdade que tive convites para ir para Itália. Aliás, o clube sabe disso: os contactos foram através do clube a que eu pertenço. O que aconteceu, foi que o clube não considerou tais pedidos, por achar que eu fazia falta à sua equipa. Foi só por isso que o Benfica não vendeu a minha carta. Depois do campeonato do mundo (em 1966), eu ainda pensei que seria possível a minha transferência para Itália, pois (pensava eu) o Benfica estaria então disposto a vender a minha carta. Seria a altura de eu ganhar muito dinheiro. Mas, como isso não aconteceu, mentalizei-me para jogar só no Benfica e é isso que faço.

A.B — Ainda em relação à pergunta formulada por Cesário Borga, e à resposta dada pelo Eusébio: disse que servia com a mesma dedicação e entusiasmo, a camisola do Benfica, da selecção nacional, a do quartel, a da selecção de Lisboa, dos clubes que «representa» nas festas de homenagem, etc.. Poderíamos então pensar que, na realidade, você terá apenas uma camisola que é a «camisola do Eusébio»?

EUSÉBIO — Se bem entendi a pergunta, tenho realmente apenas uma camisola: qualquer

"Um "whisky" ou dois nunca fizeram mal a ninguém"

que seja a côr daquela que me dão nos vestiários, eu sou sempre o mesmo. Tenho um nome e uma posição para defender. E defendo ambos com o mesmo entusiasmo, sem olhar à côr da camisola.

C.B — É evidente que nós estamos a falar com um grande jogador de futebol e não é por coincidência que estamos a falar, também (pelo menos na linguagem e no vulgo) com um milionário. Não sei quanto dinheiro é que você tem, mas as pessoas, aí fora, pensam que você é um milionário. Ora bem: eu acho que teria um certo interesse, você relatar-nos um dia da sua vida: aquilo que faz durante um dia qualquer da sua vida. Você disse que tinha interesses, negócios, era jogador de futebol. Isso deve-o mobilizar muito. Daí, nós gostarmos de saber a forma como gasta o seu dia.

EUSÉBIO — De negócios, eu sou apenas sócio de um «stand» de automóveis e nos dias em que não estou em estágio, vou ao «stand», aprender tudo acerca desse negócio. Ainda sei pouco, de modo que preciso de aprender tudo. Porque penso que, quando acabar como jogador de futebol, irei para ali vender carros no meu «stand», beneficiar dos lucros. Além disso, gosto de estar em casa, ir a um bom cinema com a minha mulher ou ir passear com as minhas filhas (eu tenho duas miúdas). Às vezes vou até ao café conversar com os meus colegas. É assim que eu gasto os meus dias, quando não estou em estágio... Mas, voltando à observação da sua pergunta, ao que dizem sobre o eu ser milionário, devo dizer que (sinceramente) não o sou, nem rico, sequer. Rico sou sim, mas de saúde.

A. B. — Se você deixasse hoje de jogar futebol, tinha futuro garantido?

EUSÉBIO — Não, não tinha. Ainda preciso de ganhar alguma coisa mais com o futebol. Nunca gostei de falar neste assunto mas, já que foi focado, sempre posso adiantar que tenho o suficiente para me aguentar e viver com a minha família com tranquilidade.

A. B. — E, se tivesse ido para fora, acha que estaria em melhores condições?

EUSÉBIO — Estava concerteza. Tinha ganho muito mais dinheiro e hoje, com 30 anos, estava muitíssimo melhor. Não quer isto dizer que no Benfica não esteja bem: estou, porque me pagam pontualmente e últimamente têm sido bastante meus amigos. Mas o Benfica não pode pagar-me, de maneira nenhuma, aquilo que um clube italiano me pagaria.

A. B. — Você sabe que o Pelé (no Santos) tem um contrato especial visando os jogos particulares. Quer dizer: o Santos, sem Pelé, não vale nada em termos contratuais, de modo que o Pelé cobra percentagem extra por cada jogo particular que o Santos faz. Quanto a si: alguma vez propôs ao Benfica um contrato nesse tipo?

EUSÉBIO — Sim, foi há três anos (se não me engano) aquando do problema que surgiu entre mim e o Benfica. Eu pedia «x» e o Benfica não mo queria dar. Então, cheguei a pôr esse problema ao meu clube. Mas aconselhei-me com o meu advogado (o dr. Silva Resende) e depois de uma conversa, chegámos à conclusão que não valia a pena manter uma cláusula desse género. Porque, feitas as contas de um ano, o Benfica faz uns sete ou oito jogos particulares: o que significava muito pouco, quase nada, para o prato da balança. Assim, continuei a pedir o tal «x» e, depois de uma reunião da direcção, a minha proposta foi aceite e ficámos todos satisfeitos. Depois disso não mais houve problemas comigo e o clube. Pouca gente sabe que eu assinei este ano novo contrato com o Benfica. O anterior acabou em Julho (tal como o do Nené e de outros jogadores): um dia, o dr. Borges Coutinho veio falar comigo para a renovação. Eu pedi um «x» de «luvas» e um «x» de ordenado. O dr. Borges Coutinho disse que ia estudar o problema: dois dias depois chegou ao pé de mim e disse-me que estava bem. O Benfica aceitava a minha proposta.

A. B. — Não houve discussão de verbas?

EUSÉBIO — Não, não houve. O dr. Borges Coutinho disse-me que estava tudo certo, que poderia assinar quando quisesse: e eu assinei. Foi o contrato mais fácil que até hoje assinei com o clube.

D. R. — É igual ou superior ao anterior?

EUSÉBIO — É mais ou menos a mesma coisa...

N. S. — Tu, que investes dinheiro em negócios, já foste alguma vez enganado?

EUSÉBIO — Não, nunca fui enganado. Aliás, não tenho muito dinheiro para grandes investimentos. E conto com a experiência de alguns directores do Benfica para me orientarem nos negócios em que entro. Comprei aí umas coisas, estou à espera do dinheiro do novo contrato para comprar mais algumas, mas, tudo sem grandes somas.

N. S. — Eu sei que tu és amigo de ajudar as pessoas. Quando, em estágios, aparece alguém a pedir dinheiro, és tu quem toma a iniciativa de abrir uma subscrição. Perante esta realidade, eu queria-te perguntar uma coisa: as pessoas a quem tu ajudas, sabem reconhecer? Vamos a um caso concreto: tu estás agora a ajudar o Jordão. Ele reconhece essa ajuda?

EUSÉBIO — Sim, ele sabe reconhecer. Todos os dias eu falo com ele, lhe digo o que tem a fazer. Só no último domingo eu me zanguei um pouco com ele. Mas, no fim do jogo, ele veio falar comigo e tudo já passou. Aceitei as suas explicações, porque também já passei pela idade dele.

"Por qualquer camisola que vista eu luto de igual modo"

N. S. — Tu és um rapaz normal, sujeito por isso a sofrer ou a gozar de devaneios que aontecem a todos nós. Ora isso alguma vez te prejudicou profissionalmente?

EUSÉBIO — Isso de devaneios é uma história muito contada e exagerada: eu provo, no campo, que tudo quanto por aí se diz, não corresponde à verdade. É certo que eu gosto de beber um «whisky» ou dois. Às vezes saio com a minha mulher, vamos a uma «boite» dar dois passos de dança e beber um ou outro copo. O que acontece é que, quem me vê nesses lugares públicos, não me vê beber um «whisky» mas sim uma garrafa. E, no outro dia, meia Lisboa já sabe que na véspera eu estive em determinada «boite» e bebi duas garrafas, não fazem isso por menos. Mas eu não sou daqueles que dizem que não bebem bebidas alcoólicas. Bebo, sim senhor: só que com peso e medida. E, um «whisky» ou dois nunca fizeram mal a ninguém...

A. B. — Ainda a propósito do ser ou não milionário: já alguma vez lhe apareceu alguém com qualquer negócio da China, que você tivesse sentido ser apenas um pretexto para extorquir dinheiro?

EUSÉBIO — Não, sinceramente isso nunca me aconteceu.

A. B. — E cartas, dizendo que sua família estava sem dinheiro?

EUSÉBIO — Bem, isso tem acontecido muitas vezes. Como sabe, eu tenho a minha mãe em Moçambique e já lhe pedi inúmeras vezes para vir viver comigo. Isto, antes e depois de casar. Quando a minha mulher

"Quando deixar de jogar serei treinador"

"Este terceiro golo ao Sporting foi um dos melhores da minha vida"

"Já não existe o campo onde comecei"

Neves de Sousa e Eusébio

"Tenho um nome e uma posição para defender"

Eusébio, Daniel Reis, Armindo Blanco e Orlando Dias Agudo

"Jazz, filmes policiais, Heston e Sofia Loren"

ficou grávida, eu pedi-lhe para vir para cá. Mas ela gosta daquilo e não quer vir. Só naquelas circunstâncias ela acedeu em vir durante um ano. Veio, e não se aguentou em Lisboa mais do que um mês. Um mês e dois dias. E lá foi, para uma casinha que eu lhe comprei. Depois disso já lhe pedi para sair dali, para ir viver noutra casa que lá tenho (e está agora alugada) mas ela não quer. Que ali é que está bem: e dali não quer sair... Que aquele é que é o seu bairro: e é ali que conhece toda a gente. Mas, mesmo assim, recebo muitas cartas a dizer que a minha mãe está aflita, que precisa de dinheiro, etc. Essas pessoas julgam que, procedendo assim, eu pego em dinheiro ou num cheque e lhes mando. Não, quando essas cartas me chegam às mãos, eu sei que o que dizem não corresponde à verdade, pois quando a minha mãe está realmente com dificuldades telefona-me e pronto. Fica com todos os problemas resolvidos.

D. A. — Eusébio: estou particularmente interessado em continuar a olhar para o outro lado da vedeta. Portanto, um homem normal que tem vícios, qualidades e defeitos. Já nos disse que bebia de vez em quando o seu copo de «whisky». Mas, não fuma, pois não?

EUSÉBIO — Não, não fumo.

D. A. — Discos, cinema, teatro: qual a música que prefere ouvir?

EUSÉBIO — Eu gosto de todas as músicas, desde que sejam boas. Mas, de entre todas, eu prefiro o «jazz». Tenho muitos discos de «jazz», pois em todas as viagens compro vários.

D. A. — Qual o intérprete mais tocado lá em casa?

EUSÉBIO — Eu tenho uma particularidade: é por fazes que oiço musica. Se hoje me apetece ouvir um intérprete, já sei que durante uma semana ele é convidado lá de casa. Depois vem outro: e, noutra semana, um terceiro. Acontece isso com Ray Charles, Ottis Reding, os Beatles, e toda a gama da minha preferência.

D. A. — Cinema: que género de cinema? Drama, comédia, farsa...

EUSÉBIO — Prefiro os «policiais».

D. A. — De algum realizador em especial, com vedetas especiais?

EUSÉBIO — Desde que o filme seja bem contado, eu gosto. Portanto, tenho «fé» nos realizadores mais conhecidos. Quanto a interpretes: Charlton Heston, Paul Newman, Sofia Loren, Elizabeth Taylor...

D. A. — Teatro...

EUSÉBIO — Gosto muito de ver revista...

C. B. — O Eusébio falou-nos há pouco de África. Sobre isso, eu gostaria de lhe fazer uma pergunta: ainda lá conserva os seus amigos de infância?

EUSÉBIO — Conservo sim senhor: ainda recentemente estive lá a passar os 16 dias de férias e conversei muito com os meus amigos de há muitos anos. Passeámos («batemos um papo», como dizem os brasileiros) comemos a nossa comida, etc. Já não existe o campo onde comecei a jogar, pois nesse local já nasceram casas. Há agora um campo mais pequeno, para os miúdos brincarem. Mas, os meus amigos de ontem continuam a ser os meus amigos de hoje.

C. B. — E o que é que eles fazem?

EUSÉBIO — Trabalham, cada qual na sua profissão. Mecânicos, serralheiros, torneiros, etc. Há alguns nos caminhos-de-ferro, outros em oficinas de automóveis. Enfim: profissões dispersas, mas todas dentro deste campo.

N. S. — Nesta sequência, cabe aqui esta pergunta: se não tens vingado no futebol, tu estavas destinado a ser o quê?

EUSÉBIO — Pois eu estava destinado a ser futebolista. É o que sei fazer, e era essa a minha profissão. Ainda andei com o meu irmão a aprender para mecânico, mas não gostava: nunca seria um razoável mecânico...

J. C. — Eu gostaria de saber que influência teve (ou tem ainda) a missão do jornalista desportivo na tua carreira?

EUSÉBIO — Acho que devo muito da minha fama ao jornalista desportivo português. Foi ele que me lançou no plano nacional, que é o trampolim para o internacional.

A. B. — Você lê as críticas à sua actuação?

EUSÉBIO — Sim, leio quase sempre. Principalmente quando jogo regularmente ou mal. Quando jogo bem, não tenho tanto interesse. Já sei (mais ou menos) o que dizem...

J. C. — Insistindo: tens alguma razão de queixa de algum jornalista?

EUSÉBIO — Tenho razão de queixa de um apenas: o sr. Couto e Santos que, conforme já referi numa entrevista a este mesmo jornal, foi o único que não concordou com o montante do meu pedido, aquando do problema da renovação do contrato há três anos. Depois disso, no entanto, já conversámos: e tudo ficou esclarecido. Portanto, será uma razão de queixa muito relativa.

N. S. — Falaste do problema surgido com o Benfica há três anos. Isso porprociona agora falarmos de um caso chamado Peres (que está em litígio com o Sporting), tanto mais que tu és dirigente sindical. Que te parece: o Peres poderá considerar-se um jogador desempregado, ou como é que o problema está a ser encarado pelo Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol?

EUSÉBIO — Fundamentalmente, esse é um problema entre o Peres e o Sporting. Naturalmente que o Sindicato irá tratar desse caso, como certamente irá tratar de outros que aguardam vez. Ele está sem ganhar, porque jogador e clube não acertaram verbas. Não sou pessoa indicada para falar desse caso a nível sindical: mas, sempre posso dizer que tudo quanto pudermos fazer por ele, será feito.

N. S. — O aspecto preponderante do caso Peres, é a chamada «lei da opção»...

EUSÉBIO — Sim, e é essa lei que estamos a tentar modificar.

C. B. — Chegou finalmente a ocasião de eu propor um tema para o Eusébio desenvolver. Temos estado a falar de uma minoria: o seu caso, o do Peres, e nada mais. Em qualquer dos casos, jogadores que (aparentemente) têm ou tiveram problemas com a entidade patronal, quanto ao pagamento dos serviços prestados. Mas a maioria aqueles jogadores que defendem, talvez com o mesmo calor com que você luta por qualquer camisola, a camisola de um clube mais modesto. Que não poderá (eventualmente, até) pagar os ordenados aos seus jogadores. Será que o Sindicato está a tratar de redigir um regulamento que estabeleça ordenados mínimos, por exemplo?

EUSÉBIO — Tanto quanto sei, a primeira finalidade do Sindicato é ajudar e defender os interesses dos profissionais de futebol. Até está para muito breve a publicação de um comunicado que aborda esse assunto.

D. A. — Uma pergunta que exige resposta rápida: doze anos como profissional de futebol e o contacto com os melhores treinadores do mundo. De todos, qual o melhor?

EUSÉBIO — Achei todos muito bons, mas há sempre um ou dois que nos ferem a sensibilidade: pelo trato, maneira de actuar, etc. Para mim, o melhor técnico que já conheci, foi, indiscutivelmente, Fernando Riera.

J. C. — Eusébio: falámos contigo abertamente e estou certo que também tu falaste com o coração nas mãos. Conforme é hábito, acrescente-se. Acontece, porém, que alguns dos teus colegas têm de pedir autorização à direcção dos seus clubes para concederem entrevistas. Achas isso justo?

EUSÉBIO — Acho que não. Cada um é livre de dar as entrevistas que quiser, sem sujeitar a sua vontade a quem quer que seja. Sou, abertamente, pela liberdade de expressão do jogador de futebol.

LUÍS CARLOS: "EU FUI PELÉ"

Há cerca de dez anos, quando o Brasil se apoderou do seu segundo campeonato mundial, a fama de Pelé já não cabia nas páginas dos jornais: era chegado o momento de registar na tela a vida do mais fenomenal futebolista de todas as gerações. Aberto concurso para o preenchimento do papel de Pelé-adolescente, logo surgiram mais de 2000 candidatos para o lugar que seria penas de um: e que daria vida ao existir pobre, aos sonhos, às desilusões, ao despertar à meteórica afirmação de génio do moço Pelé, senão outro menino do mesmo nascer triste, da mesma cor de pele da mesma humildade, do mesmo «tu cá, tu lá» com a bola que Edson Arantes do Nascimento? Ninguém melhor que o crioulo do bavrro de Vkla Pompeia: Luís Carlos de Freitas hoje português como nós e ídolo dos adeptos do clube Belenenses.

Texto de ALEXANDRE PAIS

Fotos: JOSÉ TAVARES

A FAVELA

«Estou sempre alegre mesmo quando as coisas não estão correndo bem. Eles (os sócios da popular colectividade do Restelo) **me retribuem a mesma alegria que eu dou para eles.»**

Simples, procurando vincar sempre o seu despretenciosismo, Luis Carlos fala-nos hoje do que tem sido a sua luta pela vida. Talvez seja a primeira reportagem sobre o moço de São Paulo, em que o futebol vai surgir num plano secundário. Ou será que esta entrevista seria possível sem o futebol?

«Era bem pobre, quase uma favela a parte do bairro onde eu nasci em 17 de Agosto de 1946. Sou de origem humilde, bem humilde mesmo. A minha mãe que faleceu há nove anos, lavava roupa para outras pessoas: e o meu pai é pedreiro. Somos seis irmãos: três homens (José Dorval e Luis Carlos) e três mulheres (Aparecida, Vera e Mafalda). De todos fui eu que tive mais sorte. Tenho comigo a minha irmã mais nova, enquanto outra se casou e outra se estabeleceu com um cabeleireiro. Os meus irmãos (jogaram futebol mas deram pouco), o meu pai e até alguns sobrinhos (tenho cinco: Claudio, Síilvia, Luis Carlos, Rita e Neusa) trabalham num negocinho de construção civil, onde eu tenho empatado quase todo o dinheiro que ganhei no futebol».

A QUÍMICA

Longo e difícil foi o caminho percorrido ate ao negocinho das vivendas:

– Fiz os quatro anos do curso primário na escola municipal (aos 11 anos) e depois fui trabalhar para o escritório do arquitecto Joaquim Guedes como paquete. Comeceiacontactarcom intelectuais que me fizeram sentir o gosto pelo estudo. Voltei a pegar nos livros mas não deixei de trabalhar: como ia estudar sem comer? Aos 15 anos por causa do filme assinei com o Palmeiras o meu primeiro contrato: que, além duma determinada quantia, me assegurava o pagamento dos estudos. Só aí deixei o escritório. Acabei pouco depois os quatro anos do «ginasial» e prossegui por mais três até me especializar em Química Industrial. Mas a vida no futebol corria bem, continuei e hoje salvo qualquer imprevisto, o curso deve ficar sem aplicação. Os meus irmãos menos felizes, não passaram das instruções mínimas.

O CINEMA

«Rei Pelé» se chamou o filme sobre a vida do grande jogador. Como surgiu Luís Carlos metido nesses trabalhos?

Devo confessar que contei com o «empurrão» de um jornalista que trabalhava no mesmo escritório: ele «jogou» em mim e isso ajudou muito.

Frente a frente com a câmara:

Eu tinha alguma facilidade em representar e era fisicamente parecido com Pelé. Trabalhei diáriamente durante três meses e em setenta por cento do filme eu sou Pelé: representei a sua vida doméstica, a sua saída de casa, os seus primeiros contactos profissionais. A princípio tive dificuldades: mas o director Carlos Hugo Christensen era muito bom, uma pessoa muito inteligente e orientou-me bastante bem. Deixou-me á vontade: «faça o que sente que deve fazer.» E isso não era difícil: os meus sonhos e os meus problemas de garoto eram idênticos aos de Pelé. Ambos éramos pobres e havíamos dado os primeiros passos no futebol de forma semelhante: pé descalço e bola de trapo, clube popular e um dia (talvez) a multidão aplaudindo a boa jogada ou o golo bonito. O certo é que ganhei 400 escudos na moeda de cá, o que para aquele tempo era dinheiro bom. E, por causa do filme o Palmeiras teve que fazer contrato comigo: o Santos já me estava namorando.

O FALHANÇO

Vivendo a história do ídolo maior da gente brasileira, o pequeno crioulo iniciou a carreira que o havia de trazer a Portugal. Hoje jogador feito, como vê Luís Carlos a realidade dos seus sonhos de adolescente?

— Agora, sinto que falhei. Por um lado atingi o ponto máximo: joguei em bons clubes em grandes equipas, fui «artilheiro» de campeonatos. Por outro não cheguei á selecção principal brasileira. Alinhei apenas na de «esperanças». Esqueci os conselhos de pessoas mais velhas. Não entrei naquele caminho que conduz á selecção. Há muito «cara» no Brasil que joga fraquinho e vai no escrete. A mim faltou-me determinado apoio, já que como futebolista cheguei ao cimo: não poderia evoluir mais. Para além do tal «caminho» eu prejudiquei-me muito por ser um jogador muito nervoso, muito indisciplinado: fui tantas vezes expulso que lhes perdi a conta.

E Pelé, não deu uma ajudazinha?

«Não devo nada ao Pelé. Joguei quase três anos junto dele e nunca recebi qualquer apoio. Ele é tão humilde que não se julga pessoa para dar conselhos. Nesse tempo, Pelé parecia ter vergonha de ser o «rei». Hoje ele mudou: tem mais responsabilidades. Todo o mundo muda: também eu já não sou o mesmo. Só numa coisa Pelé não mudou: ele mantém- fiel aos amigos de há dez anos. A esses ele não esquece.

O AMOR

«Conheci a minha mulher através de uma das minhas irmãs. Trabalhavam as duas no mesmo cabeleireiro. Moça modesta, bem a meu gosto. Não estou arrependido do passo que dei. Temos três filhos: a Mara (de 8 anos), o Luis Carlos Júnior (de 5) e o Luis Cláudio (que nasceu luso há sete meses). Os dois mais velhos estão no Colégio Gil Eanes, em Algés.

Júnior, o primogénito: futuro «craque»?

«Eu me sinto frustrado quando ele diz que não gosta de futebol. Se tiver capacidade para ser um bom estudante, sempre ficarei mais conformado. De qualquer maneira, gostava que ele fizesse as duas coisas. Assim,não posso evitar de me sentir frustrado.

E a mana mais nova: porque veio para Portugal?

«A minha mulher estava grávida e já tinhamos dois miúdos. Fazia falta quem ajudasse: então ela veio. O trabalho de casa é muito e habituámo-nos ainda no Brasil a não ter criada. Gostamos de nos bastar a nós próprios.

O futebolista do Belenenses mudou-se de Algés para Alfragide há poucos dias ainda. Ele próprio está a construir parte do seu futuro mobiliário:

Não é uma questão de economia. Procuro apenas ocupar os meus tempos livres. Aliás, se fosse por necessidade, não tinha vergonha alguma de o dizer. Quando morava em Algés e acabava o gás, vinha á rua punha a bilha ás costas e lá ia eu. Havia quem me gozasse por isso mas não percebo porque razão hei-de ter de fingir presunção se não sou presumido: porque motivo hei-de «bancar» o fidalgo se meu pai é pedreiro. Sou um homem modesto e dessa modestia dou graças a Deus.

A RELIGIÃO

Luís Carlos: religioso ou ateu?

— Sou católico, mas dificilmente vou à igreja. Limito-me a ficar no meu cantinho, vendo as coisas à minha maneira. De supersticioso não tenho nada.

Superstição: a macumba.

— Os jogadores pobres e negros do Brasil são muito afectados pela macumba. Em minha casa eram todos supersticiosos mas, felizmente, eu tive quem me abrisse os olhos. Se macumba ganhasse jogos, na Baía o campeonato terminava empatado: todos os clubes «jogam» na macumba. Eu não acredito nela. Mas não falo à toa quando digo que tenho tido sempre sorte....

A PELE

Luís: Você é racista?

— Eu tive problema quando era adolescente e um dia não me deixaram entrar num clube em que todos os jogadores eram brancos. Esse difícil momento acabou por ser contornado por pessoas experientes: que me orientaram e me mostraram as coisas reais e verdadeiras.

E esse episódio não deixou marca?

Continua na página seguinte

Restelo: local de um trabalho de todos os dias. No fim, o regresso ao lar dum inverterado homem de família. Assim se vence o caminho do futuro sem medo

COMEÇO IGUAL: PÉ DESCALÇO E BOLA DE TRAPO

Luís Carlos Júnior e Luís Cláudio: assegurada a continuidade

Continuação da página anterior

— De certa forma deixou, porque a gente está sempre na expectativa de que aquilo possa acontecer de novo. Se você não perguntasse eu não falava, não recordava esse assunto. Não voltei a ter problema. Sou um idealista: acho que o futuro do mundo está na união e no entendimento de todas as raças e de todos os credos.

O ROMÃO

Voltemos um pouco atrás: como se deu a passagem da bola de trapo à de couro?

— Foi quando joguei num clube popular, de um colégio de padres. Aí calcei botas a valer e daí fui para o futebol oficial. O sacristão era um grande torcedor do Palmeiras e o padre Romão (que era um sujeito de muita influência) foi ter com o treinador desse clube (seu antigo aluno) e disse: «trago aqui um jogador para você botar a jogar». E fiquei.

Já que falamos de futebol continuemos nele. Pelé e Eusébio: a realidade.

— Cada um tem o seu estilo e são ambos geniais. Para mim, o melhor do mundo é o Pelé. Num aspecto, porém, Eusébio o supera: na força do remate. Devo no entanto dizer que levei anos vendo jogar o Pelé. Não posso ter uma ideia tão firme sobre o Eusébio.

Gonzalito e Luís Carlos: o desportivismo.

— Eu tenho mais idade, mais cinco anos que ele. E estou a ser sincero quando digo que o Gonzalez, se não houver nenhum azar, pode vir a atingir plano bastante mais elevado do que eu.

O PÃO

Encontrando-se, no que pode vir a constituir o ponto mais alto da sua carreira, considerar-se Luís Carlos um jogador bem pago?

— No Belenenses, o clube me paga de acordo com o que eu dou por ele. Sou um profissional autêntico.

Depois desta conversa, parece-nos pertinente que se faça ao luso-brasileiro de S. Paulo a perguntinha que costuma proporcionar resposta de conteúdo rotineiro: seria capaz de, uma vez abandonado o futebol, continuar a residir em Portugal?

— Porque não? A nossa terra é o lugar onde nós estamos, onde está a nossa família, onde a gente ganha o pão que está comendo.

Esta resposta define bem o carácter de Luís Carlos: leal, simples, trabalhador, amigo do seu amigo. Aesposa não foi ao cabeleireiro e os filhos não vestiram o melhor fato para a visita do fotógrafo. Luís Carlos não escondeu o martelo e os pregos dos olhos do repórter. A verdade ficou acima à consideração do leitor. O ídolo Pelé e o homem Edson do Nascimento correram meio mundo na pele de Luís Carlos de Freitas: menos ídolo mas homem igual ao génio de Três Corações. E um só coração basta ao moço de Vila Pompeia para entrar como uma seta no coração da gente que (como ele) ganha o pão que está comendo.

família Freitas junta em Alfragide: nos olhos, a saudade do Brasil

METROPOLITANO DE LISBOA
S. A. R. L.

ADIMISSÕES DE FACTORES/ /CONDUTORES

Visa-se a preparação de condutores (automotoristas), com passagem transitória por factores.

Os candidatos devem ter satisfeito as obrigações do serviço militar, ter entre 23 e 32 anos de idade e ter conhecimentos de electricidade ou mecânica ou carta de condução de transportes públicos ou pesados, constituindo condições de preferência o possuirem habilitações de escolas industriais.

Bom ordenado; prémio de trabalho; 13.° e 14.° meses; outros benefícios.

As inscrições devem efectuar-se na Avenida Fontes Pereira de Melo, 28.

EMPRESA EM MOÇAMBIQUE

Com instalações agro-industriais e pecuárias próximo da Beira

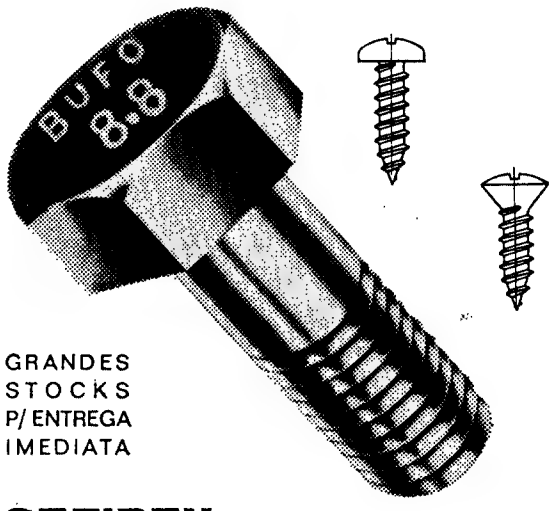
ADMITE

Electricistas-Montadores (oficiais)
Mecânicos (oficiais)
Auxiliares de Laboratório
Diplomados pelas Escolas Industriais
Agentes Rurais
Diplomados pelas Escolas Práticas de Agricutura.

Concede habitação, assistência médica, subsídios, férias, na Metrópole.

Respostas manuscritas indicando classificações curso, idade, estado, actividades profissionais exercidas e outros elementos de qualificação.

Resposta ao n.° 185, Rua Nova do Almada, 68.



GRANDES
STOCKS
P/ ENTREGA
IMEDIATA

SEFIREX
RUA VOZ DO OPERÁRIO, 64 - 1.° • LISBOA
TELEFONE 86 76 39

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

NEW YORK, BALTIMORE e NORFOLK

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

GALEONA

em 23/24 do corrente

Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.°
Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV
LISBOA-2

TORM LINES

para:

NEW YORK, PHILADELPHIA,
BALTIMORE, NORFOLK,
CHARLESTON E SAVANNAH

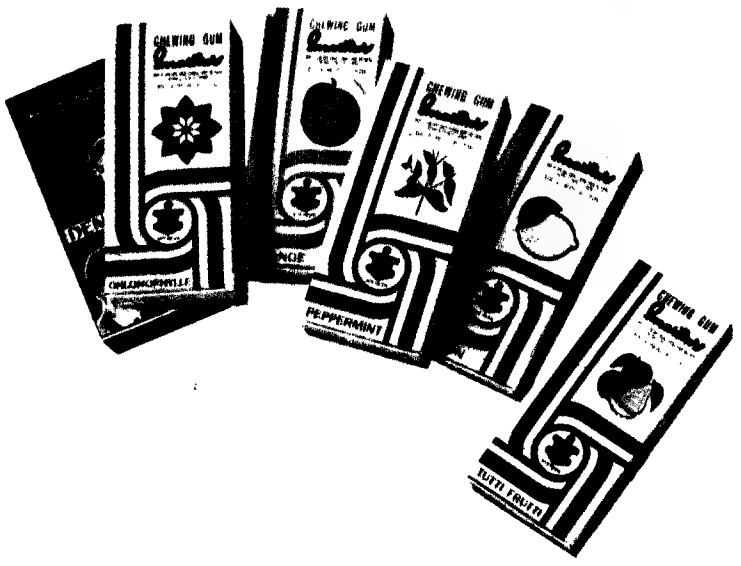
n/m. «GUNHILD TORM» em 28 do crte.

OS AGENTES GERAIS:
SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
Praça Duque da Terceira, 4 — Telef. 366056/362266/369346

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.

um chewing gum martin's é isto

veja, fotografamos para você
toda a frescura de martin's.
foi fácil.
só carregar no botão
é que martin's tem o
sabor da natureza



Martin's

METROPOLITANO DE LISBOA
S. A. R. L.

ADMISSÃO DE SERRALHEIROS-MECÂNICOS, DE ELECTRICISTAS E DE TORNEIROS

Os interessados deverão ter satisfeito as obrigações do serviço militar, não ter mais de 35 anos de idade, constituindo condições de preferência o possuirem habilitações de escolas industriais.

Bom ordenado; prémio de trabalho; 13.º e 14.º meses, outros benefícios.

As inscrições deverão efectuar-se no edifício das Oficinas Gerais em Sete Rios, onde se prestam todos os esclarecimentos.

METROPOLITANO DE LISBOA
S. A. R. L.

ADMISSÃO DE AUXILIARES (SERVENTES)

Os candidatos devem ter satisfeito as obrigações do serviço militar e ter como habilitações literárias mínimas o 2.º Grau de Instrução Primária, constituindo motivo de preferência, visando eventual promoção profissional futura, a prática de actividades relacionadas com a mecânica ou a electricidade.

Bom ordenado; prémio de trabalho; 13.º e 14.º meses; outros benefícios.

As inscrições devem efectuar-se no edifício das Oficinas Gerais em Sete Rios, onde se prestam todos os esclarecimentos.

REPRESENTAÇÕES

FIRMA DE GRANDE PROJECÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL, HÁ LONGOS ANOS ESTABELECIDA, POSSUINDO UMA VASTA E FORTE REDE INTERNACIONAL, ACEITARIA REPRESENTAÇÕES DE PRODUTOS DESTINADOS A SEREM COMERCIALIZADOS NO ESTRANGEIRO.

PARA UM PRIMEIRO CONTACTO AGRADECEMOS A VOSSA RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 645.

DINHEIRO
EMPRESTA-SE
SOBRE PROPRIEDADES
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
RUA DO OURO 292 1.º (Esquina com o Rossio)
TELEFS. 369384 5 6

DL/DOMINICAL — DESPORTOS

MEDEIROS: UM HOMEM NÃO FALA POR FALAR

A posição actual do União de Tomar (sexto com seis pontos: os mesmos do terceiro) deve-se a três vitórias em casa (União de Coimbra-1/0, Barreirense-3-1 e Vitória de Setúbal-1/0) e duas derrotas fora (Sporting-0/4 e Belenenses-0/2). O facto pode não ser à primeira vista, digno de grande realce, já que para as equipas teòricamente do meio da tabela ganhar em casa e perder fora terá de ser a base para o trabalho anual. Simplesmente, uma das vitórias em casa foi contra o Vitória de Setúbal, em jogo onde os dois adversários praticaram futebol de bom recorte técnico e em que os tomarenses justificaram, o triunfo em absoluto, pese, embora, a categoria do seu opositor. As duas derrotas fora aconteceram no Restelo e em Alvalade, campos igualmente quase tabus para outros que não sejam os «grandes».

Daí que a classificação dos homens de António Medeiros mereça, para já e até confirmação ou desmentido posterior, um aceno de simpatia e uma paragem para a comentar.

Neste caso, ninguém melhor do que o treinador pode analisar o que tem sido este suceder de cinco emotivos jogos e lançar uma olhadela para o futuro, ciente dos valores que tem, dos adversários que lhe fazem sombra e das potencialidades do seu grupo. Portanto, a palavra para Medeiros que começa por contar a história do campeonato até aqui disputado, com particular incidência sobre as derrotas ante o Belenenses e o Sporting:

— **O União de Tomar é uma equipa que neste momento se encontra num caminho totalmente diferente dos que tem trilhado até aqui. A diferença fundamental diz respeito às aspirações da equipa. Debaixo do meu comando, o União de Tomar passou a ter aspirações e pretensões até aqui insuspeitadas: alicerçadas no valor dos seus jogadores e nos meus processos de trabalho, gradualmente aplicados através dos dias. Ainda não atingimos o que queremos, mas estamos no bom caminho e o União de Tomar caminha a passos largos para os seus objectivos. Até aqui, estamos plenamente dentro do programa e podíamos até estar um pouco mais à frente na classificação.**

— As derrotas em Alvalade e no Restelo estavam no programa?

— **De maneira nenhuma: e foram apenas acidentes. Contra o Sporting, o acidente aconteceu nos dois golos de rajada, o que nos trouxe dificuldades de recuperação. Contra o Belenenses, jogamos para marcar e não sofrer golos: mas a sorte do jogo deu ao contrário. Simplesmente, tanto uma derrota como a outra não desmoralizaram os meus rapazes, que têm a noção perfeita das realidades. Temos valor para vencer qualquer equipa, seja em que campo for: mas, também estamos preparados para receber as derrotas com naturalidade, pois como todas as grandes equipas mundiais, o União de Tomar não pode só ganhar. Isso é impossível: e, até aqui ainda não perdemos jogo nenhum em que o adversário nos tenha convencido da sua superioridade.**

— O facto de ganhar em casa todos os jogos, mas perder fora, quer dizer que a equipa joga melhor em casa? E que a força do União reside no ataque?

— **Contràriamente ao que possa pensar-se, o nosso mais difícil adversário (até este momento) foi o Vitória de Setúbal. Logo, não é por a equipa jogar melhor em casa que as derrotas fora aconteceram. Devem-se (sim) a acidentes e à evolução normal do União de Tomar. A preparação da equipa (neste momento) já permite fluência futebolística para ganhar a um adversário de tamanha categoria: o que nos faltou contra o Belenenses e o Sporting.**

A CAMINHO DA EUROPA

Pretendemos reproduzir neste trabalho apenas e só o ponto de vista do técnico do União de Tomar sobre a sua equipa: e, por isso, limitemo-nos a transcrever a conversa com ele mantida e a reproduzir com fidelidade o que nos confiou. Claro que não nos adianta dizer agora se concordamos ou não com algumas das suas afirmações; claro que não é altura de discutir, as possibilidades do União de Tomar, ou pôr em dúvida as qualificações atribuidas pelo técnico (dentro do seu papel, de moralizar e robustecer psicológicamente os seus comandados) aos futebolistas do quadro tomarense. Nessa ordem de ideias, vai transcrito o que Medeiros disse sobre as três vitórias da sua equipa e sobre o futuro do União de Tomar no campeonato, onde (diz-nos) está a traçar o caminho para a Europa:

— **Contra o União de Coimbra, ganhámos quase ao findarem os noventa minutos, porque os meus jogadores actuaram com uma certa displicência, pois pouco se sabia do União além de que vinha de segunda divisão e não tinha um grande passado futebolístico. Em contrapartida, a vitória clara sobre o Barreirense obteve-se à custa de uma boa exibição, pois além de mais rotinado, o nosso «team», utilizou outra determinação. Sabia-se que o adversário era nosso igual nas lutas semanais do campeonato da I Divisão. Foi, até relativamente fácil construir o resultado. Com o Vitória de Setúbal, ganhou o mais feliz. Ambas as equipas praticaram um futebol excepcional (verdade se diga que o melhor foi o do União de Tomar) mas tivemos aquele mínimo de sorte necessário, que faltou nas duas derrotas. Para mim o Vitória de Setúbal continua a ser segunda melhor equipa portuguesa.**

— A primeira é o União de Tomar?

«Durante oito anos estudei para frade: por isso eu sei compreender tão bem os homens»

— **A primeira é o Benfica, como resulta evidente do «plantel» de que o seu técnico dispõe.**

— Atendendo a tudo o que já viu sobre as outras equipas e ao que conhece dos seus jogadores, até onde poderá chegar o União de Tomar?

— **O União de Tomar, se teve recursos para ganhar ao Vitória de Setúbal, pode ir muito longe. Dentro de um màximo de três ou quatro jornadas estaremos em plena forma e então verse-ão concretizadas as aspirações que desde o princípio nos animam e que, apesar de ainda não atingirmos o nosso melhor, se mantêm intactas. O que (objectivamente) pretendemos é um lugar que dê acesso a qualquer das provas europeias.**

— Não haverá um bocado de temeridade nesses planos, como aliás se acreditou já, em relação às suas arrojadas afirmações de início de época?

— **Não há temeridade agora, como não houve no início da época. Quando fiz essas afirmações já sabia com o que contava. O único problema, ao princípio, era saber se os jogadores seriam receptivos às minhas ideias. Agora já nem esse problema existe, pois confirmo, dia a dia que cada jogador perfilha totalmente as minhas ideias. O «plantel» (neste momento) é suficiente para qualquer equipa. Temos 20 jogadores, qualquer deles apto a jogar na primeira categoria: o que não quer dizer que amanhã não haja uma avalanche de lesões e baixas de forma, que nos crie problemas. Mas, se isso não acontecer, o União de Tomar será uma das equipas mais respeitadas neste campeonato.**

OBJECTIVO: DOIS PONTOS NOS DOIS JOGOS SEGUINTES

— Medeiros: vocês perderam os dois jogos fora e, a seguir, voltam a jogar fora, dois domingos seguidos. Não receia perder nas Antas e na Cuf, e deitar abaixo todo esse optimismo?

João Carlos: «capitão» do União de Tomar dá as boas vindas a um estreante (Caetano) que é produto das escolas do clube nabantino. Cardoso é testemunha

Medeiros: «jogadores do União são super-craques»

— O União de Tomar é uma equipa que paga bastante bem aos seus jogadores e todos eles se encontram a receber a tempo e horas tudo aquilo a que têm direito. Por detrás de tudo, a direcção tem dado (e continua a dar) um apoio total no nosso trabalho, assim como a massa associativa, que é verdadeiramente apaixonada pelo seu clube. Assim, tudo se torna fácil

OS SEIS BEBÉS DE MATOSINHOS

Medeiros é filho de uma família que vive bem (o pai é dispenseiro de bordo em navios de longo curso) e começou por jogar futebol no Belenenses, continuando no Marinhense e no Leixões. A sua carreira, como treinador, iniciou-se vai para dez anos e já passou por peripécias em que o óptimo se alternou com a controvérsia e o despedimento. Por razões e nas circunstâncias que aponta:

— Estive quatro anos no Lamas. Primeiro, na II Divisão, durante dois anos. Saí de lá: no ano seguinte, a equipa baixou à III. Voltei, para mais dois anos de trabalho e para trazer a equipa de regresso à II Divisão, o que consegui. No Salgueiros, permaneci dois anos. No primeiro, fomos segundos no campeonato. No segundo, a equipa estava a frente da classificação quando saí por desinteligências internas. No Beira-Mar, também deixei o clube nos primeiros lugares, mas devido a afirmações minhas fui coagido a sair. Por fim, trabalhei no Leixões e no Tirsense, duas experiências interessantes e completamente diferentes entre si.

— No Leixões, você não foi muito bem aceite. Porquê?

— Por razões várias: a principal das quais é eu ser natural de Leça da Palmeira e residir em Matosinhos. O valor que mereço nunca me foi dado na sua devida dimensão, para além de muitas outras coisas que a seu tempo serão ditas. De qualquer modo, fizemos um campeonato maravilhoso e foi o trabalho mais importante da minha vida. Tive de fazer uma equipa recorrendo a seis juniores de que hoje se fala e que não são produto do trabalho deste e daquele: mas que fui eu a lançar, sofrendo as consequências. Nesse ano saltaram para a primeira equipa Tibi, Vaqueiro, Eliseu, Cacheira, Fernando, Teixeira e Vítor. Outros, depois de mim, receberam a fama, mas fui eu que fiz deles jogadores de I Divisão. No Tirsense, encontrei homens maravilhosos entre jogadores, público e direcção: o apoio que me deram foi incondicional, mas milagres, em futebol, são impossíveis. As razões que levaram a equipa à ruina foram as idas de Luis Pereira para o Ultramar e do Albano e Chico Gordo para a tropa. Fiquei completamente impossibilitado, por falta de valores que os substituissem. Tive que os utilizar domingo a domingo, sem treinas: e, mesmo assim, eram os melhores da equipa. Não era, na verdade, possível fazer mais. O que se fez já foi muito.

— Acredita que, em Tomar, atingirá a plenitude como treinador, dado o «plantel» de que dispõe e o apoio monetário da cidade?

— Por tudo isto julgo que poderemos atingir objectivos até aqui nem sonhados. Mas também fui acumulando experiências, que hoje me é muito útil. O facto de ter andado oito anos nos Franciscanos, a estudar para frade, ajuda-me imenso na profissão que sigo sem hesitar: treinador de futebol. Talvez por isso eu saiba compreender tão bem os homens e saiba enfrentar com optimismo os derrotistas que nos rodeiam.

DANIEL REIS

— Antes do campeonato tinha dito aos jogadores que, para conquistarmos o acesso a uma prova europeia, era necessário ganhar quatro pontos nos jogos contra o Belenenses, Vitória de Setúbal, Porto, e Cuf. Já ganhámos dois pontos. Faltam dois jogos e é precisa a mesma média de produção. As coisas estão, por isso, bastante facilitadas. pois parece-me possível conquistar não só dois como quatro. Em consciência, penso, mesmo que já os vou buscar às Antas, no próximo domingo (hoje). Mas, se isso não acontecer, não há problemas, pois temos mais outro jogo.

— Já viu o F. C. do Porto, este ano?

— Vi contra o Barreirense e em Setúbal.

— Que ideia lhe ficou do potencial dos seus próximos adversários?

— A minha ideia sobre o F. C. do Porto é esta: se não jogar bastante mais do que contra estes (Barreirense e Vitória) não tem quaisquer hipóteses de vencer a minha equipa. Não encontrei nos portistas futebol suficiente para contrariar a portentosa classe dos jogadores que formam a equipa do União de Tomar.

— Qual é o seu programa semanal de treinos?

— Começamos à terça com uma prelecção, em que se comenta o jogo anterior e se analisa o que pode vir a ser o jogo futuro. Depois temos treino de preparação física (no estádio, no ginásio ou no pinhal), banhos e massagens. Quarta-feira há duas sessões: de manhã, preparação física no campo e no ginásio, e treino de conjunto da parte da tarde. Quinta, às 15 horas, treino de conjunto com a reserva. Sexta, de manhã, física; e, de tarde, exercícios de desentorpecimento muscular, jogos recreativos, prelecção, banhos e massagens. No sábado, às 10 horas, preparação física.

— Quanto a estágios...

— ... Nunca fazemos estágios. Os jogadores reunem-se para almoçar no domingo, quando jogamos em casa. Se vamos jogar a outra cidade, reunimo-nos de manhã, e almoçamos pelo caminho. Procedo assim porque a noção básica para qualquer profissional deve ser a responsabilidade. Cada jogador que preencha uma posição nas minhas equipas é responsável e suficientemente conscienciali-zado para não prejudicar com o seu comportamento todos os demais. Logo, não se justificam estágios. Até aqui tudo correu excepcionalmente bem e não me arrependi de assim proceder. O próprio programa das partidas é elaborado de comum acordo. Por exemplo: para o jogo com o Porto, partimos do Entroncamento às dez da manhã, almoçamos no «foguete» e chegamos ao campo cerca de uma hora antes do jogo. Na cabine, há meia hora de música, música pop, música alegre. Só depois os jogadores assistem às recomendações e se preparam para entrar no relvado.

— Não há o risco de os jogadores se fatigarem com a viagem a poucas horas do jogo?

— Neste momento, os jogadores estão saudáveis e não têm acusado quaisquer efeitos nocivos. Mais tarde, não sei: mas, para já, vai tudo bem. E, bem vê, a viagem é quase toda passada à mesa.

TREINAR ORIUNDOS BEM PAGOS

— Não lhe tem sido especialmente difícil formar um grupo homogéneo com os jogadores do União de Tomar, oriundos das mais diversas procedências e que raramente jogaram juntos?

— Seja em que circunstância for, orientar homens não é fácil. Neste caso particular, pelo menos e até ao momento, todos têm aceite o que lhes é determinado: e todos se têm mostrado de uma receptividade invulgar, quer a programa de treinos, quer ao programa disciplinar. Essa é uma das razões básicas para estarmos à vontade: eu com os jogadores e os jogadores comigo.

— O apoio da direcção do clube. é suficiente para garantir um futuro igualmente optimista?

Época nova, ginástica velha

Outubro: Começo da planificação da maioria das actividades desportivas com vista a mais uma época de trabalho.

Ginástica: base de todos os desportos, merece os cuidados de grande parte dos dirigentes dos Clubes, atentos ao movimento de inscrições, horários, material num labor cada vez mais absorvente. O que nos trará a nova época?

Acompanhámos a actividade ginástica de 1971/72 e não vislumbrámos acentuados progressos, pois imensos condicionalismos limitaram o trabalho dos atletas, assoberbados com outros quefazeres ou atentos a diferentes solicitações de vária ordem. Assim, não acreditamos que a nova temporada mude o figurino. Em que nos baseamos para alicerçar esta opinião, que alguns irão considerar derrotista e pessimista? No programa (cada vez mais complicado) das obrigações escolares: que impede a 90 por cento dos praticantes a frequência das aulas a horas que poderemos chamar «decentes».

Vejamos: há alunos (por exemplo) a cursar o 3.º ano com aulas relativas a treze disciplinas e cujo horário medeia das 13 às 19 horas. Atendendo a que esses alunos perdem tempo no trajecto, têm de preparar as suas lições no fim da tarde e no dia seguinte de manhã, têm de se alimentar e repousar, que tempo lhes resta para a ginástica ou outros desportos?

Pràticamente nenhum: e, com muito boa vontade conseguem dispor de uma ou duas horas por semana para fazer ginástica planificada, orientada e disciplinada, o que consideramos muito pouco se quisermos pensar em altos voos.

Alegar-se-á que no liceu lhes destinam três tempos para a educação física: mas, infelizmente, todos sabemos como têm sido essas aulas.

Sem pretendermos estabelecer comparações (por impossíveis) gostaríamos de saber como conseguiram os ginastas (na generalidade) seleccionados para as Olímpiadas dispor de tempo para treinar entre 5 e 7 horas por dia, já que têm, como todos nós, os seus momentos de ócio, repouso, diversão e estudo.

E dizemos de estudo porque a idade de alguns a isso certamente os obriga.

Sabendo que se desenvolvem grandes esforços no sentido de interessar um número cada vez maior de jovens pelo desporto, o problema merece profunda meditação. E, estando a ginástica desportiva a merecer a atenção de muitos dos nossos responsáveis, parece-nos que o factor «tempo» tem capital importância, atendendo aos fins em vista e aos resultados que se pretendem.

Há realmente, possibilidades duma dedicação total ao treino sem descurar outras obrigações? A previsão é desanimadora, até porque outros óbices contribuem para o afastamento dos clubes ou atletas de ginástica de competição ou desportiva. Exemplos: a falta de material (por carência de verbas para a sua aquisição) ou as precárias instalações de que dispõe grande parte dos Clubes que se dedica á ginástica as quais não permitem (sequer) a instalação de aparelhos, tais como barra fixa, paralelas e argolas, assim muitos clubes não comparecem a provas de ginástica desportviva, porquanto são obrigados a inscrever os seus atletas em todos os aparelhos e não os possuem para treino.

Não poderia a Federação Portuguesa de Ginástica ou a Direcção Geral de Desportos autorizar que as provas se disputassem por aparelhos, de molde a permitir a comparência de ginastas cujos Clubes não dispõem da totalidade do material?

Se tal fosse autorizado, ganharia a ginástica, haveria mais atletas a competir e poderia aparecer (nesta ou naquela especialidade) um atleta que, de outro modo, ficará sempre ignorado.

A finalidade não será colocar a ginástica ao alcance de todos os que a possam e queiram praticar?

FERNANDO MONTEIRO

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av: 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

À Classe Médica

o mercado encontra-se devidamente abastecido com

ESÕBAÇTULIN

a conhecida e eficaz

VACINA CONTRA GRIPES E CONSTIPAÇÕES

DIRECTOR DE FABRICAÇÃO

(CARGO DE STAFF)

EXIGE-SE:

— Licenciatura em Engenharia

— Larga experiência em Direcção de Serviço de Linha ou no Staff da Produção.

OFERECE-SE:

— Cargo de Direcção de Serviços de:

- Planeamento
- Métodos
- Conservação

a exercer, no Tramagal

resposta manuscrita para

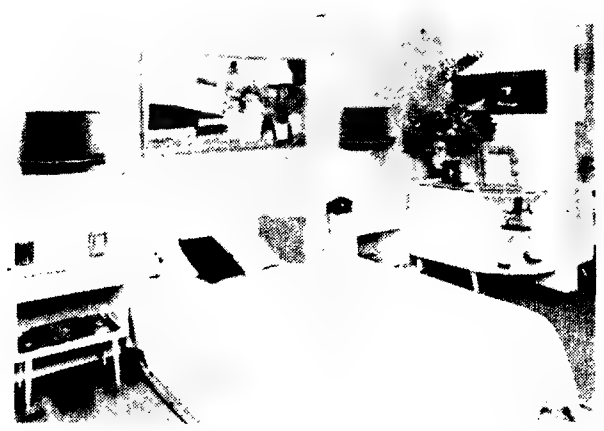
TRAMAGAL

METALÚRGICA DUARTE FERREIRA, S.A.R.L.

Departamento de Psicologia e Relações Humanas

Av. 5 de Outubro, 122 – Lisboa

GOSTA?



ENTÃO DECIDA-SE!

pois já restam poucos dos magníficos andares de 2,3 e 4 assoalhadas acabamentos de luxo em

SANTO ANTÓNIO dos CAVALEIROS

desde 280 contos

junto à placa da Flamenga

VEJA NO LOCAL O ANDAR MODÊLO

UM EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA

ROSSIO, 74-3.º tel. 35438/368257

SPOC

LISBOA

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLÍNICA —

CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

Informamos a Exmª Classe Médica de que o mercado se encontra abastecido da

VACINA ANTIGRIPAL E ANTICATARRAL

PULMONAR-OM

na nova apresentação bebível, em caixas de 10 FRASCOS-AMPOLAS de 3 ml.

VERIFICADA PELO INSTITUTO CÂMARA PESTANA

Horus

RAUL LOURENÇO LAPA

QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 15 A 21 DE OUTUBRO

horóscopo

pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Os prognóticos para este período são abertamente convidativos com referência ao amor, às amizades e à família. Os astros prometem boa harmonia, momentos felizes e passeios alegres. Desconte agora os períodos estacionários que influências adversas lhe impuseram nas semanas que passaram.

DINHEIRO: Disponha em ordem as suas contas e espere uma agradável surpresa. Entretanto, tenha cuidado com as despesas extraordinárias, porque o descontrole nas suas finanças apenas servirá para aumentar as suas responsabilidades. Uma decisão sensata, em matéria de dinheiro poderá significar a base da sua segurança futura.

PROFISSÃO: A boa vontade de colegas, colaboradores e superiores será afectada pela sua impulsividade, durante este período. Domine-se e tudo correrá lindamente. Os seus esforços nos negócios e no emprego serão bem compensados.

SAÚDE: Nesta semana o nervosismo e o excesso de preocupações derivadas dos seus problemas profissionais e familiares poderão agravar-se, pois o seu nervosismo será grande. Repou-se convenientemente e, distraia-se também.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Será esta semana o artífice de sua ventura sentimental; dê prova de diplomacia e fascínio para favorecer a conquista de uma pessoa que vos atrai. Para evitar rompimentos evite os gestos impulsivos. Não faça nada agora que não esteja absolutamente seguro e ponderando bem antes de agir.

DINHEIRO: Haverá demoras em correspondência e contratempos em negócios que estejam sendo efectuados por meio de cartas. Não recorrera a métodos violentos para modificar as circunstâncias, por muito insignificantes que estas lhe pareçam.

PROFISSÃO: Tendência a orientar o seu trabalho de acordo com um método muitíssimo pessoal. Terá de enfrentar algumas dificuldades no quadro profissional; seja perseverante e não se inquiete demasiado com os contratempos que essas dificuldades possam representar. Uma notícia indicar-lhe-à boa solução.

SAÚDE: Esteja muito vigilante esta semana; nada de imprudências.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Os seus projectos amorosos terão afectivação este período. A boa influência de Vénus permitir-lhe-à conseguir o que pretende. Se estiver em condições de assumir novas responsabilidades sentimentais, a altura é muito propícia.

DINHEIRO: As suas boas aptidões relacionadas com a sua capacidade de ganhar dinheiro serão bastante realçadas. Aproveite esta oportunidade para defender melhor a sua posição económica.

PROFISSÃO: As questões de trabalho serão satisfatóriamente resolvidas durante esta semana, graças à boa colaboração que encontrará por parte dos chefes, companheiros e, até de competidores. Todos eles exaltarão as suas boas qualidades de iniciativa.

SAÚDE: É preciso não esquecer que deve haver um razoável equilíbrio entre os prazeres o trabalho.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Uma falta de ponderação, de reflexão, poderá atrair-vos para uma criatura bonita, mas hipócrita. Cuidado. Se tiver bom senso, poderá iniciar um período no qual acontecimentos vitais e construtivos se verificarão na sua vida, por intermédio da pessoa amada.

DINHEIRO: Faça o seu orçamento e siga-o, pois de outra forma a sua situação financeira poderá cair de tal maneira que lhe causará muitos aborrecimentos. Entretanto, os aspectos astrais durante esta semana, para si, convidam-vos a fazer progredir as actividades e os interesses financeiros.

PROFISSÃO: Os seus problemas de trabalho serão satisfatóriamente resolvidos durante este período, graças à boa colaboração por parte de chefes, companheiros, e até de competidores. Todos eles exaltarão as suas qualidades de trabalho. Trate portanto de desenvolver os seus empreendimentos, pois verá os seus esforços compensados.

SAÚDE: Algum tempo de repouso entre as suas tarefas será bastante proveitoso e reparador.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Novas amizades e inesperadas ajudas de pessoas das quais não tinha notícias, tudo isso é possível sob as actuais influências planetárias. Os que sofrerão contratempos ou restrições agora encontrarão alívio. Quem teve divergências poderá considerar-se agora no caminho da reconciliação.

DINHEIRO: Os seus assuntos materiais tomam um bom aspecto, mas seja circunspecto e diplomata em relação às pessoas com quem lida. As questões financeiras relacionadas com as especulações e o jogo não estão favorecidas.

PROFISSÃO: O esforço pessoal que desenvolver será bastante eficiente e o resultado, embora um pouco lento, será notável. É provável que obtenha vantagens profissionais por intermédio de amigos.

SAÚDE: Saúde um pouco deficiente, no fim da semana. Use de cuidado e, descanse.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Atravessará um período de meditação. O seu espírito pensativo pouca atenção dispensará aos acontecimentos que se desenvolvem em redor de si. A sua atitude e modo de agir poderão causar estranheza nos seus familiares, e proporcionar um ambiente carregado no lar.

DINHEIRO: Esta semana poderá ter problemas financeiros. Poderá também ser alvo de maledicência e deslealdade, e tudo isso poderá afastá-lo dos seus projectos de economia. O momento é para reflectir na sua situação económica e afastar-se de tudo o que não contribua para aumentar a sua situação pecuniária.

PROFISSÃO: Seja criterioso em seu trabalho e verá que os frutos serão abundantes. É possível que uma ideia extraordinária tida durante este período, venha a frutificar mais tarde. Prepar-se com calma afim de organizar convenientemente os seus planos para o futuro, afim de não ter grandes preocupações.

SAÚDE: Tome necessárias precauções para evitar perturbações de saúde, provenientes de excessos alimentares.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Os seus interesses conjugais e sociais, trarão benefícios materiais. Os astros se mostram benéficos, permitindo tacto nas relações humanas. Velhas amizades se mostrarão prestimosas, contribuindo para a realização de alguns dos seus desejos.

DINHEIRO: Lucrará muito se trabalhar por sua própria conta. Confie agora no seu julgamento. São luminosas as suas perspectivas financeiras.

PROFISSÃO: Alcançará um sucesso apreciável graças à sua diplomacia e ao seu tacto, no decurso duma visita um tanto difícil. Resultará daí uma simpatia duradoira, que lhe valerá muitas vantagens inesperadas.

SAÚDE: Evite bailes e passeios seguidos. Não se esgote excessivamente à toa.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Surgirão algumas apoquentações na vida familiar. No aspecto puramente amoroso as coisas estão sob melhores auspícios. As mudanças de residência, bem como quaisquer modificações que pretender fazer com vista a beneficiar o aspecto do lar são favorecidas.

DINHEIRO: Para não fugir à regra, também neste capítulo os astros não se mostram muito benéficos. Entretanto, não há razão para pessimismos, o essencial é não despender grandes quantias, nem fazer despesas que não sejam absolutamente imperiosas. Tenha isso em mente, e não permita que as extravagâncias lhe desequilibrem o orçamento.

PROFISSÃO: Não altere a sua linha de conduta, porque se o fizer depressa se arrependerá. A indecisão é o seu maior mal. Os astros não lhe prometem nada de novo na sua ocupação, pelo que deverá continuar apenas com os seus afazeres quotidianos.

SAUDE: Vigie a saúde e tenha cuidado com a humidade.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Poderá ser uma semana de venturas, se tiver calma e assumir atitudes tolerantes para com aqueles que o estimam. Chegou o momento de pôr em prática as ideias que já há algum tempo vem acariciando. Em meados da semana surgirá um problema respeitante à família, que é conveniente resolver com ponderação.

DINHEIRO: Uma decisão sensata em matéria de negócios significará a base da sua segurança futura. Mantenha-se fiel aos seus compromissos e não se arrisque em especulações duvidosas também é bom não esquecer que os excessos e a generosidade sem limites, assim como o puro exibicionismo, podem não só prejudicar a saúde como abalar seriamente as suas finanças.

PROFISSÃO: As coisas decorrerão sem grande alteração ou obstáculos que dificultem a sua actividade. Simplesmente, verificará uma maior azáfama. Tudo se conjugará no sentido de poder consolidar a sua posição.

SAÚDE: Período normal no que diz respeito ao seu estado de saúde. Com efeito tudo correrá bem neste sector, apenas haverá a recear qualquer pequena indisposição por excessos de natureza vária.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Os que tiverem problemas sentimentais poderão resolvê-los agora de modo satisfatório. Agora os amigos e parentes serão de extraordinária importância. Alguém que conheceu há muito tempo contribuirá para o seu bem - estar.

DINHEIRO: Ganhos possíveis, com o auxílio dum amigo ou parente, não recuse a ajuda que lhe é oferecida. O seu sucesso será mais seguro se proceder com paciência e ponderação, sem pressas.

PROFISSÃO: Excelentes e proveitosas relações comerciais que lhe permitirão progredir consideràvelmente. Melhoria das suas possibilidades materiais; a sorte protege a conclusão dos seus negócios.

SAÚDE: Acalme-se, viva tranquilo, pois os seus nervos têm necessidade de repouso.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: O princípio da semana será para entrar em acordo e para resolver problemas com a pessoa amada. Alguém poderá mostra-se, mais tarde, irritável consigo Domine o seu sentimentalismo. No lar poderá reinar a incompreensão e os consequentes aborrecimentos.

DINHEIRO: Não perca a calma, pois com paciência e compreensão resolverá todas as dificuldades que possam surgir. O êxito neste período depende de saber ou não adaptar as suas actividades à realidade concreta.

PROFISSÃO: Um pequeno esforço permitirá lograr o triunfo em algo que é de grande interesse. Quando lhe pedirem conselhos, use de discrição, e seja quais forem as circunstâncias não permita que vos atinjam com maledicências. A melhor maneira de ser feliz e sair-se bem dos contratempos é dar aos outros o ensejo de manifestarem também os seus sentimentos e opiniões.

SAÚDE: Distúrbios do fígado a recear: trate-os sem demora tão logo surjam.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

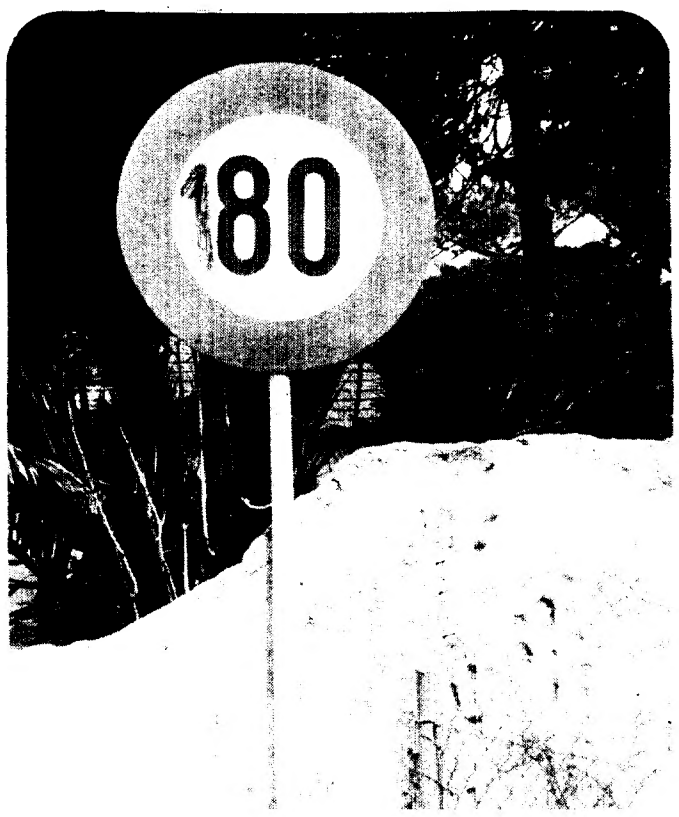
AMOR: As suas actividades terão estreita relação com as amizades que houver feito. Isso torna a semana excelente para que se dedique às suas actividades sociais. Essas relações amistosas compensarão as responsabilidades desagradáveis que lhe tenham imposto durante o período transacto.

DINHEIRO: Possibilidades de nova associação, permitindo a organização dum negócio rendoso e interessante. Não adie uma viagem profissional pouco agradável mas muito útil para o futuro.

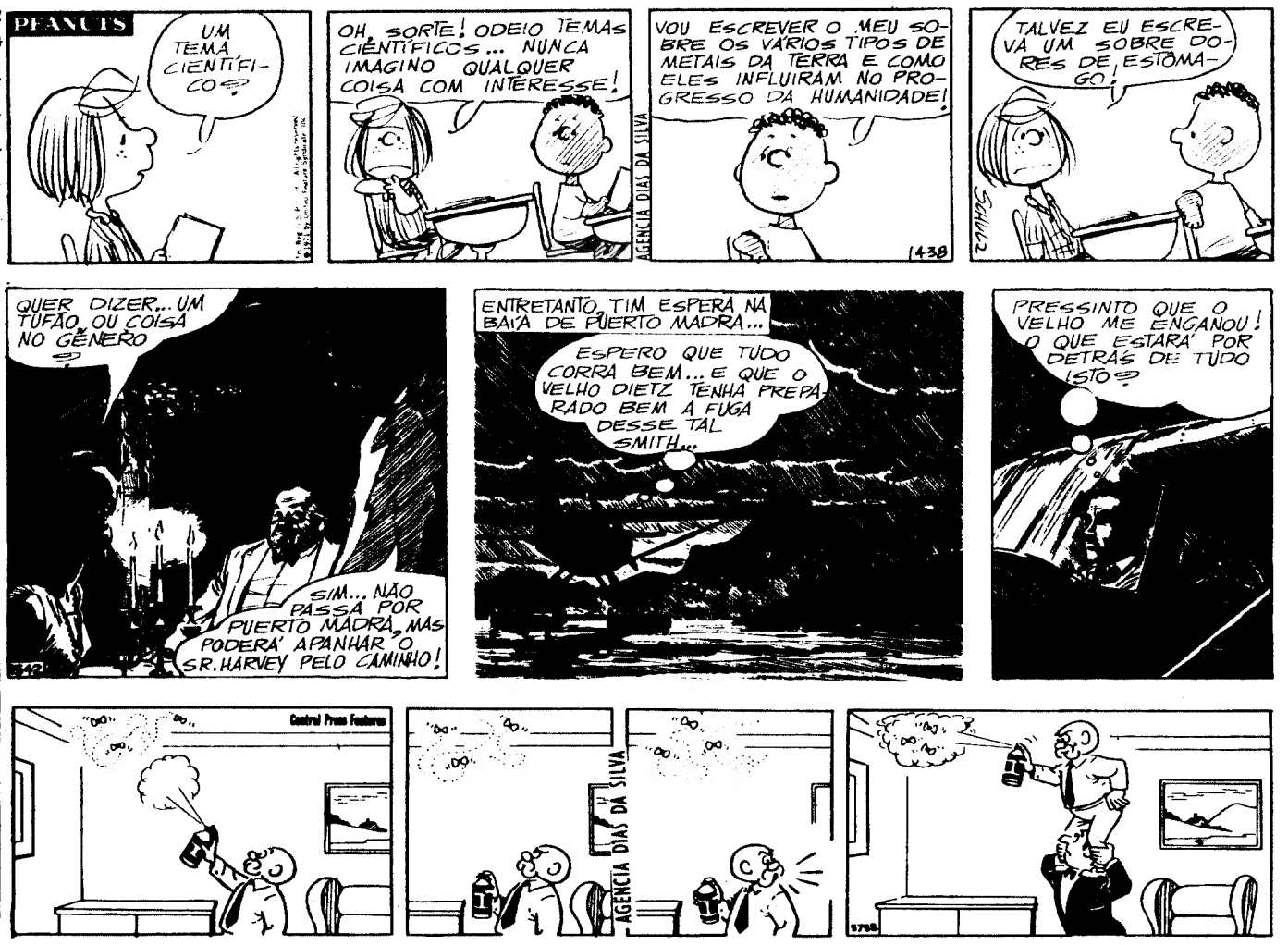
PROFISSÃO: Excelente semana para tudo o que se refere à vida profissional. Aproveite para tomar iniciativas. São facilitados os contactos com o estrangeiro. Nas coisas importantes, é aconselhável consultar pessoas de influência, escolhidas entre as suas amizades, pois poderão ser muito úteis.

SAÚDE: Vigie a sua saúde, cuide dos seus brônquios e do aparelho digestivo.

FOI CRIANÇA OU ADULTO ?



Ao princípio era proibido exceder os oitrnta quilómetros por hora. A mão anónima colocou o «1» atrás e ficou a proibição de exceder cento e oitenta à hora. Alguns automobilistas esfregarão as mãos de contentes. Outros lamentar-se-ão da imprudência de quem assim procedeu. O certo é que o insólito persiste

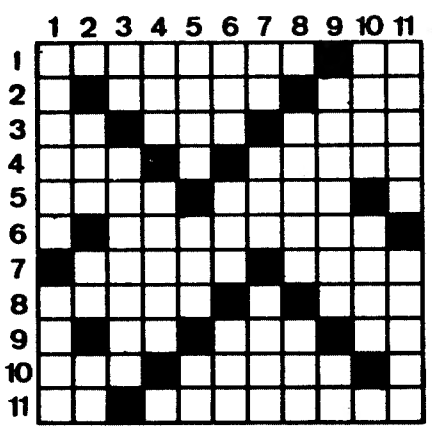


Palavras Cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10224

HORIZONTAIS:

1 Triturar com os dentes. Abreviatura que se usa em musica.
2 Muralhas. O mesmo que três.
3 Em a. Gosta muito de. Grandes.
4 Dádiva. Ardor.
5 Guarnecer de asas. Fazem doação de.
6 Sofrer.
7 Queimou. Pousio (prov.)
8 Por um triz. Ferro temperado
9 Pedra de moinho. Sustento. Sufixo que designa estado.
10 Pronome pessoal. Adeja.
11 Nota musical. Corrida desordenada.



VERTICAIS:

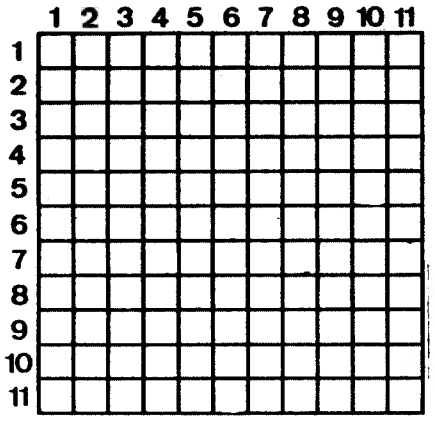
1 Dirigir. Tenciona
2 Preposição e artigo definido (pl.) Ouro (s.q.) Vê.
3 Samário (s. q.) Cordoalha de navio.
4 Pronome possessivo. Da Russia.
5 Mana. Nome de um espírito na macumba. (Bras). Polónio (s.q.)
6 Distrito da Índia Portuguesa. Ofereço. Igual.
7 Artigo definido. Cidade da Jugoslávia. Ir para fora.
8 Reconhecida. Reze.
9 Prejudicada. Atmosfera.
10 Pregas. Belo.
11 Ponderar. Parvo.

Resolveu completamente este problema?
Procure então como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6380

HORIZONTAIS:

1 Mágica. Malta.
2 Encolerizas. Voejar.
3 Quinhentos e um em romano. Africano.
4 Título do soberano da Tunísia. Pega. Passai.
5 Cidade de França. Proferes.
6 Árvore indiana cuja casca é empregada como adstringente. Pronome pessoal (pl).
7 Voz do gato. Grande quantidade.
8 Batráquio. Dois mil e sete em romano. Cento e um em romano.
9 Sufixo que designa estado. Preposição e artigo definido. Fisga.
10 Moeda de prata em Dio (ant.) Lavrar.
11 Penteio. Freguesia do concelho de Guimarães.



VERTICAIS:

1 Cabelos no rosto do homem. Pincel grande e grosso para caiar, ou pintura ordinária.
2 Troça. Estava. No Malabar, chefe de pescadores, piloto ou capitão do porto.
3 Tramaram. Zomba.
4 Moeda da Pérsia. Seres vivos irracionais.
5 Artigo definido. Subo ao cume.
6 Post Scriptum
7 Aqui. Comparava.
8 Olé. Tornar loiro.
9 Recalcitrar (fig.) A favor de.
10 Charnecas. Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso.
11 Freguesia do concelho de Fafe. Torna pior.

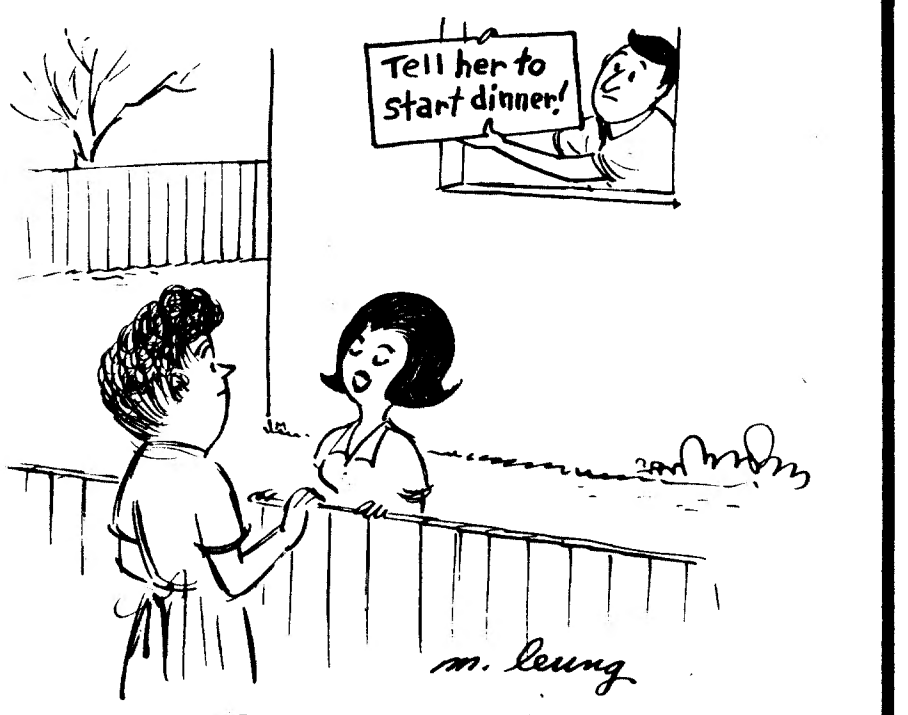
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10223

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Atais. Rosas.	1 Amear. Muito.
2 Muito. Irada.	2 Turmas. Raia.
3 Erros. Falar.	3 Airosas. Tas.
4 Amos. Roma.	4 Itos. Pepé.
5 Rãs. Dor. Ias.	5 Sós. Dam. Sas.
6 Sapa. Amor.	6 Dó.
7 Sem. Sés.	7 Rif. Ras. Por.
8 Ur. Gr.	8 Orar. Meta.
9 Iates. Panar.	9 Saloios. Nas.
10 Tia. Ajo. Agá.	10 Adamar. Gaga.
11 Oasis. Rosar.	11 Saras. Errar.

PROVÉRBIO Muito falar muito errar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6379

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Bicha. Chapa.	1 Bacar. Peaça.
2 Atear. Rases.	2 Itaca. Atoro.
3 Cassa. Iscas.	3 Cesena. Atar.
4 A. C. E. Uno. Are.	4 Has. Aço. Ovo.
5 Rana. Aras.	5 Arau. Usos.
6 Acatito	6 Notar.
7 Pá Pó.	7 Crio. Isso.
8 Eta. Uri. Ai.	8 Has. Até. Aer.
9 Aotos. Sarna.	9 Áscaro. Arne.
10 Cravo. Senha.	10 Peara. Pinha.
11 Aoros. Orear.	11 Asses. Aar.



Diz-lhe que comece a jantar!

AOS QUATRO VENTOS

FÁBULA

Rabindranath Tagore, o grande poeta hindu que viveu entre 1861 e 1941, escreveu a seguinte fábula poética:

. «Quando a fome produziu enormes estragos em Shavasti, Buda perguntou aos seus discípulos:

. __ Qual de vós se encarregará de alimentar os famintos?

. Ratnakar, o banqueiro, baixou a cabeça e disse:

. __ Para os alimentar, seria preciso muito mais do que toda a minha fortuna.

Jaysen, o comandante dos exércitos reais, expressou-se assim:

. __ Eu daria alegremente todo o meu sangue, mas não há alimentos suficientes em casa.

Dharmapal, proprietário de uma grande fazenda, suspirou e disse:

. __ O deus dos ventos esgotou os meus campos e nem sei como pagar os impostos.

Seguiu-se um momento de silêncio, que Supriya, a filha do mendigo, interrompeu, pondo-se de pé. E inclinando-se diante dos restantes, disse com firmeza.

. __ Eu alimentarei esses desgraçados.

__ Como? __ perguntaram todos com surpresa __ Como podes tu cumprir essa promessa?

. __ Eu sou a mais pobre de todos e essa é a minha força __ respondeu Supriya. __ Encontrarei o tesouro e a abundância, batendo a cada uma das vossas portas...

ELEIÇÕES

Benjamim Disreali (1804 - 1881), um dos grandes estadistas ingleses do século passado, a primeira vez que tentou ser eleito para o Parlamento, ouviu de um cidadão o seguinte:

. __ Preferia antes votar no diabo que no senhor.

Com muita calma, Disraeli replicou:

. __ Compreendo-o perfeitamente. Mas, no caso desse seu amigo não disputar a eleição posso contar com o seu voto?

PARABÉNS

Anwar el - Sadat envia a Brezhenev o seguinte telex: «Israelitas avançam para o Cairo. Mande auxílio com toda a urgência».

O Kremlin não responde.

Novo telex de Sadat a Brezhenev: «Israelitas entraram no Cairo e estão violando as nossas mulheres».

Resposta de Brezhenov. «Dentro de vinte anos, o Egipto terá um excelente exército. Parabéns.»

INQUÉRITO

Segundo um inquérito, recentemente realizado nos Estados Unidos, a superioridade das mulheres sobre os homens ficou demonstrada nos dez pontos seguintes:

. 1.º) Quase se não veste e não se constipa; 2.º) Escreve uma carta com seis páginas e não diz nada; 3.º) Sabe chorar no momento oportuno; 4.º Evita uma discussão com um sorriso; 5.º) Compra uma prenda para oferecer por pouco dinheiro; 6.º) Consegue um prato especial para o seu cão no restaurante; 7.º) É capaz de estrovar numerosas filas de espectadores no cinema, para encontrar lugar mais conveniente; 8.º) Adquirir sem vacilar um instante uma peça de roupa de interior para o sexo oposto; 9.º) Tirar um argueiro do olho do vizinho; 10.º) Ingerir um líquido a escaldar sem pestanejar.

A Directora
ILDA SANTOS

SURDOS
CASA SONOTONE

A Directora Ilda Santos acaba de chegar de Amsterdão e Londres, onde foi tomar parte no Congresso de Audiologistas que ali se realizou, a fim de estar sempre na vanguarda das novidades acústicas, para bem servir todos os que necessitam de corrigir o seu ouvido. Nossa Senhora de Fátima os cure ou os melhore. Mas, precisando dos nossos serviços, proporcionamos exames e demonstrações gratuitas, prestamos assistência técnica permanente a todos os aparelhos quer sejam ou não vendidos por nós, de qualquer marca ou de quaisquer casas. Vendemos pilhas de todas as voltagens. LARINGES ELECTRÓNICAS para os que não podem falar. Esperamos a v/ visita com um grande OBRIGADO.

LISBOA, Poço do Borratém, 33, s/l. — Telef. 868352
PORTO, Praça da Batalha, 92-1.° — Telef. 02-35602
LUANDA, R. António Enes, 42-2.° — Apart.° 26

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA NO DISTRITO DE LISBOA

AVISO

A Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa — entidade responsável pelos serviços de acção médico-social do Distrito de Lisboa — avisa todos os beneficiários e respectivos familiares, actualmente abrangidos pelo Posto Clínico n.º 105 053 — Alverca —, que a partir do próximo dia 16 de Outubro os serviços daquela unidade médico-social passam a funcionar em novas instalações sitas em Vale de Rames, Cova do Bicho, Lote 8, em Alverca.

A DIRECÇÃO

LARTEJO

SÍMBOLO DE COMPETÊNCIA NA
COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
CONSULTE-NOS
AV. ALMIRANTE REIS, 178 — TELEF. 59111/2, 49347

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

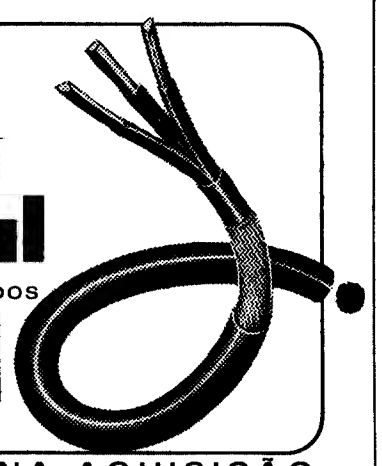
Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

REDUZA CUSTOS COM CABOS



Solidal
ARMADOS E NÃO ARMADOS
ALUMÍNIO MACIÇO
ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO MONTAGEM · LIGAÇÃO
SÉRIO
COMPLETA GAMA DE ACESSÓRIOS
SOLIDAL CONDUTORES ELECTRICOS, SARL
LISBOA-TEL. 674828 ■ PORTO-TEL. 491392 ■ ESPOSENDE FÁBRICA

Feira das Mercês

A Empresa de Viação Eduardo Jorge, Ld.ª, comunica que, nos dias 15, 22 e 23 do corrente, efectua carreiras consecutivas, entre:

BENFICA-MERCÊS
BELÉM-MERCÊS
MACEIRA-MERCÊS
e vice-versa.

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Continuação da pág. 31

OUTRA BANDA

SETUBAL
Costa, L. da Misericórdia (Tel. 22760) **Brasil**, P. do Brasil (Tel. 24788)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218560)

PORTO

9.º TURNO

SUB-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8; **Martino, Sucr.** Praça Marq. Pombal, 122; **Pombeiro**, C. Márt. da Pátria, 152; **Prelada (da)**, R. Central de Francos, 316; **S. Roque da Lameira**, S. Roque Lameira, 1111; **Sá da Bandeira**, Rua Sá da Bandeira, 236

SUB-TURNO B

Ameal, R. do Ameal, 1227; **Campo Alegre (do)**, R. do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva**, Rua dos M. da Liberdade, 150; **Peninsular**, Rua Chã, 100-102; **S. Lázaro**, Av. Rod. de Freitas, 297

COIMBRA

TURNO L.

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106-108 (Tel. 23738). **Rodrigues da Silva**, R. Ferreira Borges, 32 (Tel. 24348); **S. José** Arcos do Jardim, 41 (Tel. 24697).

televisão

MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do Senhor
13.55 Nos Bastidores da Aventura
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Robin dos Bosques
14.25 Hoje podever
14.40 Concerto
1505 Desenhos animados
15.30 Tarde de cinema - Bomba e a Rapariga da Selva
16.45 TV INFANTIL
17.00 Expedição
18.00 Silêncio... vamos rir
18.15 Domingo desportivo
18.35 TV Rural
19.00 Portugal além da Europa
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Desenhos animados
20.00 Os Companheiros
20.30 TV 7
21.30 Telejornal - 3.ª edição
21.55 Boletim meteorológico
22.00 Aconteceu em Itália
23.00 Fados
23.30 Domingo desportivo
23.45 Telejornal - últimas notícias
23.50 Meditação e Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Dó, Lá, Si
21.00 Chegou a Lucy
21.30 Telejornal
22.00 Festival O.R.T.F. - A Parisiense
23.50 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino Singular
13.15 Uma rapariga endiabrada
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
12.45 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV educativa
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Momento desportivo
20.30 Ao Serviço da Nação
21.00 Desenhos animados
21.30 Telejornal
21.55 Boletim meteorológico
22.00 Noite de estreia - Série Mc-Cloud
23.45 Telejornal - últimas notícias
23.55 Meditação e Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vivendo o futuro
21.00 Uma rapariga endiabrada
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Museu de cinema e feho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	°
P. DOURADAS	17°
COIMBRA	11°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	13°
FARO	16°
FUNCHAL	19°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE
Máxima 20,6

MONTALEGRE
Mínima 1°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	20°
Atmosfera	17°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.58	3,1 m	2.06	1,8 m
21.57	2,9 m	15.04	1,8 m
Dia 16			
10.33	3,1 m	3.38	1,9 m
23.27	3,0 m	16.30	1,8 m
Dia 17			
11.52	3,3 m	5.09	1,8 m
		17.52	1,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco amoderado predominando de Sueste; possibilidades de chuva e aguaceiros a partir do fim da tarde.

AMANHÃ
NASCER ÁS 7.47
OCASO AS 18.58

HOJE | DIA 22 | DIA 29 | DIA 6

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.30 Tarde Desportiva — Rádio Desporto — Futebol: — Relatos e Informações dos Jogos da 6.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. — Actualidade Desportiva.
17.30 Música sem palavras.
18.05 Girândola.
19.10 Música da Europa.
20.00 Diário sonoro.
20.20 Êxitos em parada.
21.00 Rádio desporto.
21.30 Variedades no estúdio.
22.00 Teatro das Comédias. «A Terceira Inês», de Marcel Mithois, numa adaptação de Eduardo Jacques.
22.35 Música portuguesa.
23.05 Sol e Toiros.
23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia.
00.00 De um dia para o outro (cont.).
00.30 Junção (entra o FM 1 de Lx). Diário sonoro.
00.45 De um dia para o outro (cont.).
02.00 Fecho.

Programa em FM 1 de Lisboa

23.00 Sinal horário — Rádio Universidade.
00.30 Junção (com o 1.º programa).
14.30 Onda musical.
17.00 Junção (entra o FM 2). Perspectivas da obra instrumental de Mozart divertimentos e serenatas.
18.00 Concerto de domingo — intercâmbio musical — os concertos de Lucano 1972.
18.40 Intervalo — «Lieder», DF Schumann pelo baritono Gerard Souzay.
18.55 Concerto de domingo — 2.ª PARTE:
19.35 Quarteto em ré menor, «Köchel» 421 de Mozart, pelo Quarteto Amadeus.
20.00 Diário sonoro.
20.20 Música de câmara — quarto concerto para cravo, violino e viola de gamba (Rameau).
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Cardeira Pais.
21.00 Recital de canto, por Mário Rodrigo, com a colaboração da pianista Regina Cascais.
21.30 Que quer ouvir — Programa coordenado por Margarida Brandão — 1.º acto da ópera «Um Turco em Itália» de Rossini.
23.00 Emissão em língua estrangeira.
01.15 Fecho.

Programa em FM 2

14.30 Música sinfónica.
15.00 2.º acto da ópera «L'Ormindo», de Francisco Cavalli.
16.05 Rapsódia hebraica para violoncelo e orquestra, de Bloch.
16.30 Música de piano.
17.00 Junção com o 2.º programa.

RÁDIO CLUBE

14.55 Tarde desportiva.
17.00 Chave do totobola.
17.03 Projecção.
17.33 Meia-hora depois.
18.00 Música pelo caminho.
18.45 Rítmo em desfile.
19.03 Fórmula 1.
19.30 Vedetas e canções.
20.00/21.00 «Rádio 72».
20.00 Nota de abertura.
20.15 Comentador desportivo.
20.30 De sete em sete dias.
20.45 A estrela da noite.
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0».
22.30 Quando o telefone toca.
23.08 Mensagens bíblicas.
23.22 Canções ao acaso.
23.30 PBX.
02.00 A noite é nossa.
06.00 Diário rural.
07.00 Talismã.

Modulação de Frequência

16.04 Pêndulo.
17.57 O nosso programa.
19.04 Vértice.
21.02 Boa noite em FM.
22.02 Programa à Gô-Gô.
23.00 Noticiário; programa à Gô-Gô.
00.02 Em órbita-dois.
01.02 Banda sonora Sonipol.
02.00 Perspectiva.
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Onda desportiva.
16.45 Boa viagem.
17.00 Música ao volante.
18.00 Automobilismo.
19.30 Missa.
20.00 Zona verde espaço ocupado pela família.
20.35 Variedades.
21.00 Meditando.
21.03 Suplemento especial.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Na hora do regresso.
23.00 A 23.ª Hora.

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lopes, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288); **Boa Hora**, Rua dos Quartéis, 25 (Tel. 637777)

ALFAMA:
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)

ALTO DO PINA:
Zional, Rua Morais Soares, 56-C (Tel. 847708)

ALTO DE S. JOÃO:
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Av. Afonso III) (Tel. 843439)

ALVALADE:
Alvalade, Avenida da Igreja, 18-A (Tel. 712070); **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Tel. 774682); **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 71031); **Casparinho**, Rua dr. Gama arros, 5-A (Tel. 710465); **Ideal**, Avenida Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803); **Onilda**, Avenida João XXI, 13-A (Tel. 726848)

ANJOS:
S. José, Rua dos Anjos, 41-A (Tel. 50730)

AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto 2-B (Telef. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (Telef. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (Telef. 40592); **Miranda**, Campo Pequeno 36-C (à esquina da Avenida da República) (Telef. 43495); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Telef. 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Telef. 842152)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão Magalhães, 33 (Telef. 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Telef. 841122)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telef. 310172)

BAIXA
Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 86 (Telef. 321211). **Unifa**, Rua da Vitória 21 (Telef. 323793)

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Telef. 702532); **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (Telef. 780027)

CAMPOLIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (Telef. 680304)

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Telef. 770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Telef. 650760); **Portírio**, Rua Francisco Metrass, 59 (Telef. 663349)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Telef. 780181); **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 (Telef. 702532)

CONDE REDONDO
Salutar, Rua Conde Redondo, 9-A (à Gomes Freire) (Telef. 533411)

ESTRELA
Paivas Parede, Rua de Santo António, 98 (Telef. 665196)

LAPA
Silva, Rua S. João da Mata, 72 (Telef. 661010)

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Telef. 790942); **S. Tomé**, Estrada do Desvio, lote 12-C (Telef. 790704)

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Telef. 381612)

OLIVAIS
S. Paulo, Rua José Campos, lote 823 (à Estrada de Moscavide) Olivais Sul (Telef. 310711); **Higiene**, Rua Cidade de Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (Telef. 310026)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelei-ra, 140-B (Telefs. 720703-728395)

POÇO DO BISPO
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Telef. 381612)

PONTINHA
Pontinha, Estrada de Santo Elói, lote SE 4 (Telef. 990220)

QUELUZ
André, Avenida Elias Garcia, 151 (Telef. 950043); **Queluz**, Avenida Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)

SACAVÉM
Soares, (Telef. 2518025)

PALHAVÃ
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (Telef. 761035)

PAMPULHA
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (Telef. 691054)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Telefs. 728395-720703)

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (Telef. 612248)

SANTO AMARO
Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A (Telef. 636620); **Costa**, Rua dos Lusíadas, 30 (Telef. 636704)

REGO
Prates Mota, Rua da Beneficência, 91 (Telef. 773728)

RESTELO
Ocidental, Rua Jerónimo Osório, 18-D (Telef. 610256); **Tanara**, Rua Rodrigues Reinel, 3-A (Telef. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Telef. 637020)

S. BENTO
S. Bento, Rua dos Poiais de S. Bento, 73 (Telef. 679673)

S. MAMEDE
S. Mamede, Rua da Escola Politécnica, 82-B (Telef. 660280)

S SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Segres, Avenida Luís Bivar, 69 (Telef. 47213)

SOCORRO
Tavares, Rua da Palma, 194 (Telef. 863350)

XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (Telef. 383800)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048)
CAXIAS
Nova, Rua Berrardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho - B.º das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052)
ESTORIL
Parque, Armada do Parque, 3 (Tel. 260191)
CASCAIS
Misericordia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde Monte Real - Bairro das Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551)
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231)
VENDA NOVA
Girassol
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Tel. 270076)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2273212)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

Continua na pág. 30

cinemas ● cinemas ● cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
A fria determinação da vingança «OS INTRUSOS» (Les intrus» com Charles Aznavour e Raymond Pellegrin

SATÉLITE (Tel. 562831)
4 sessões: 15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme urgente sobre ambiguidade política «A ESTRATÉGIA DA ARANHA» (La Strategia del ragno) A obra prima de Bernardo Bertolucc

AVIZ (Telef. 47163)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Colorcoscope-38.ª semana
Há mais de meio ano em exibição
«TRINITÁ» (COW BOY INSOLENTE) com Bud Spencer e Terence Hill

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
Bronson/Delon em «ADEUS AMIGO». Em complemento «DOMICILIO CONJUGAL»
Às 18.30 «ADEUS AMIGO»
(Metropolitano: Independente)

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.00, 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
9.ª Semana
Techicolor - Prémio Kalimar
O melhor filme estrangeiro de 1970 - DJAMILIA com Natália Arimbassarova

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo B - 14 anos)
«ADEUS SABATA» e «O PENO BANHISTA»

IMPÉRIO (Tel. 55134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos color)
Lee Marvin e Gene Hackman em «CARNE DE PRIMEIRA»
(Metro-Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
Color (Grupo D 18 anos)
«ANTÓNIO DAS MORTES» de Glauber Rocha
Em complemento «ASHURDES» de Luis Buñuel

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Um drama sentimental!
CRIME DE AMOR com Nuria Espert e Américo Coimbra.
Estamancolor

BERNA (Tel. 731313)
15.15 - 18.30 - 21.45
Technicolor
(Grupo D - 18 anos)
Um espectacular filme de suspense! «A CONSPIRAÇÃO» com George Peppard e Michael Sarrazin
(Ar condicionado)

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana
O AMANTE DA URSA MAIOR» com Giugliano Gemma e Senta Berger.

CONDES (Telef. 322523/ 326710)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«OS PIRATAS DO AR» com Charlton Heston e Yvette Mimieux
14.15 - 16.30 - 18.45 últimas «OS FORSYTES»

ODEON (Tel. 326253)
15.15 18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
35.ª Semana
«NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Furstemberg e Isabel Garces.

MUNDIAL (Telef. 538743)
4 sessões às 15.15-18.30-21.30 e 0.30 horas.
(Grupo D - 18 anos)
Lino Ventura, Jacques Brel, Charles Denner no inesperado filme em Eastmancolor «AVENTURA É AVENTURA» o último e mais discutido êxito de Claude Lelouche
(Metro: Estação Picoas)
(Ar condicionado)

CASINO ESTORIL
15.30-18.30 e 21.30
(Grupo D 18 anos
O REGRESSO»

ROYAL (Tel. 865037)
15.00-21.00
(Grupo D - 18 anos)
«NOITE DE PAVOR» e «UM IDIOTA EM PARIS»
às 18.30 Grupo A - 6 anos «UM ELEFANTE CHAMADO POLE-POLE»

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 21.45
Grupo D-18 anos)
Janne Yanne e Mireille Darc em «PORCAUSADEMINHAMULHER»

VOX (Tel. 720808)
Às 15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
4.ª Semana
Technicolor
O desejo de calor humano, ENCONTRO COM UMA MULHER SO, com Candice Bergen e James Caan.

TIVOLI (Tel. 50595)
Às 15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Technicolor
2.ª Semana de grande êxito! Um filme de Paul Newman «OS INDOMAVEIS» com P. Newman e Henry Fonda
(Ar condicionado)

EDEN (Tel. 302768)
Às 15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Eastmancolor Núria Espert e Américo Coimbra em «CRIME DE AMOR»

S. JORGE (Tel. 54154/54159)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos) 2.ª Semana
A grande comédia
«O GRANDE NEGOCIO» com Michel Serrault e Claude Brasseur

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 6.ª semana. Um filme realista «VERÃO 42» com Jennifer O'Neill e Gary Grimes Techicolor

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Panavision Metrocolor
Um fenómeno chamado Twiggi no jobulogo, music Hall de 1972 «BOY FRIEND» com Twiggi e Christopher Gable.
Snack-Bar - «PUB» the Flag o melhor encontro gastronómico.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30
(Grupo D-18 anos)
Em continuação de estreia Clint Eastwood em «A FÚRIA DA RAZÃO»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VILLARET
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

MONUMENTAL
20.45 - 23.00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Testemunho inadmissível»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00
«Cá vamos pagando e rindo»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«A cama dos comuns»

COLISEU
21.30 (6 anos)
Grande Companhia Internacional de Circo

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Fogo cruzado»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«Direito de vingança»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«A Rapariga do Auto1Stop»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«O Jardim onde vivemos»

PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«Lindos crianças os garotos»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«O Preço do poder»

OLIMPIA
22.00 (18 anos)
«Os Horrores de Frankenstein»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«Trinitá cow - boy insolente»

Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Tarzan e os piratas»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«A Revolta de Tarzan» e «Subterfúgio»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (10 anos)
«O Ouro de Mckenne»

ESTORIL
Casino
15.30-18.30-21.30 (18 anos)
«O Regresso»

Palácio
21.30 (17 anos)
«A Condessa de Hong Kong»

CASCAIS
S. Jose
21.30 (18 anos)
«O Assalto»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Terra queimada»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«Por um dólar de glória»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Aeroporto»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 23.00
«Empresta-me o ter apartamento»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«As mil e uma noites»
Para adultos

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Os Incorruptíveis contra a droga»

JÚLIO DINIZ
21.30 (14 anos)
«Bolivar, o libirtador»

NUNO ÁLVARES
21.30 (18 anos)
«Ela não bebe, não fuma, mas!

CARLOS ALBERTO
21.00 (10 anos)
«Tempos modernos» e Duelo no Rio do Diabo»

VALE FORMOSO
21.00 (18 anos)
«O final do julgamento»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Rinita cow-boy insolente»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Os amores de uma adolescente»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Crime de amor»

OLYMPIA
21.30 (10 anos)
«As 4 penas brancas»

ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«O Recado»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Smic, Smac, Smoc»

S. João
21.30 (21 anos)
«Helga - o segredo da maternidade»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A Regra do jogo

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Shaft»

TIVOLI
21.30 (21 anos)
«Elga - O segredo da Maternidade»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Trinitá - Cow-boy insolente»

LEIRIA/Cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.45 (18 anos)
«Rainha por mil dias»

BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo). **Tel. 560538**

FANTASMA — Dancing-Caveau com variedades — Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05.00

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562).**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua da Trindade, 9 Telef. 327109.** Encerra aos domingos.

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA — Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 34859/368197**

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luís Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889.** Aberto todos os dias.

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªa feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anios. **Travessa de S. Miguel, 22, — Alfama, Tel. 868552.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva. Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221- Telefone 368579.**

BICO DOURADO — Boite de nuit, atracções internacionais, das 01 H. e 30 às 03 H. e 30. **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

FONTORIA Dancing. Música constante Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 66 Telef. 35431**

SAN-PAYO Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422.** (Ar condicionado).

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,º E-4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

DL/DOMINICAL — SETE DIAS NO MUNDO

A PAZ VEM DE LONGE

As conversações do dr. Henry Kissinger com Le Duc Tho em Paris, o bombardeamento de Hanói que destruiu a delegação francesa e a reunião, em Copenhague, da Comissão Internacional de Inquérito aos Crimes de Guerra dos Estados Unidos na Indochina ocuparam largo espaço dos noticiários ao longo de toda a semana. A princípio, os rumores vindos de Paris fomentavam a esperança de que o fim do conflito estava para chegar muito em breve. Viu-se mais tarde que assim não era. Ou, pelo menos, que não havia nada de concreto que apontasse para esse próximo epílogo da guerra mais longa em que os Estados Unidos se envolveram desde que se tornaram independentes. De qualquer forma, o sucessivo adiamento do regresso do conselheiro de Nixon a Washington não deixa de significar que as discussões estão num ponto importante, sendo legítimo até pensar que se encontram em fase muito adiantada. A divergência fundamental continua a ser, ao que se pode depreender do noticiário que nos chega, o futuro político do Vietname do Sul, ou melhor, a forma como se passará do regime de Thieu __ apoiado, subsidiado, imaginado pelos Estados Unidos __ para um Governo que seja a expressão das forças em presença naquele país. Não se trata apenas de decidir sobre o futuro do presidente Nguyen Van Thieu. Por mais que a administração americana goste dele, por certo não hesitaria em abandoná-lo se esse abandono não significasse uma longa série de outras alterações fundamentais. Não é, por exemplo, destituída de significado a divergência quanto às eleições a fazer depois de um cessar-fogo. A FNL e o Vietname do Norte insistem em que essas eleições sejam legislativas, enquanto os americanos e Van Thieu não querem abandonar a sua ideia de que terão de ser presidenciais. A questão mais importante, contudo, parece continuar a residir na reivindicação norte-vietnamita e frentista de um Governo tripartido, onde estejam representados a FNL, o actual Governo e uma força neutral. Mas, ao mesmo tempo que o mundo olhava esperançado para Paris, os caças bombardeiros americanos picavam sobre Hanói para destruirem a delegação-geral francesa naquela capital. O facto daquele estabelecimento diplomático ter sido atingido foi, com certeza, uma manifestação da sorte, ou do azar. Mas o que não é resultado de fados adversos é a intenção de bombardear o centro de Hanói.

«O azar americano residiu, nesta eventualidade, em que o Pentágono não pôde, como normalmente faz, desmentir um facto incontroverso, presenciado por jornalistas ocidentais, sofrido por diplomatas ocidentais. Segundo um jornal de Chicago, a intensificação dos bombardeamentos deveu-se a uma ordem secreta dos estados maiores americanos, com o indispensável consentimento de Nixon. Essa intensificação tinha o fim político de obrigar Le Duc Tho e Xuan Thuy a ceder perante Kissinger em Paris. Como de costume, a utilização da força americana não demoveu os norte-vietnamitas. O próprio Le Duc Tho se referiu às dificuldades nas conversações como consequência da determinação, ainda mantida por Nixon, de conseguir obter uma vitória militar. Entretanto, o antigo ministro da Justiça do presidente Johnson, Ramsey Clark, acusava, em Copenhague, o presidente Nixon, responsabilizando-o por «ter ordenado mais bombardeamentos do que qualquer outra pessoa na História». Clark levou à conferência da capital dinamarquesa a sua experiência pessoal, tendo relatado o que vira durante a sua estadia no Vietname do Norte: escolas, hospitais, zonas de habitação completamente destruídas pelos bombardeamentos. Clark relatou que vira um hospital destruído que não o poderia ter sido por engano. Esse hospital encontrava-se isolado de quaisquer outros edifícios no meio de um campo. Não havia qualquer instalação militar ou fabril nas redondezas. Por outro lado, o antigo ministro americano declarou-se convencido de que os bombardeamentos dos diques fora propositado. Visto tudo isto, é legítimo pensar que a paz pode ainda estar muito longe. Ao contrário do que Nixon parece acreditar, é a deterioração da situação militar (para os EUA e os seus amigos de Saigão) no Sul que acabará por levar à conclusão da guerra e não os bombardeamentos a norte da zona desmilitarizada.

Le Duc Tho

SEGUNDA-FEIRA

O presidente Philibert Tsiranana, o «pai da independência» de Madagáscar, viu-se privado do seu título, ao fim de 14 anos à frente da República Malgaxe. O general Gabriel Ramanantsoa passa a ocupar a presidência nos próximos cinco anos. Foi o fecho institucional das perturbações e alterações que começaram em Maio em Tananarive. Um surto de aguda agitação estudantil, logo seguido de grandes manifestações populares e de uma greve geral, obrigaram então Tsiranana a demitir-se das suas funções, mas não do cargo. Ramanantsoa juntou agora a «fama ao proveito». De certo modo, poder-se-á dizer que, sendo embora um afastamento da política demasiado ligada aos interesses da antiga potência colonial e da política de «boa vizinhança» com a África do Sul, a actual situação em Madagáscar não difere fundamentalmente da anterior. Vitorioso de início, o movimento de Maio veio a ser desvirtuado em muitas das questões então consideradas fundamentais.

Kissinger

TERÇA-FEIRA

Ficou provado que adeptos de Nixon, durante a campanha para as eleições primárias, se imiscuiram nas hostes democráticas no intuito de sabotarem a acção da oposição, o que teriam conseguido nalguns pontos. O incidente, não constituindo grande surpresa, é revelador do clima em que se desenrola a política na democracia americana. Mais revelador ainda é o facto deste tipo de casos não provocar qualquer reacção por parte do público. É que os cidadãos consideram a política como uma coisa suja, sendo pois natural que se façam sujidades. Faz parte. É um perigoso sintoma de despolitização. Despolitização pelo sentimento de incapacidade para alterar o que, sendo sujo, comanda o dia-a-dia.

QUARTA-FEIRA

A China Popular e a Alemanha Federal estabeleceram relações diplomáticas. As autoridades de Pequim sublinharam na altura o facto da China ter normalizado, ou melhorado substancialmente num espaço muito curto de tempo, as suas relações com os países industrializados do mundo. Foi também focado, por altura da visita de Walter Scheel a Pequim, o desejo chinês de fortalecer as suas relações com o Mercado Comum. Lembrou-se, por exemplo, que, quando a China e a Itália assinaram um acordo comercial, as autoridades chinesas o preferiam ter assinado com o Mercado Comum e não apenas com um dos membros dessa organização comercial de países de economia de mercado. Trata-se aparentemente de mais um reflexo das divergências sino-soviéticas. Enquanto Moscovo saúda o «não» norueguês e manifestamente se entristece com o «sim» dinamarquês, Pequim rejubila com as suas relações com as potências industrializadas, lamentando não poder relacionar-se mais estreitamente com o Mercado Comum. Talvez ainda venha um dia. Não tem já a Jugoslávia um acordo com aquela comunidade?

QUINTA-FEIRA

Lei marcial em dez províncias do Chile. Motivo: uma greve considerada ilegal __ pelo governo e pelo Supremo Tribunal que lhe é anterior __ dos proprietários de camiões, depois do governo ter anunciado a intenção de criar uma empresa de transportes estatal no sul do país. Em boa verdade, a palavra greve, que tem sido utilizada a torto e a direito neste caso em toda a imprensa, está mal aqui. Trata-se de um «lock out», pois foram os patrões que a decidiram, não havendo divergência de caracter sindical ou de reivindicação de assalariados. Para sublinhar o carácter patronal da movimentação, refira-se que 4.000 motoristas responderam afirmativamente ao apelo de Salvador Allende para tripularem os camiões que se encontravam parados. A Unidade Popular, entretanto afirmou que o «lock out» se inscreve num plano da direita para perturbar a situação no país de forma a melhor poder derrubar o actual governo de esquerda.

SEXTA-FEIRA

Paulo VI dirigiu-se aos sacerdotes e religiosos que trabalham nos meios trabalhadores, advertindo-os de que corriam o perigo de se tornarem escravos dos «mitos de libertação». O Papa tornou-se intérprete daqueles que temem estar parte da igreja a caminhar por vias cada vez mais radicais de luta muito terrena. Já em tempos os «padres operários» preocuparam a hierarquia. Mas, então, tratava-se de casos mais ou menos isolados. Além disso, a maior parte dos «padres operários» que deram que falar acabaram por perder a fé, não colocando em perigo a estabilidade da Igreja. Hoje é um amplo movimento de dentro, que não pretende sair, mas modificar.

SÁBADO

Hector Campora, o lugar tenente de Juan Peron, regressou à Argentina, depois de mais uma série de conversas com o seu chefe. Perón parece decidido a regressar à pátria, não se sabendo ainda quando se verificará esse regresso. Entretanto, numa entrevista à RAI, o antigo ditador argentino afirmou recear que o seu país se visse envolvido numa guerra civil, caso não se passasse rápidamente a um governo escolhido democràticamente. O programa em dez pontos proposto por Peron, preconiza, entre outras coisas a libertação de todos, mas todos, os presos políticos. Essa reivindicação, ao que parece, tem provocado um certo retraimento por parte do governo militar de Alejandro Lanusse.

A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

ÚLTIMAS EDIÇÕES

NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS

por *Gilberto Freyre*

Um estudo de grande envergadura do renomado mestre da Sociologia brasileira, em que se abordam situações e problemas da maior actualidade em face da crescente importância que as áreas tropicais vêm adquirindo nos últimos anos.

Col. «Livros do Brasil» *Preço: 65$*

O IMPRESSIONISMO

por *Jean-Dominique Rey* e *J. E. Bersier*

O Impressionismo é o tema deste novo volume da colecção PRÓ ou CONTRA, tema que é analisado sob dois ângulos por dois especialistas: Jean-Dominique Rey (a favor) e Jean Eugène Bersier (contra). A tradução foi confiada a Rui Mário Gonçalves outro especialista no campo das artes plásticas.

Col. «Pró ou Contra» — vol. 9 *Preço: 25$*

BATALHA AMARGA

por *Frederik Pohl*

Mais uma história empolgante que vem enriquecer o já vasto acervo das grandes obras que compõem a Colecção «Argonauta».

Col. «Argonauta» — Livro de bolso *Preço: 15$*

À VENDA NAS LIVRARIAS E TABACARIAS
edições da
LIVROS DO BRASIL
Rua dos Caetanos, 22 — LISBOA